

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Entre *prezas* e *rolês*: pixadores e pixações *de / em* Belo Horizonte

Rodrigo Amaro de Carvalho

Versão revisada da Dissertação
apresentada ao programa de Pós-
Graduação em Antropologia Social da
Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal de
Minas Gerais, para obtenção do título
de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Andrei Isnardis Horta
Co-Orientador: Prof. Dr. Leonardo H. G. Fígoli

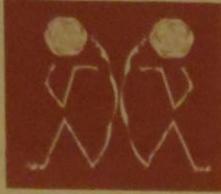
Belo Horizonte
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Entre *prezas* e *rolês*: pixadores e pixações *de / em* Belo Horizonte

Rodrigo Amaro de Carvalho

Belo Horizonte
2013



PPGAN - UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-graduação em Antropologia

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado em Antropologia de RODRIGO AMARO DE CARVALHO (Nº DE MATRÍCULA: 2011652957)

Aos 21 (vinte e um) dias do mês de janeiro de 2013 (dois mil e treze), reuniu-se no Auditório Prof. Bicalho, F-1003 - 1º andar do prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais a Comissão Examinadora, para julgar, em exame final, a Dissertação intitulada: **"ENTRE PREZAS E ROLÊS: pixadores e pixações de / em Belo Horizonte"**, requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Antropologia, Área de Concentração: Antropologia Social - Linha de Pesquisa: Antropologia das Sociedades Complexas. A Comissão Examinadora foi composta pelos professores doutores: **Andrei Isnardis Horta – Orientador (PPGAN-FAFICH/UFMG); Leonardo Hipólito Genaro Fígoli – Co-Orientador (PPGAN-FAFICH/UFMG); Ana Lúcia Modesto (PPGAN-FAFICH/UFMG) e Alexandre Barbosa Pereira – (UNIFESP)**. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Andrei Isnardis Horta, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao mestrando Rodrigo Amaro de Carvalho, para apresentação de sua Dissertação. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após a arguição dos examinadores, a Comissão se reuniu, sem a presença do mestrando e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora aprovaram a Dissertação por unanimidade e o resultado foi comunicado publicamente ao candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 21 de janeiro de 2013.

Prof. Dr. Andrei Isnardis Horta
(orientador)

Prof. Dr. Leonardo Hipólito Genaro Fígoli
(Co-Orientador)

Profa. Dra. Ana Lúcia Modesto

Prof. Dr. Alexandre Barbosa Pereira

Observação: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo do Coordenador

Prof.ª Dr.ª Maria Jacqueline Rodet
Sub-coordenadora
Programa de Pós-graduação em
Antropologia - FAFICH/UFMG

Ficha Catalográfica

CARVALHO, Rodrigo Amaro de Carvalho

Entre prezas e rolês [manuscrito] : pixadores e pixações de / em Belo Horizonte / Rodrigo Amaro de Carvalho CARVALHO. - 2013.

204 f. : il.

Orientador: Andrei Isnardis Horta HORTA.
Coorientador: Leonardo Hipolito Figoli FIGOLI.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social.

1.Pixadores . 2.Socialidades . 3.Representações do espaço urbano.
4.Consumo Cultural. I.HORTA, Andrei Isnardis Horta. II.FIGOLI, Leonardo Hipolito Figoli . III.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH. IV.Título.

Agradecimentos

Em um trecho de uma letra de *Rap*, de inspirações claramente deleuze-guattarianas, meu estimado e incentivador amigo Roger Lambert canta a seguinte afirmação: “sou encontro de muitos outros, sou multidão”. Do mesmo modo, minha dissertação de mestrado também é o resultado de muitos encontros. Quando decidi fazer o mestrado em Antropologia Social na FAFICH/UFMG me vi diante da necessidade de delimitar um determinado objeto de estudo e, conseqüentemente, colocá-lo no papel, na forma de um Projeto de Pesquisa. Tal projeto foi sonhado dentro do Ônibus da linha 2004, em meus corriqueiros trajetos da Zona Sul de Belo Horizonte – onde se localiza a sede do escritório da UFV – para o Campus da UFMG, na Zona Norte de Belo Horizonte. Assim, nos anos de 2008, 2009 e 2010 participei de inúmeros eventos de Ciências Sociais nesta instituição. Tais viagens me permitiram conhecer a paisagem urbana de Belo Horizonte, me trazendo a inquietação necessária para construir o Projeto de Mestrado, que agora se apresenta concluído em forma de dissertação.

Para tanto, gostaria de agradecer a muitas pessoas que, nessa jornada de mais de 3 anos, colaboraram para a concretização desse trabalho. Minha pesquisa, provavelmente, seria inviável sem a ajuda e orientação dos Professores Douglas Mansur e Marcelo Oliveira do Curso de Ciências Sociais da UFV, que muito contribuíram com os meus primeiros passos na Antropologia Social, e, conseqüentemente, no meu ingresso no mestrado. Neste mesmo período, também, fui muito ajudado por Alexandre Barbosa Pereira, que na ocasião, abriu as portas do Núcleo de Antropologia Urbana da USP para a minha breve participação, contribuindo assim para a minha incipiente formação de antropólogo urbano.

Com fervor e emoção agradeço aos meus amigos Igor Mariano, Alysson Costa, Marcos Volpin que me auxiliaram muito durante o Processo Seletivo do Mestrado, e durante todo o curso desta pesquisa. Sou muito grato também aos meus irmãos de República, Luis Felipe Bassi e Evelin Nascimento, que durante esses tempos foram muitíssimos companheiros e pacientes com os meus problemas pessoais, dilemas e inquietações.

Gostaria de externar minha imensa gratidão e satisfação de ter sido orientado pelo Professor e amigo Andrei Isnardis Horta, que muito me auxiliou nessa jornada, me apoiando e me orientando em questões que transcendiam os limites da minha dissertação. Sempre compreensivo e respeitoso com as necessidades e imprevistos que me foram colocadas por questões externas às demandas convencionais de uma pesquisa acadêmica. De grande valia também foi o auxílio dado pelo meu co-orientador Leonardo Fígoli, com quem tive o prazer de aprender muito. Agradeço também aos meus colegas de turma que sempre se mostraram curiosos e dispostos a contribuir com o meu tema de pesquisa.

Igualmente, sou muito grato ao meu amigo Felipe Riccio, meu grande incentivador nestes dois anos de luta vividos na cidade de Belo Horizonte. Gostaria de demonstrar também a minha imensa gratidão aos meus colegas geógrafos, que do mesmo modo estabeleceram uma pesquisa sobre este tema, Rodrigo Guedes e Sergio Alcantara. Mesmo com tão pouco tempo para nos encontrarmos e debatermos nossas pesquisas, nossos reduzidos encontros sempre rendiam conversas mais que rentáveis para minha dissertação. Só consegui realizar a presente pesquisa dentro do prazo estipulado pelo Programa, devido à bolsa de incentivo a pesquisa concedida pela FAPEMIG e pela CAPES(REUNI), que além de custear e financiar a minha pesquisa etnográfica me possibilitou obter uma valorosa experiência docente junto aos graduandos do Curso de Antropologia.

Mais do que agradecer, dedico esse trabalho a minha amada companheira Juliana que, incondicionalmente, me apoiou e sempre confiou em minha capacidade, colocando sempre um sorriso no meu rosto e enchendo o meu peito de alento com seu jeito cativante e bem humorado de ser. Ainda, gostaria de fazer uma menção especial à minha família, aos meus pais Eli e Hilda, e aos meus irmãos Camilo e Eliana, que sempre me apoiaram e me supriram com tudo que precisei, mesmo sem nem saber do que se tratava a minha pesquisa. Agradeço a todos pixadores que contribuíram para a minha pesquisa de alguma forma. Em especial, dedico este trabalho à Família MF. Este trabalho, seria inviável se não fosse pela ajuda dos Malucos do Floresta. Um salve para a Elite Sinistra/Malucos Family. “ES/MF é a Família”.

Resumo

A presente pesquisa buscou apresentar uma etnografia dos pixadores na/da cidade de Belo Horizonte, com objetivo, em linhas gerais, de investigar e compreender seus modos de socialidades, as suas representações e usos da cidade, e, conseqüentemente, as territorialidades criadas por estes agentes a partir de seus trajetos e intervenções em meio à paisagem citadina. Abordamos ao longo da pesquisa o modo como os pixadores dominam todo um conjunto de saberes em torno da prática da pixação, o que nos permitiu mostrar uma correspondência entre: estilos, materiais, técnicas e suportes. Discutir esta questão foi de suma importância para pensarmos como, ao longo da história, foram mantidas as socialidades entre estes grupos, bem como para pensar o intercâmbio com o estilo *carioca* e o *paulista*. Dessa maneira, de forma mais enfática, pudemos defender a tese de que, apesar dos intensos intercâmbios estilísticos, a pixação belo-horizontina construiu seu próprio estilo. Ademais, discutimos os distintos momentos em que a pixação mineira extrapola os limites da paisagem da capital belo-horizontina. Abordamos mais um espaço de socialidades importante dentre os pixadores, qual seja, as festas de pixação. Posteriormente, tratamos das ocasiões em que os pixadores se reúnem em torno do lançamento dos DVDs especializados, que retratam a prática da pixação. Na sequência, exploramos o fenômeno da pixação como consumo cultural, com o intuito de problematizar como os pixadores produzem os seus próprios produtos, de modo que ficará claro para o leitor como esta produção é complementar a constituição da pessoa do pixador. Por fim, discutimos como são ambíguas as relações estabelecidas pelos pixadores com os veículos de comunicação, a partir de uma abordagem mais ampla do fenômeno, com o intuito de investigar e problematizar o fato dado de que a pixação é tida como uma forma de *desvio social*.

Palavras-chave: pixadores, pixações, representações do espaço, socialidades, consumo cultural

Abstract

This research sought to present an ethnography of the pixadores in/the city of Belo Horizonte, aiming, in general, to investigate and understand their modes socialities, their representations and uses of the city, and therefore the territorialities created by these agents from their paths and interventions through the cityscape. We approached along the way search pixadores dominate an entire set of knowledge around the practice of graffiti, which allowed us to show a correspondence between: styles, materials, techniques and supports. Discuss this issue was very important to think about how, throughout history, were maintained socialities between these groups, as well as to consider the exchange with the style of São Paulo and Rio de Janeiro. Thus, more emphatic, we defend the thesis that, despite the intense exchanges stylistic pixação Belo Horizonte built his own style. Moreover, we discuss the different times when graffiti mining beyond the limits of the landscape of the capital Belo Horizonte. We cover an area of more important socialities among pixadores, namely the festive graffiti. Later, handle times when pixadores gather around the launch of specialized DVDs that portray the practice of graffiti. Further, we explore the phenomenon of graffiti as cultural consumption, in order to discuss how pixadores produce their own products, so it will be clear to the reader how this production is complementary to the constitution of the person pixador. Finally, we discuss how the relations are ambiguous established by pixadores with the media, from a broader approach to the phenomenon, in order to investigate and question the given fact that graffiti is seen as a form of social deviance .

Key Words: street writers, tags, representations of space, socialitys, cultural consumption

Sumário

Introdução	13
CAPÍTULO 1 – <i>PREZAS E ROLÊS</i> PELA METRÓPOLE – regras internas, representações e usos do espaço urbano	20
1.1 – Apresentação preliminar da pixação de Belo Horizonte	20
1.2 - Os primeiros contatos com os pixadores em Belo Horizonte	42
1.3 – O espaço de socialidades dos pixadores: uma etnografia no Duelo de MC's	53
1.4 – De <i>rolê</i> pela metrópole com os Malucos do Floresta.....	59
CAPÍTULO 2 - A PIXAÇÃO DE/EM BELO HORIZONTE	73
2.1 - Um pouco da história das “inscrições urbanas”	74
2.2 - A gênese das “inscrições urbanas” em Belo Horizonte	79
2.3 - Entre o Rio de Janeiro e São Paulo: a pixação de/em Belo Horizonte	86
2.4 – Estilos, suportes, materiais e técnicas – ainda entre o Rio de Janeiro e São Paulo	97
2.5 - Classificando e organizando as <i>galeras</i> – um exercício comparativo entre as pixações de Belo Horizonte e São Paulo	115
2. 6 - Multiterritorialidade e Nomadismo: por uma socialidade da pixação em Belo Horizonte	123
CAPÍTULO 3 – QUANDO A PIXAÇÃO ESTÁ PARA ALÉM DOS MUROS....	143
3. 1 - Quando pixar é festejar	143
3.2 – Luz, Câmera e (pix)ação	152
3.3 – A pixação como consumo cultural	159
3. 4 - Pixação e Mídia: tensões, apropriações e desvio social	166
“RABISCANDO” ALGUMAS CONCLUSÕES.....	187
Referências Bibliográficas.....	194
Referências na internet	201

Índice de Figuras:

Figura 1 - COSSI no papel.	23
Figura 2 – COSSI no muro. Avenida Rajagabaglia.	23
Figura 3 - PAVOR, PVL, OP e JL. “Viva ao Pixo”	25
Figura 4 - COSSI <i>quebrando</i> GOMA.	27
Figura 5 - GOMA, SODA BN e GINK, COISA MF. GOMA: “Quebra lá”.	27
Figura 6 - NOK RZN (Rebeldes da Zona Norte) para REBO.	29
Figura 7 - No centro da imagem, duas <i>prezas</i> conjugadas: COISA + SABRE = COISABRE.	30
Figura 8 - Da esquerda para a direita, “Os Piores de Belô”, ARKE, POCI e IKO. “O 1º de 2009”.	31
Figura 9 - Na imagem superior, LIS. Na imagem abaixo LIS, seguido de ROLS.	33
Figura 10 - KONE, DAM, SNEXS – FMG + JK – “Tira o Zoi João M...!”	35
Figura 11 - <i>Folhinha</i> com as inscrições de LEO CPG, FUGA GVA, SABRE DME, JIM DB, GG PE01, COISA VS MF, ROLS CF e LORA BN.	38
Figura 12 - COSSI BM e GOMA BN.	40
Figura 13 - No alto da imagem, à direita, a <i>preza</i> do renomado pixador COSSI.	41
Figura 14 - SLIM e PAVOR.	50
Figura 15 - Na parte alta, GINK do lado esquerdo e COISA do lado direito. Abaixo, FAIN do lado esquerdo e do lado direito a sigla MF.	62
Figura 16 - Na parte superior, na horizontal, temos a <i>preza</i> GINK. No lado direito, na vertical, de cima para baixo, respectivamente, FAIN, COISA. Por fim, ao lado esquerdo, também na vertical, a sigla MF.	66
Figura 17 - FAIN, VITE, GINK, COISA (MF) e NICS (FH) - 2012	70
Figura 18 - A <i>preza</i> do reconhecido pixador JIRAIA fora mencionada por GINK, como marco de localização espacial na referida ação.	71
Figura 19 - Grapixo feito pelos pixadores SADOK e GOMA.	78
Figura 20 – “Hora dos Vândalos” – Skilo – GBS/PE.	82
Figura 21 - COSSI – BM/GSD/TOG, 1999.	83

Figura 22 - Folhinha de meados da década de 90. INXS GBS/CMA/PE 001 e SR GBS/PE 095.	84
Figura 23- Prédio na Avenida São João, no centro da capital paulista.	88
Figura 24 - Inscrição do lendário pixador, belo-horizontino, INXS, co-fundador da PE – Pixadores de Elite, no estilo <i>carioquinha</i> . (GBS - Geração Blue Sky)	89
Figura 25 - Pixações em um prédio localizado na Avenida dos Andradas, centro de Belo Horizonte.....	90
Figura 26 - De cima para baixo, <i>prezas</i> do pixador COISA no estilo <i>paulista</i> , <i>mineiro</i> e <i>carioca</i> (<i>carioquinha</i> , <i>emboladinha</i>).....	92
Figura 27 - CRIPTA (SP) e SADOK (MG).....	94
Figura 28 - Inscrição feita por GOMA BH – 2012 – em um viaduto da capital paulista.....	95
Figura 29 - <i>Preza</i> marcada por ARKE nas imediações da cidade de Viçosa (MG).....	95
Figura 30 - GOMA (BN), PINGO (5*) e LEO (CPG).....	96
Figura 31 - GUST (JRS), FIGO (BN) e PAVOR (PVL) e ERROR.....	101
Figura 32 - COSSI, TAKO, ROI e TAF, no estilo <i>paulista</i> , aproveitando até o teto das varandas. Avenida Amazonas.	106
Figura 33 - Alguns dos materiais utilizados pelos pixadores.	107
Figura 34 – <i>Preza</i> de GOMA com borrifador em um muro de arrimo na Avenida dos Andradas.	109
Figura 35 – De rolinho, na parte superior MB – BONG, RAIF e ZIH. Com o mesmo material, mas com a técnica do <i>cabão</i> , na parte inferior, ARKE, SADOK e IKO.	110
Figura 36 - ROLS CF e PAVOR PVL na Avenida dos Caetés, Centro de Belo Horizonte.	111
Figura 37 - Inscrições feitas com bicos diferentes pelos pixadores ZOCK, PAVOR e CRAC na Avenida São Paulo, bem em frente ao <i>Olho Morto</i>	113
Figura 38 - Uma <i>cena</i> do final da década de 90, LEO e CAPS – CK e CPG 01. Avenida Antônio Carlos. Há quem diga que essa é a única <i>preza</i> de LEO com rolinho em Belo Horizonte.....	114
Figura 39 – Os Piores de Belô na Avenida Mem de Sá. SADOK, ARKE, LISK, FAMA, – CH, CSA, VMP e 5516.....	121

Figura 40 - Aliança entre as T. O.'s GBS e TOG – “A maior de Minas. Tem que respeitar”.....	125
Figura 41 - GG PE 02.....	127
Figura 42 - Convite da Festa Comemorativa do Aniversário de 15 anos da <i>galera</i> Banca Nervosa.	145
Figura 43 - Visão parcial do painel com a “lista de presença” dos pixadores.	146
Figura 44 - Na sequência: GAGO BN, ARKE CSA, CODE. “Quando nós chega nós apavora”.	147
Figura 45 - Bandeiras expostas nos fundos da quadra, durante a festa da BN.	149
Figura 46 - Cartaz de divulgação da festa de lançamento do DVD Marcas das Ruas, demonstrando uma das técnicas utilizada pelos pixadores.....	153
Figura 47 - Cartaz de lançamento do DVD 100 Comédia Brasil, com o cartão postal da pixação mineira ao fundo.....	155
Figura 48 - Cartaz de divulgação do lançamento do DVD FODA-SE.	157
Figura 49 - Camiseta da BN (Banca Nervosa). “Os 01 de Minas”.....	160
Figura 50 - GAGO exhibe seu boné da Banca Nervosa.....	162
Figura 51 - Cartaz do projeto Movimento Respeito por BH.	170
Figura 52 - GOMA <i>atropela</i> painel feito pelo grafiteiro IRON na Avenida Amazonas.....	172
Figura 53 - Na parte superior, um atropelo parcial de KC. Abaixo, na parte frontal da varanda, em azul: “KC → RANEX-FAMA!”.....	174
Figura 54 – DATE: Esse mês a cesta é por minha conta.	175
Figura 55 – “Espaco reservado para grafiteiros” nos muros de uma empresa – ARC – na Av. Antônio Carlos.	176
Figura 56 - Da esquerda para direita: GAGO, COSSI, ARKE e GOMA.	182
Figura 57- “Desrespeito o médico ausente, o filho do pobre aqui não é gente”.	183
Figura 58 - GAGO, TOSK – ZNO (Zona Noroeste), BN (Banca Nervosa) – “Prisão Perpétua pra esse fulano”.....	185



*“Sob o céu cor de prata,
Sobre o chão cinza chumbo...”*
(Nova Função – Racionais MC's
e Jhonny MC)

Introdução

A presente dissertação visa apresentar uma etnografia dos pixadores na cidade de Belo Horizonte, com objetivo, em linhas gerais, de investigar e compreender seus modos de socialidades, as suas representações da cidade, e, conseqüentemente, as territorialidades criadas por estes agentes a partir de seus trajetos e intervenções em meio à paisagem cidadina.

O tema de pesquisa que me proponho a apresentar neste texto vem sendo desenvolvido desde a graduação, em meados de 2009, a partir das discussões teórico-metodológicas do grupo de estudos CPC (Cultura e Poder na Contemporaneidade), sob orientação do Prof. Douglas Mansur (UFV) e com auxílio de Alexandre Pereira Barbosa, integrante do Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo – NAU-USP. Com o meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFMG, no ano de 2011, a etnografia, bem como discussões que foram gestadas ainda no período de graduação, puderam ser intensificadas, sob a orientação do Prof. Andrei Isnardis e co-orientação do Prof. Leonardo Figoli.

As dinâmicas urbanas e suas relações com os cidadãos há tempos são tidas como objeto de estudo relevante em meio às Ciências Sociais, despertando a atenção do olhar antropológico, como já nos chamava a atenção Claude Lévi-Strauss na obra *Tristes Trópicos* (LÉVI-STRAUSS, 2004), no qual o autor escreveu algumas de suas passagens sobre a cidade de São Paulo. (MAGNANI, 2008: p. 9) Segundo Roberto Da Matta, a rua é o espaço da “diversidade, possibilitando a presença do forasteiro, o encontro entre desconhecidos, a troca entre diferentes, o reconhecimento dos semelhantes, a multiplicidade de usos e olhares.” (DA MATTA, 1985: p. 45)

Na Antropologia Urbana o antropólogo tem a sua frente o “desafio de transformar o familiar em ‘exótico’, de forma a escapar do senso comum” (MAGNANI, 1993: p. 2), ou ainda, utilizando dos termos de Georg Simmel, o antropólogo deve superar a atitude *blasé*, dos “tipos metropolitanos” (SIMMEL, 1973: p. 15-17), treinando seu olhar, tentando perceber as práticas simbólicas

que fazem parte do espaço urbano, não se limitando à categoria de mero usuário da metrópole.

É impossível transitar pelas ruas da capital mineira e não se deparar com incontáveis e distintas formas de intervenções gráficas, algumas aparentemente ilegíveis, nas paredes, muros, e prédios que configuram o cenário urbano. Tais intervenções compõem a paisagem de Belo Horizonte há décadas, suscitando críticas e questionamentos em meio à população, mídia e órgãos públicos a seu respeito. Em linhas gerais, a pixação¹ tem como suporte a cidade, local onde o indivíduo se apropria do espaço a partir de inscrições monocromáticas feitas, geralmente, com *spray* ou rolo de pintura. Nesse sentido, a subversão pode ser vista como uma de suas características principais, seja ela politizada ou não, na medida em que a pixação não é uma prática aceita ou normatizada pela sociedade. Assim, partindo da perspectiva de alguns pixadores, esta forma de intervenção coloca em discussão padrões arquitetônicos e artísticos, e, sobretudo, o discurso da propriedade privada.

Preliminarmente falando, dentre as principais motivações mapeadas nas falas dos pixadores, podemos afirmar que estes jovens têm por intuito atingir a sociedade de alguma forma e, principalmente, conseguir notoriedade entre seus pares. Deste modo, é a partir de motivações como estas que os pixadores inscrevem suas alcunhas em paredes, muros, portas de aço, prédios, tomando-os como base para suas intervenções, criando assim novas formas de apropriação da cidade. A predominância masculina em meio à pixação é indiscutível, todavia, podemos mapear algumas pixadoras. Ademais, além do mapeamento da existência de algumas pixadoras, notamos também que as mulheres – pixadoras ou não – assumem uma relativa importância nesse

¹ Conforme o Dicionário Aurélio, o termo pichação é resumido como “versos, em geral de caráter político, escrito em muro de via pública”. Por sua vez, o Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa, define que *pichar* é “escrever ou rabiscar dizeres de qualquer espécie em muros, paredes ou fachadas de qualquer espécie”. Diferentemente dos significados expressos por ambos os dicionários, a *Pixação* escrita com “x” não carrega consigo o estigma social apontado pelos dicionários, bem como pelo senso comum. Sendo assim, de acordo com Alexandre Barbosa Pereira, em sua dissertação de Mestrado sobre os pixadores de São Paulo, “é assim que os pixadores escrevem e isso diferencia esta de outras formas de escrita na parede, portanto, de outras pichações” (PEREIRA, 2005: p. 9). Assim, ao longo da dissertação, as categorias nativas serão apresentadas ao leitor em *Itálico*. Já as categorias analíticas serão colocadas entre aspas.

complexo fenômeno, haja vista que estas frequentam e participam da dinâmica do principal espaço de sociabilidade dos pixadores, bem como das festas promovidas pelas *galeras*.²

Em termos comparativos, em Belo Horizonte, ao longo da nossa etnografia me deparei com um quadro distinto do contexto da pesquisa descrito por Alexandre Barbosa Pereira, na Introdução da sua Dissertação *De rolê pela cidade: os pixadores em São Paulo*. Creio que na capital mineira, por conta da prisão de seis pixadores - e o posterior enquadramento destes no artigo "Formação de Quadrilha", no ano de 2010 - da *grife*³ *Os Piores de Belô*, e devido também aos inúmeros esforços por parte dos Órgãos Públicos na captura destes agentes e da inibição da prática da pixação, motivada em parte pela proximidade dos grandes eventos futebolísticos - Copa das Confederações de 2013 e a Copa do Mundo de 2014 -, enfrentei grandes dificuldades para obter a confiança dos pixadores. Por conta deste contexto, tive que pensar em algumas estratégias para conseguir superar essas dificuldades. Assim, além do auxílio, indispensável, de alguns intermediários da minha pesquisa, pensando em uma das categorias nativas mais representativas dentre os pixadores, no caso, a categoria *ibope*⁴, concluí ser muito interessante para a pesquisa o uso da câmera fotográfica e de uma filmadora. Pois, com uso destes equipamentos, poderia estabelecer uma relação de troca com os pixadores, tendo em vista que estes têm muito interesse em divulgar as suas ações dentre seus pares e em meio aos veículos

² A categoria nativa *galera* se refere aos coletivos compostos pelos pixadores em prol de uma única inscrição, que é grafada, quase que unicamente, em forma de sigla. Assim, temos por exemplo: MF (Malucos do Floresta), CH (Comando Hell), MPC (Malucos Pixadores do Concórdia), dentre muitas outras. Ao longo da dissertação ficará mais claro como é complexa e distinta a composição das *galeras*. Outra categoria nativa importante, talvez a mais representativa e utilizada entre os pixadores, é a expressão *rolê*, que designa o ato de sair para pizar pela cidade. Mais adiante veremos como os pixadores se organizam e marcam os seus *rolês* pela capital mineira.

³ A categoria nativa *grife* se refere à união de várias *galeras* em prol de uma inscrição única. Assim, no grupo conhecido como Os Piores de Belô estavam agregados vários pixadores oriundos de várias *galeras*, como por exemplo, RALADO (DC), SADOK (CH), LISK (VMP), GOMA (BN), RANEX (RBF), ARKE (CSA), dentre outros.

⁴ A categoria nativa *ibope* é uma das expressões mais recorrentes nas falas dos pixadores. A mesma se refere à fama e ao reconhecimento dos pixadores entre seus pares. Desse modo, podemos afirmar que tal categoria nativa, tomada de empréstimo da Mídia, é resignificada pelos pixadores, mas, de certo modo, ambas dizem respeito a algo similar, isto é, à veiculação de notícias e ao índice de divulgação de algo. Neste caso, dentre os pixadores, a categoria diz respeito à fama e o reconhecimento dos mesmos entre seus pares.

de comunicação como *sites* que armazenam vídeos, jornais, revistas e redes sociais.

Ao longo da presente etnografia, como uma forma de me possibilitar a observação participante, me ofereci para fotografar e filmar as ações dos pixadores, em troca de acompanhá-los e ser, assim, percebido como alguém bem disposto e com boas intenções. Desse modo, em função da própria complexidade do objeto de pesquisa, bem como pelas próprias questões e dinâmicas inerentes à especificidade de cada trabalho de campo, me deparei com a necessidade de trabalhar com metodologias distintas, Antropologia da Imagem, bem como uma problematização acerca do uso e análise de entrevistas semi-estruturadas.

Neste sentido, já em uma das minhas primeiras incursões a campo me vi diante do seguinte desafio teórico metodológico, qual seja, como utilizar e conjugar distintos métodos de pesquisa – observação participante, fotografia, vídeo, entrevistas semiabertas - na busca por tentar captar a complexidade que gira em torno do ambíguo universo que é a pixação *de/em* Belo Horizonte. Deparei-me com o desafio de aprender a “ler”, produzir e interpretar as diferentes linguagens visuais utilizadas pelos pixadores. (FELDMAN-BIANCO, 1998: p. 12) Conforme Bela Feldman-Bianco, ao invés de utilizarmos a “dimensão imagética como documento da ‘realidade objetiva’ ou como mera ilustração de textos verbais”, ressaltamos aqui a

importância de dedicar maior importância aos significados culturais engendrados pelas imagens, bem como às formas como a produção e a leitura dessas imagens são mediadas. (FELDMAN-BIANCO, 1998: pg. 12)

Para alcançarmos tais objetivos, nos esforçamos antes de nos lançarmos em nossos trajetos pela *urbe*, na busca pelo registro imagético das ações dos pixadores, em observar e compreender como estes agentes registram suas próprias imagens. Dito de outro modo, procuramos, sobretudo, aprender os ângulos pelos quais os pixadores registravam suas próprias fotografias, bem como as próprias legendas que os mesmos atribuíam a elas. Objetivando entender, em resumo, como era o processo de captação, de

divulgação, de representação e, por fim, as repercussões que estas provocavam em suas redes sociais.

Influenciado por estas novas formas de se abordar e trabalhar os diferenciados recursos imagéticos que este tema nos proporcionou, observei que esta perspectiva nos permite “redefinir as relações entre pesquisadores e seus sujeitos”, ajudando a “dirimir oposições reducionistas entre subjetividade e objetividade na pesquisa”, uma vez que a abordagem e uso imagético que me propus a trabalhar aqui “questiona a postura neutra do ‘observador participante’”, concebendo que a pesquisa deve “ser o resultado da interação entre pesquisadores, pesquisados, produtos e contextos históricos”. (FELDMAN-BIANCO, 1998: p.12) Creio que, ao observar e utilizar das próprias imagens produzidas pelos pixadores, aprendemos a olhar como estes percebem a paisagem citadina, isto é, podemos captar um pouco de suas próprias formas de representação e apreensão do espaço urbano.

Em outras palavras, nossas análises e caminhos entre os recursos textuais e visuais, ora nos permitiram utilizar do texto imagético como ilustrações do texto verbal, e ora nos possibilitaram tomar como ponto de partida o texto imagético para enriquecer nosso texto verbal – através de uma estreita relação entre as nossas perspectivas e as miradas dos próprios pixadores, buscando alternar nossas próprias legendas para os recursos imagéticos utilizados ao longo do texto com as próprias legendas atribuídas pelos pixadores. Com efeito, pensando à luz do próprio fenômeno da pixação, e a partir das contribuições da pesquisa antropológica de Luciana Bittencourt, acreditamos que a imagem fotográfica pode contribuir para “ampliar a compreensão dos processos de simbolização próprios dos universos culturais com os quais os antropólogos se confrontam”. (FELDMAN-BIANCO, 1998: p.16) Procurando compreender os aspectos visuais da cultura, tratamos a fotografia como uma “descrição densa” (GEERTZ, 1989) tanto do processo imagético *per se* quanto do processo de atribuição de significados produzidos pelos atores sociais.

De todo modo, temos consciência aqui de que não estamos propondo nada novo. Todavia, também, estamos cientes dos limites do realismo atribuído à imagem fotográfica, que, mormente, foi relegada à mera condição de apêndice do texto escrito. E é tendo estas limitações em vista que concebemos que a imagem, de forma alguma, deve ser usada como uma técnica objetiva. Destarte, as imagens fotográficas representam perspectivas, tanto dos pesquisados, quanto dos pesquisadores. As imagens fotográficas

retratam a história visual de uma sociedade, documentam situações, estilos de vida, gestos, atores sociais e rituais, e aprofundam a compreensão da cultura material, sua iconografia e suas transformações ao longo do tempo. (BITTENCOURT, 1998: p. 199-200)

Neste íterim, além de acompanhar os jovens em algumas de suas ações pela cidade, frequentei o principal espaço de socialidades dos pixadores semanalmente, além de participar das festas promovidas pelas *galeras*. Tais vivências me proporcionaram uma proximidade com os pixadores, o que me permitiu lançar mão de outras metodologias de pesquisa, tais como a efetivação de entrevistas semi-estruturadas em conjunto com o debate de algumas imagens de pixações coletadas em minhas andanças e em meus trajetos em meio à metrópole com os agentes desta pesquisa.

Destarte, gostaria de destacar que os dados coletados nas entrevistas, se comparados com os outros dados etnográficos, constituem um material de análise bastante residual. Dito de outro modo, as entrevistas foram efetivadas quando a pesquisa já estava bem avançada, com o intuito de investigar questões que não haviam ficado claras pelos outros instrumentos de pesquisa, buscando dar mais consistência a nossa argumentação.

Em resumo, o material coletado me permitiu problematizar como estes jovens pensam e se organizam em meio ao espaço urbano, haja vista que estes têm os seus próprios modos de apropriação da cidade. Ademais, os dados etnográficos, também nos possibilitaram entender as dinâmicas e regras internas aos grupos – *galeras*, pois, analisando os escritos antropológicos a respeito da pixação de São Paulo, bem como a partir de uma abordagem

diacrônica da pixação mineira, pudemos perceber uma transformação organizacional dos mesmos.

CAPÍTULO 1 – PREZAS E ROLÊS PELA METRÓPOLE – regras internas, representações e usos do espaço urbano

No primeiro capítulo de nossa dissertação, primeiramente, introduziremos o leitor no universo da pixação, buscando apresentar suas principais categorias nativas, de modo que os próximos capítulos se tornem mais fáceis de se compreender. Feito isso, descreveremos como foram estabelecidos os primeiros contatos de nossa pesquisa, indicando o quanto foi importante a ajuda de alguns intermediários e interlocutores, além de destacar alguns pressupostos metodológicos que foram impostos pelas próprias dinâmicas do trabalho de campo.

Já no terceiro tópico, como desdobramento do tópico anterior, apresentaremos a observação participante feita no principal espaço de socialidades dos pixadores mineiros, qual seja, o Duelo de MC's. Por fim, no tópico derradeiro, após introduzir o leitor nas noções e regras mais básicas do fenômeno urbano que tomamos como objeto e, também, após apresentar como consegui estabelecer uma relação de confiança com determinados pixadores, apresentaremos nossas observações de algumas ações de uma *galera* de pixação específica de Belo Horizonte.

1.1 – Apresentação preliminar da pixação de Belo

Horizonte

À primeira impressão, a pixação pode parecer, para um transeunte desavisado, um fenômeno simples e homogêneo, mas, ao analisá-la com certa acuidade, percebemos que ela configura um todo complexo e diversificado de práticas simbólicas e significações, possuindo também peculiaridades em suas

formas de socialidade. Em busca de adrenalina, reconhecimento e, às vezes, como forma de protesto, seus praticantes se arriscam em meio à paisagem da metrópole. Estas motivações, de um modo geral, são as mais frequentemente citadas nas falas das entrevistas concedidas pelos pixadores, seja nas entrevistas efetivadas ao longo desta etnografia, seja em documentários, revistas especializadas e, também, nas redes sociais.

Diferentes são as formas de intervenções e apropriações que os pixadores estabelecem com a paisagem urbana. Contudo, valoriza-se a busca pelo maior número de inscrições, independentemente da natureza do suporte de que o autor está se apropriando em meio à cidade. No entanto, vale lembrar que quanto maior a dificuldade demandada pelos fatores limitantes da ação do pixador, tais como, sistemas de segurança privados, cercas elétricas, altura do prédio escalado, proximidade e patrulhamento da polícia, dentre outros, maior será o seu reconhecimento em meio aos pixadores da sua galera, bem como dentre as outras *galeras* de pixação – maior será o seu *ibope*.

Por se tratar de um tipo de escrita de difícil leitura, podemos inferir, de um modo geral, que a pixação de Belo Horizonte caracteriza-se como um estilo de comunicação fechada, uma vez que os pixadores, embora acabem também chamando a atenção da sociedade, pretendem se comunicar, na maioria das vezes, apenas com outros pixadores; contudo, em um momento oportuno, veremos que alguns grupos, além de registrarem suas alcunhas, estão, juntamente com estas, inscrevendo frases de protestos.⁵

Neste sentido, em função da dificuldade em ler as inscrições grafadas nos distintos suportes, podemos concluir que a fama e o reconhecimento, ou *ibope*, utilizando os termos do vocabulário da pixação, tão presentes nas falas das entrevistas destes agentes, se restringem ao reconhecimento de seus pares.⁶ Assim, a pixação, de certo modo, caracteriza uma forma de escrita e comunicação restrita a quem compartilha dos seus códigos e símbolos

⁵ Esta questão será abordada com uma maior acuidade no capítulo 3, que trata das relações externas da pixação mineira.

⁶ Na maioria das vezes, os suportes são escolhidos levando em conta a expressão comum utilizada pelos meios midiáticos, qual seja, *ibope*. Tal expressão foi ressignificada pelos pixadores, e diz respeito à fama, reconhecimento e a repercussão das suas ações e do próprio status do pixador entre seus pares.

culturais, somente sendo compreendida pelos atores que fazem parte deste *circuito*.⁷ (MAGNANI, 2007) A peculiaridade da pixação mineira, no que diz respeito à sua forma, pode ser percebida se comparada com qualquer pixação de outra localidade, pois ela pode ser vista como que transitando entre o estilo carioca e *paulista*.⁸

As marcas grafadas pelos jovens em meio à metrópole, em sua grande maioria, contêm o vulgo que identifica o autor – neste caso, designado pela categoria nativa *preza* -, somado com o nome do grupo ou coletivo, conhecido pela expressão *galera*, e em algumas vezes fazem alusão também à região onde está localizado o bairro onde o agente reside. Em alguns casos também os agentes ainda escrevem frases que podem variar, grosso modo, entre um breve relato da intervenção ou, simplesmente, frases que contenham alguns lemas famosos entre os pixadores, envolvendo temas como *relacionalidades*, polícia, *ibope*, trechos de letras de *Rap*, protestos, dentre outros.

Os pixadores, e suas respectivas *galeras*, se dedicam na criação e no aperfeiçoamento de suas *prezas*. Sobre esta taxativa, ouvi inúmeras vezes os pixadores comentando sobre a estética das *prezas* de outros pixadores, e em menor grau sobre as alcunhas escolhidas por outros pixadores. Neste processo, de acordo com o relato dos pixadores, após escolherem suas inscrições, inicialmente, se dedicam a praticar as mesmas em folhas de papel.

Com o tempo você passa a ir treinando em caderno as caligrafias, os estilos de letras, até você adquirir a curiosidade de viver aquilo no mundo real, que é você sair para fazer uma pixação na rua, com o spray e tal, quando aí passa a ser uma coisa ilegal mesmo. Porque querendo ou não, quando você pixa ali no caderno, ninguém vai querer pôr a mão em você.

⁷ A categoria analítica “*circuitos* de jovens” do antropólogo José Guilherme Magnani privilegia a inserção destes [jovens] na paisagem urbana, analisando “onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, além dos parceiros com quem estabelecem relações de troca” (MAGNANI, 2007: 18, 19, grifo nosso). Dessa maneira, após estabelecer esta breve discussão teórica, concluímos que se faz necessário trabalhar, nos tópicos seguintes, com a perspectiva proposta pela categoria referida anteriormente, haja vista que ela permite relacionar as distintas formas de usos e apropriações da paisagem urbana pelos jovens, com os diversos sentidos atribuídos pelos pixadores à metrópole, bem como também suas diversas práticas simbólicas e formas de socialidade.

⁸ As características estéticas que distinguem, claramente, as pixações mineiras, cariocas e paulistas ficarão mais claras na seção que busca estabelecer um resgate histórico da pixação belo-horizontina.

Após criarem certa familiaridade com as letras escolhidas que compõem a sua inscrição, os pixadores se lançam às ruas para inscrever as suas alcunhas pelos suportes urbanos. Com o passar do tempo, os mesmos, igualmente, ganham intimidade com os materiais utilizados, principalmente com o spray, que é o material que exige mais perícia por parte do pixador, e, assim, podem ganhar reconhecimento ou não por parte de outros pixadores. Deste modo, os pixadores relatam, constantemente, que outros pixadores, ao longo do tempo, começam a marcar *prezas doidas*⁹, e, ainda, falam sobre outros, que apesar de terem muito tempo de pixação, ainda assim, marcam *prezas* mal feitas. De qualquer forma, é importante destacar que, mesmo que o pixador alcance um alto domínio da sua inscrição, os mesmos continuam sempre marcando suas *prezas* em folhas de papéis, para pensar novas letras e exercitar suas inscrições e traços.

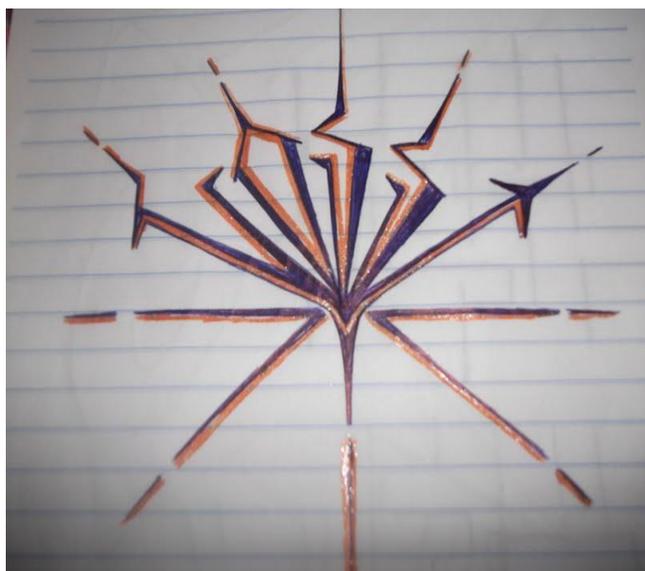


Figura 1 - COSSI no papel.



Figura 2 – COSSI no muro. Avenida Rajagabaglia.

As *prezas*, geralmente, variam entre três e cinco letras, podendo chegar a ter até 6 letras. Uma preza com 5 letras já é considerada pelos pixadores como sendo uma preza grande. Neste sentido, a maioria das *prezas* contém 4

⁹ Uma *preza* “das *doidas*” é aquela que é bem feita, executada com perícia e que possui valor estético dentre os pixadores.

letras, pois as *prezas* menores são feitas em maior velocidade, permitindo que o pixador a faça sem gastar muito tempo, livrando-o de um possível flagrante por parte de um Policial Militar, Vigilante ou por algum transeunte. Ademais, pude aprender junto com os pixadores que as inscrições são escolhidas, também, levando-se em conta as letras que a compõe, por exemplo, às vezes determinado pixador escolhe a sua alcunha, pois gosta de desenhar as letras “A”, ou “S”, dentre outras. Por conta disso, muita das vezes, alguns pixadores ao trocarem de preza, acabam por escolher outra inscrição que contenha pelo menos uma ou duas letras de sua *preza* antiga.

Já a expressão *grife*, em linhas gerais, designa uma aliança entre pixadores de distintas *galeras* que se unem sob um único nome, somadas ao próprio codinome do autor que a inscreveu. A gênese das *grifes* em Belo Horizonte remontam à criação da aliança entre aqueles que outrora eram tidos como os melhores pixadores de Belo Horizonte, compondo a *grife* conhecida pela sigla PE (Pixadores de Elite), que atualmente voltou à ativa. Posteriormente, com a decomposição momentânea da PE, vemos entrar em foco o conflito entre os grupos *MB* (Melhores de Belô) e os Piores de Belô. Muitas são as versões acerca do mito de origem do conflito, mas não se faz objetivo aqui discutir quais foram de fato as verdadeiras raízes desta disputa. Aqui pretendemos chamar a atenção para a existência de conflitos entre – e também dentre - as *grifes* que fazem parte dos enlaces dos agentes da pixação. Nessa trama de conflitos, podemos observar o caráter heterogêneo da pixação de Belo Horizonte, dentro de um todo complexo que possui suas próprias dinâmicas. Dessa forma, a *grife* figura como um fator agregador, entre os jovens que estabelecem a prática da pixação, quando ocorrem conflitos dentre os pixadores.



Figura 3 - PAVOR, PVL, OP e JL. “Viva ao Pixo”.

Na imagem acima, em maior destaque, temos a *preza* PAVOR, grafada com a caligrafia *paulista* e com *rolinho*, que designa a marca individual do pixador. À esquerda e no alto, a sigla da *galera*, neste caso, a PVL (Pindorama Vida Loka). Podemos observar na mesma imagem também a alusão a duas *grifes* diferentes. Abaixo da sigla anteriormente citada, dentro do círculo, a sigla JL (Janeleiros Loucos)¹⁰, e dentro da letra “O”, que compõe a *preza* PAVOR, a letra “P” estilizada, somada à mesma que a circunscreve, remete à *grife* OP (Os Piores)¹¹. Já do lado direito, observamos PAVOR escrevendo a apologética frase: “viva ao pixo”. Ainda sobre a imagem em destaque, o suporte escolhido por PAVOR, neste caso, o vagão cargueiro do Trem, é bastante visado pelos pixadores, pois este leva a inscrição do pixador para outras localidades,

¹⁰ A JL (Janeleiros Loucos) é uma *grife* que agrega os pixadores que gostam de fazer intervenções em janelas (*janelinhas*) com *gradinhas* de segurança.

¹¹ Nas redes sociais pude acompanhar, por um bom tempo, uma discussão acerca da legitimidade de quem podia ou não marcar as siglas OP (Os Piores) e PB (Piores de Belô). No senso comum, mormente, se confundem as duas *grifes*. Todavia, há uma diferenciação, haja vista que a sigla OP remete a uma aliança e a uma extensão da *grife* Os Piores de São Paulo na capital mineira, diferentemente da *grife* Os Piores de Belô que traduz uma união entre *galeras*/pixadores de Belo Horizonte.

divulgando muito mais a *preza marcada*, se compararmos com outros suportes mais comuns, como os muros e as portas de aço.

As socialidades da pixação mineira podem ser percebidas nos muros. Através das inscrições *marcadas* nos diferentes suportes, os pixadores se relacionam, demonstrando relações amistosas e também, relações conflituosas. A forma mais comum, simbolicamente falando, da qual um pixador lança mão para agredir outro pixador, é a prática conhecida como *atropelo*. O *atropelo* nada mais é que o ato de pixar a própria inscrição em cima de uma pixação já inscrita por outros pixadores. Os conflitos em meio à pixação, em sua grande maioria, giram em torno desta prática, e apesar de esta ser uma prática comum, constitui um ato violento e agressivo, gerando muita insatisfação do pixador, ou da *galera*, que teve sua pixação *atropelada*. A justificativa para não se *atropelar*, geralmente, gira em torno do reconhecimento das dificuldades próprias aos *rolês* dos pixadores. Assim, se todos correm os mesmos riscos, os pixadores não devem se sentir no direito de *atropelar* a *preza* de outro pixador.

Outro modo de agressão simbólica que poderíamos citar se refere ao ato de se *atravessar* a *preza* do pixador rival – prática também conhecida como *cortar*. Em outras palavras, diferentemente do *atropelo*, *atravessar* é o mesmo que rabiscar a *preza* que fora inscrita outrora por outro pixador ou, simplesmente, fazer um risco sobre a pixação que já ocupa determinado suporte. Resumidamente, uma *preza cortada* gera muita insatisfação e desconfiança por parte daquele que teve sua *preza* atravessada, pois quem a *cortou/atravessou* não deixa pistas para ser descoberto. Diferentemente da prática do *atropelo*, que, por seu turno, deixa claro a identificação do agressor.

Contudo, não é somente o *atropelo* e o ato de *atravessar* que caracterizam ações agressivas entre os pixadores. O ato de se pixar, por exemplo, na parte alta de uma marquise - ou em um andar superior de algum prédio - que já contenha uma *preza*, se colocando acima dela, também pode constituir um ato simbólico agudo para com o pixador que *pegou* o suporte primeiro. Neste caso, o valor é a altura. Pixar, nas alturas, mais alto do que o que ali já se via é um discurso explícito de que se fez mais, se fez algo mais

valeroso do que o pixador anterior havia feito. A categoria nativa que corresponde a esse ato é a categoria *quebra*. Sobre a busca dos lugares mais altos, bem como sobre o fascínio e inquietação dos homens com as grandes alturas, o antropólogo Mircea Eliade aponta que o alto é uma camada inacessível ao homem, portanto pertence por direito aos seres sobre-humanos. (ELIADE, 1992) Sendo assim, nesta busca literal pelo topo, em meio a estas agressões simbólicas, corriqueiras entre os pixadores, percebemos que existem categorias nativas que denotam agressões mais incisivas, como por exemplo, as categorias nativas citadas anteriormente, *atropelar* e *atravessar*.



Figura 4 - COSSI *quebrando* GOMA.



Figura 5 - GOMA, SODA BN e GINK, COISA MF. GOMA: "Quebra lá".

Por outro lado, a categoria nativa *quebrar*, caracteriza uma agressão simbólica que objetiva desafiar o outro pixador. Assim, o pixador que *quebra* a pixação do outro, ao mesmo tempo que demonstra um relativo respeito para

com o pixador que *pegou* determinado suporte primeiro, pois não inscreveu sua alcunha sobre a *preza* que já fazia parte daquela paisagem urbana, mostra para o mesmo que tem capacidade de ser mais audaz, pois conseguiu *marcar* a sua *preza* em um local mais alto, ou mais difícil que o primeiro.¹²

Na imagem destacada acima, na parte mais baixa temos as inscrições com os nomes abreviados das duas *galeras* que estavam presentes no *rolê*, quais sejam, a BN (Banca Nervosa) e a MF (Malucos do Floresta). Ao lado da sigla MF está inscrita em tinta spray branca, em letras que são legíveis para os leigos, a desafiadora e irônica frase: “*quebra lá!*” A frase foi escrita pelo renomado pixador GOMA BN, que segundo os relatos dos próprios integrantes da MF, foi quem *marcou* as *prezas* dos demais presentes nesta *cena*¹³, pois foi ele que efetivou a *escalada*.¹⁴ Podemos concluir que a frase possui um conteúdo desafiador e irônico, pois o mesmo fez questão de preencher todo o suporte, principalmente, a parte mais alta, não deixando espaço para ninguém *quebrar* a sua *preza*.

Além disso, ainda sobre a categoria nativa *quebrar*, é interessante notar como essa prática, específica entre os pixadores, traz à tona, e coloca no centro, *prezas* que já haviam sido esquecidas, ou pelo menos perdido o foco nas discussões dos pixadores, principalmente, no espaço do Duelo de MC's¹⁵, bem como nas redes sociais. Pude ouvir inúmeras vezes, neste local, os pixadores comentando que determinado pixador havia *pego* tal lugar, em que outro já havia *marcado* uma *preza* antes. Dessa maneira, a categoria *quebra* traz uma vitalidade às *prezas* que já possuíram destaque em outros tempos, pois as coloca em voga novamente em meio às discussões destes agentes.

¹² As categorias nativas *marcar* e *pegar* se referem ao ato de inscrever uma alcunha – *preza* - em um determinado suporte.

¹³ As expressões nativas *cena* e *questão* remetem a uma determinada ação que será ou que já foi efetivada pelos pixadores, por exemplo, a *cena* da Avenida do Contorno, ou a *questão* da Avenida dos Andradas. Pude perceber, no espaço de socialidades dos pixadores, que eles utilizam a expressão *questão* para não falar diretamente da localidade que os mesmos irão *pegar*. Os pixadores tem receio de falar do planejamento de suas ações pela cidade, por desconfiar que outro pixador possa *pegá-lo* primeiro.

¹⁴ A categoria nativa *escalada* diz respeito à técnica que possibilita o pixador *pegar* um prédio por fora. As técnicas e os materiais utilizados pelos pixadores serão melhor descritos em uma seção posterior.

¹⁵ O Duelo de MC's é um evento de *Hip Hop*, principalmente de *Rap*, que ocorre no centro da capital mineira, na parte baixa do Viaduto Santa Tereza, em frente à Serraria Souza Pinto, semanalmente, nas noites de sexta feira.

Como já foi dito, é em função destes conflitos que as *galeras* desempenham papel fundamental, pois a *galera* é para o pixador como uma *família*.¹⁶ E é por meio da inserção nestas *famílias* que estes agentes se relacionam com um número maior de pixadores e também se sentem seguros em meio aos corriqueiros conflitos, constituindo, assim, suas redes de socialidades dentro do *circuito* da pixação. (MAGNANI, 2007)

Observando a paisagem, pude perceber inúmeros exemplos que confirmam a afirmativa citada anteriormente. Nesse sentido, consegui mapear e registrar imagens de pixadores que, além de marcarem a sua própria *preza* e a sigla da *galera* da qual faz parte, dedica a sua inscrição para outro pixador. Também nos deparamos com um número considerável de inscrições dedicadas às mulheres.



Figura 6 - NOK RZN (Rebeldes da Zona Norte) para REBO.

¹⁶ Ouvi, inúmeras vezes, principalmente, dentre o grupo em que manteve maior contato, qual seja, a *galera* ES MF (Elite Sinistra – Malucos da Floresta), frases como: “ES MF é a minha *família*”, “MF é a *família*, desde 1999”. Ainda sobre esta assertiva, uma frase pixada por COISA parece ser representativa, onde o pixador suprime o nome do bairro Floresta da sigla MF pela palavra em inglês, que traduzindo significa família: “Malucos Family, 13 anos”.

Ademais, mapeamos também outra forma de inscrição que deixa entrever o quão são importantes as socialidades dos pixadores e como estas se inscrevem e se expressam nos muros da cidade. Assim, encontramos muitas *prezas* que são inscritas de um modo conjugado. Dito de outro modo, muitas das vezes, os pixadores inscreverem no *rolê* a sua *preza* em conjunto de outras, assim, duas inscrições se mesclam em uma só, por exemplo: GAGO e GOMA, vira GAGOMA; ou, então, COISA e SABRE, se torna COISABRE. Esse tipo de contração também pode ser percebida entre a junção das siglas de *galeras* e *grifes*; assim, JRM mais MB, resulta em JRM'B (Jovens Revoltados do Morro, Melhores de Belô), ou, então, CPG mais a *preza* GOMA, se torna CP'GOMA (Cruéis Piratas do Gueto e GOMA).



Figura 7 - No centro da imagem, duas *prezas* conjugadas: COISA + SABRE = COISABRE.

As relações dos pixadores se dão e se expressam nos muros. Assim, muitas inscrições que *a priori* aparentam expressar somente as informações mais corriqueiras, ou seja, a alcunha individual do pixador em ação e de sua *galera* – ou, ainda, talvez uma sigla que faça apologia a determinada *grife*, ou como destacamos anteriormente uma dedicação a outro pixador – as

inscrições desvelam inúmeras histórias interessantes. Dentre muitas histórias, gostaria de destacar três, por meio das imagens que por ora apresento nas páginas seguintes. Pensando nas próprias minúcias etnográficas do campo – neste caso, em específico, nos detalhes da paisagem citadina – e nas próprias histórias que as paredes e muros escondem daqueles que não fazem parte do *circuito* da pixação belo-horizontina, concluímos que é salutar o esforço de se reconstruir as mensagens simbólicas representadas nas imagens, pois a análise destas, conjugadas de forma harmoniosa e equivalente com outros métodos de pesquisa, nos permite perceber as relacionalidades dos pixadores, que extrapolam as dimensões dos seus espaços de socialidades.



Figura 8 - Da esquerda para a direita, “Os Piores de Belô”, ARKE, POCI e IKO.
“O 1º de 2009”.

Na imagem, a princípio, temos apenas três *prezas*, ARKE CSA (Comando Sempre Alerta), POCI e IKO. No entanto, analisando a terceira *preza*, podemos perceber que a mesma possui um ícone que, somente a partir das minhas observações participantes, pude compreender o que havia por detrás de tal inscrição. Observando a terceira *preza*, IKO, percebia que dentro

da última letra – “O” – existia um desenho que parecia representar um cadeirante, mas não conseguia ter certeza dessa minha interpretação inicial. Conversando com inúmeros pixadores descobri que, de fato, se tratava de um desenho que representava um portador de necessidades especiais. Tal representação é uma homenagem rendida pelo pixador ARKE ao seu amigo IKO, pois, este último, perdeu grande parte de sua capacidade locomotora após sofrer um acidente automobilístico em que ARKE era o motorista. Desde então, ARKE e, outros pixadores, marcam *prezas* para o (ex)pixador IKO pela cidade.

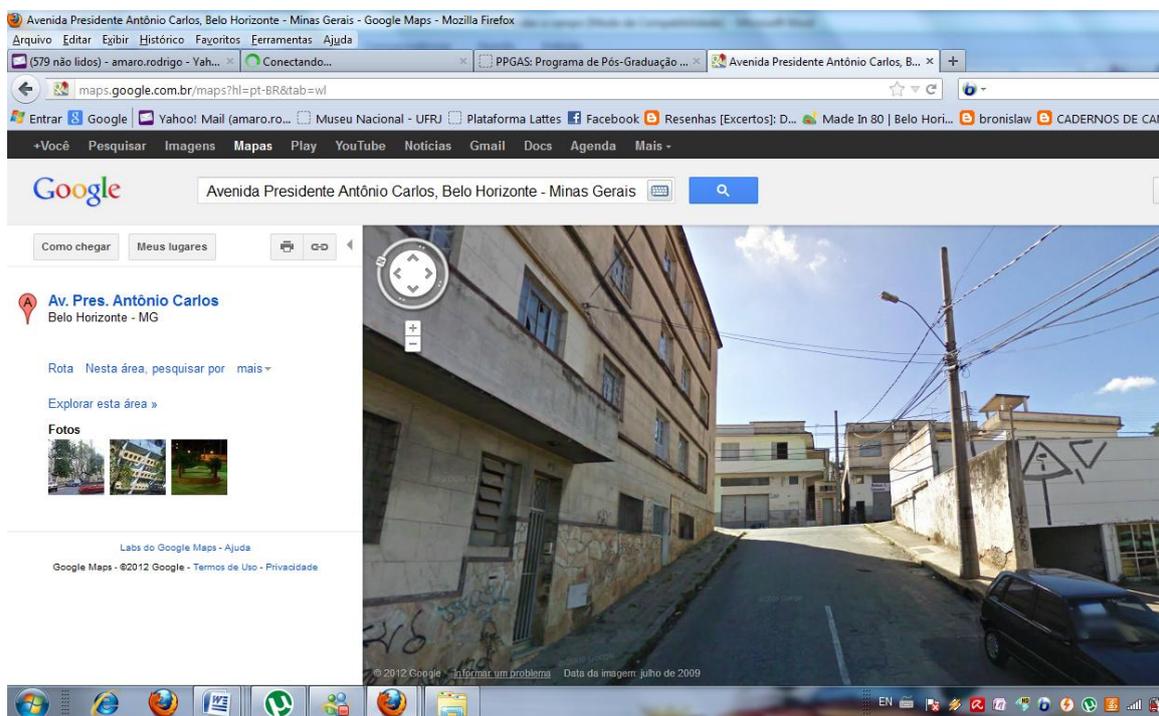




Figura 9 - Na imagem superior, LIS. Na imagem abaixo LIS, seguido de ROLS.

Já na imagem 8, na fachada de um Posto de Gasolina abandonado, localizado na Avenida Antônio Carlos, temos, da esquerda para a direita, uma parte da *preza* de LISK VMP (Vários Malucos do Planalto) – incompleta. Na imagem posterior, temos a mesma inscrição seguida da *preza* de ROLS CF (Conexão Favela). A *preza* de ROLS fora feita, após LISK ter tentado marcar a sua *preza*. Não se sabe ao certo o que ocorreu na oportunidade em que LISK tentou marcar a sua *preza*, o que sabemos, a partir do relato de alguns *pixadores*, e, a partir da minha observação do espaço em questão – haja vista que tal Avenida é por mim muito utilizada – é que ROLS marcou a sua *preza*, depois de LISK, sem sucesso, ter tentado deixar a sua inscrição. De todo modo, o que quero salientar aqui, é que ouvi alguns relatos negativos da parte de alguns *pixadores* sobre ROLS, haja vista que a *preza* de LISK, na expectativa de alguns *pixadores* - por também ser um integrante da grife Os Piores de Belô - deveria ter sido completada por ROLS, que efetuou sua ação posteriormente. Todavia, como podemos perceber pela observação da imagem, ROLS além de não *completar* a *preza* de LISK, ainda *marcou* a sua de um modo que LISK não terá espaço para *completar* a sua – caso LISK quisesse voltar ao local para *completar* a sua *preza*, hábito comum entre os

pixadores, quando ocorre algum *desacerto*¹⁷ no *rolê*. Tal acontecimento descrito é relevante para percebermos a tensão existente entre a *grife* Os Piores de Belô, percebida, no senso comum, como um grupo coeso e sem conflitos, e, também, para percebermos como que os muros, marquises, portas de aço desvelam inúmeras histórias das socialidades estabelecidas pelos pixadores.

Tal fato, ainda, nos remete à intensa dinâmica do cenário citadino. Neste sentido, por conta da efemeridade da presença das *prezas* na paisagem urbana, os pixadores me inspiraram a usar o *Google Street View*¹⁸ como ferramenta de pesquisa, pois esta nos permite captar imagens distintas de um mesmo local. Assim, percebi que ao movimentar o cursor desta ferramenta pela Rua Aporé que faz esquina com a Avenida Antônio Carlos, podemos perceber o mesmo espaço em diferentes momentos, o que nos permite demonstrar a dinâmica do espaço, bem como a história relatada no parágrafo anterior.

¹⁷ A categoria nativa *desacerto*, tal como a categoria *treta*, é utilizada para relatar alguma situação embaraçosa enfrentada pelos pixadores no *rolê*. Desse modo, poderíamos relatar vários tipos de *desacerto*: flagrante policial, ou por parte de um vizinho, dentre outros, seriam os exemplos mais corriqueiros. Além dessas categorias, os pixadores também utilizam da expressão *lombrar*, que também se refere a alguma situação dificultosa enfrentada pelos pixadores em suas ações.

¹⁸ Tal afirmativa se sustenta no fato de que os próprios pixadores utilizam desta ferramenta para registrar e salvaguardar suas ações pela paisagem citadina.



Figura 10 - KONE, DAM, SNEXS – FMG + JK – “Tira o Zoi Jão M...!”

Por fim, igualmente na Avenida Antônio Carlos, pude apreender mais um detalhe etnográfico interessante que do mesmo modo expressa o quão importante são as relacionalidades em meio ao universo da pixação mineira, e como essas estão expressas e se complementam nos suportes da cidade. Na altura do bairro da Lagoinha, quando ainda iniciava a minha pesquisa, observei um conjunto de inscrições em um topo de uma fachada: KONE, DAM, SNEXS, JK (Juventude Killers) e FMG. Após os nomes das galeras, quase que já se apagando, a seguinte frase: “Tira o zói João M...”. A partir do meu convívio com os pixadores descobri que a frase se refere a um dos pixadores mais ativos de Belo Horizonte. Tal frase deixa entrever como os pixadores humanizam o espaço urbano, a partir de suas inscrições e das relações estabelecidas pelos mesmos, e como estes têm receio de deixar que outros pixadores conheçam quais são seus planos e roteiros em meio à cidade.

A partir das categorias nativas apresentadas anteriormente – *atropelar*, *atravessar* e *quebrar* – bem como por meio das histórias apresentadas por meio da interpretação e descrição das imagens, podemos perceber como são importantes as relações estabelecidas entre os pixadores. Por conta disso, sigo aqui as contribuições de Alfred Gell que, na obra *Art and Agency*, denuncia o falso problema existente no hábito de se tentar elucidar sistemas estéticos não ocidentais, refletindo sobre questões relativas ao uso e aplicações de conceitos próprios ao ocidente a contextos distintos. Assim, para Gell uma verdadeira Antropologia da Arte se define como o estudo teórico

das “relações sociais na vizinhança dos objetos que atuam como mediadores da agência social” e propus que, para que a antropologia da arte seja especificamente antropológica, ela tem que partir da ideia de que, sob os aspectos teóricos relevantes, os objetos de arte equivalem a pessoas, ou, mais precisamente, a agentes sociais. (GELL, [1998], 2009: p. 253)

Neste sentido, ao invés de me atentar para a questão que polemiza o fato da pixação ser ou não arte, nos parece, aqui, ser mais interessante investigar a dimensão relacional que tal fenômeno comporta. Portanto, a partir de um projeto antropológico, com inspirações claramente maussianas, Gell propõe que a “teoria antropológica da arte é a teoria da arte que “considera os

objetos de arte como pessoas”. (GELL, [1998], 2009: p. 255). Assim, conforme aponta Els Lagrou, a perspectiva de Gell produz

um efeito revigorador que encontrou solo fértil em todo um movimento que há pelo menos quinze anos, trouxe de volta o tema dos objetos e das imagens para o centro das atenções e não somente na disciplina antropológica. (LAGROU, 2007: p. 20)

A socialidade do pixador se inicia em sua *área*, termo utilizado por eles para designar o bairro de periferia¹⁹ onde o pixador reside. Podemos associar o termo *área* à categoria *pedaço* (cf. MAGNANI, 2007; PEREIRA, 2007: 241), pois, segundo Magnani, é no *pedaço* que se desenvolve uma “sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade” (MAGNANI, 2007: p. 20). Pixadores de diversas *áreas* se dirigem ao centro e se encontram no (*Rap*) *point*,²⁰ muitas das vezes com inúmeros pixadores desconhecidos, mas que acabam se reconhecendo pelo fato de compartilharem dos mesmos códigos de pertencimento, pois nestes lugares o “território é claramente delimitado por marcas exclusivas” (MAGNANI, 2008: p. 39), tais como, vestimentas, hábitos, gírias, práticas e gostos musicais. Desse modo, podemos inferir que a *área* corresponde a uma certa coletividade. O *Rap*, a outra.

Um hábito comum praticado entre os pixadores no *point* e que dá início a socialidades entre estes jovens é a troca de *folhinhas* – também conhecida como *agenda*.²¹ Essas *folhinhas* são folhas de papel em branco em que os jovens solicitam a outros pixadores que inscrevam suas marcas que pixam pela cidade. Além de promoverem a socialidade, as *folhinhas* também têm uma função memorialística, haja vista que a pixação tem por característica base a efemeridade, pois, muitas das vezes, são removidas de forma rápida pelo

¹⁹ O conceito de periferia refere-se àquelas áreas ou espaços urbanos que, por contarem com infraestrutura social deficiente, convertem-se em locais de residência das camadas mais pobres da estrutura social urbana (ABRAMOVAY, 1999: 24). Todavia, é importante destacar que a pixação em Belo Horizonte não se limita ao universo dos periféricos, atingindo também as classes médias.

²⁰ O *point*, ou o *Rap*, categoria nativa, designa o principal local de encontro dos pixadores, a saber, o Duelo de MC's. Todavia, existem outros *points* específicos espalhados pela cidade, utilizados por *galeras* específicas.

²¹ Mais adiante, em outra seção, veremos que a categoria *agenda* é utilizada para outras práticas, contendo outros usos e significações.

proprietário do imóvel pixado, caso este seja de origem particular, ou pelo Projeto BH Cidade Limpa, neste caso, se a pixação tiver tomado como suporte a coisa pública.

Aqui em Belo Horizonte, o movimento que tem que reúne os pixadores é o Duelo de MC's. Eu acho que é legal por ser um espaço público ali, um movimento de *hip hop* realizado de graça toda semana ali e que facilita com que as pessoas tenham ali um local para se reunirem para trocar ideia, para levar um caderno quem coleciona as assinaturas e tal e também para você rever e conhecer as pessoas novas, para no caso de quem tá na pista poder marcar um *rolê* com algum mano que admira. Então, o bacana lá que é um local que você pode conhecer outras pessoas.



Figura 11 - *Folhinha* com as inscrições de LEO CPG, FUGA GVA, SABRE DME, JIM DB, GG PE01, COISA VS MF, ROLS CF e LORA BN.

Assim, é no *point*, localizado na região central de Belo Horizonte, que os pixadores estabelecem contato com pixadores de várias regiões e, conseqüentemente, arquitetam outros *trajetos* e planos, ou no termo próprio da pixação, *rolês*, de saírem para pixar em outras *áreas*.

Na busca pela ocupação da cidade, os pixadores demonstram ter um grande interesse e desejo pela região central. Tal espaço oferece maior visibilidade para as pixações, pois como vimos o centro é local de passagem de pixadores de distintas localidades, ou *áreas*. Uma prática recorrente entre

os pixadores mineiros parece ser bastante representativa desta afirmação. Os pixadores mineiros, constantemente, *pegam* o Obelisco da Praça Sete, monumento localizado no coração da capital mineira. *Pegar* tal monumento, também conhecido como Pirulito da Praça Sete, garante fama e notoriedade instantânea para aquele que concretiza tal façanha.

Lugares centrais da economia política global, as metrópoles evidenciam as assimetrias de poder em uma sociedade e são alvos privilegiados de processos sociais de múltiplas escalas, de diferentes políticas e de intervenções, desde a configuração do espaço público visando a segregação e demarcação de territórios, até políticas de deterioração ou enobrecimento urbano (*gentrification*), moldando-as para práticas de consumo globais e locais. Contudo, ao invés de considerar que tais intervenções, por vezes tecnocráticas, terminam por esvaziar o sentido público dos espaços urbanos, é possível assinalar diferentes usos e contra-usos (LEITE, 2004: p. 212-214). De acordo com Georges Bataille, os monumentos ostentam hierarquia diante da população e inspiram o “bom comportamento social e até, frequentemente, um verdadeiro temor”. (BATAILLE, 1994: p. 84) Também sobre os efeitos causados pelos monumentos postados, em locais estratégicos, na *urbe*, Gaston Bachellard afirma que estes causam nos transeuntes uma contemplação monárquica. (BACHELLARD, 1957) Contudo, como ressaltamos anteriormente, os pixadores transcendem as leituras usuais destes componentes do cenário urbano e se apropriam dos mesmos como um suporte para as suas inscrições. Ou, talvez, tenham diante dele uma atitude desafiadora; diante dessa ostentação hierarquia, os pixadores, em vez da passiva “contemplação monárquica”, tem uma conduta ativa, afirmando-se como agentes autônomos.



Figura 12 - COSSI BM e GOMA BN.

A imagem destacada é bastante interessante para pensarmos tanto as representações que os pixadores têm dos monumentos e, principalmente, para problematizarmos o modo como estes agentes pensam o centro da cidade. Tal imagem deixa entrever tanto interesses passados dos pixadores de Belo Horizonte, quanto a própria contemporaneidade da *cena* da pixação belo-horizontina. Observando a imagem com bastante acuidade, podemos perceber acima da placa publicitária de um conhecido refrigerante, uma inscrição, que já demonstra sinais de desgaste, feita pelo pixador COSSI – preza feita no ano de 1997. Mais acima, no prédio mais recuado, podemos perceber a *preza* do pixador GOMA BN. Além disso, no centro da imagem, temos o já citado objeto de desejo de inúmeros pixadores, o obelisco da Praça Sete, marcado por algumas *prezas*.

Como ressaltai em linhas anteriores, a imagem é muito atual, pois, recentemente, o pixador COSSI, conhecido pelos seus desafiadores *rolês*, marcou no ano de 2011 sua *preza* no mesmo prédio em que GOMA havia

marcado a sua *preza* em 1999. Em poucas palavras, analisando as imagens da página anterior, em conjunto com a imagem que segue abaixo, bem como as imagens 4 e 5 – situadas na página 26 – percebemos a guerra de tinta – travada tacitamente – entre os pixadores COSSI BM e GOMA BN, pelo topo da pixação belohorizontina.



Figura 13 - No alto da imagem, à direita, a preza do renomado pixador COSSI.

Além disso, sobre as socialidades da pixação, devemos destacar que elas também se complementam a partir de uma rede de comunicação interna, em que os seus agentes, além dos outros meios citados anteriormente, estabelecem contatos com outros pixadores, marcam *rolês*, festas e ainda divulgam as fotos de suas ações. Esta rede de comunicação interna é composta por *sites* de relacionamento, *fanzines* e *blogs*. Esta complexa rede

assume papel central na divulgação da pixação, pois como já destacamos anteriormente, a efemeridade é uma característica inerente ao fenômeno estudado. Assim, a fotografia divulgada nos *sites* e *blogs*, assume uma função memorialística, salvaguardando as inscrições do esquecimento.

Dito isto, podemos concluir que o *circuito* da pixação deve ser visto tal como um mosaico, dotado de características e significações próprias e heterogêneas, possuindo uma dinâmica própria que se relaciona de forma estreita com os fatores relacionados com as próprias regras do espaço urbano. Assim, os pixadores estabelecem novas formas de apropriação e significação da *urbe* a partir dos seus próprios códigos simbólicos e de suas próprias formas de socialidades.

Em linhas gerais, este tópico objetivou estabelecer uma apresentação geral da pixação *de / em* Belo Horizonte, com o intuito de situar o leitor em meio às características mais gerais da pixação mineira, que serão retomados mais adiante. Deste modo, nas seções posteriores veremos outros aspectos específicos. Sendo assim, veremos outros pormenores dos suportes urbanos, materiais, redes de comunicação e suas respectivas apropriações da cidade e técnicas utilizadas. Ademais, abordaremos também, a partir de uma perspectiva diacrônica, a história da pixação belo-horizontina procurando destacar como esta se constitui a partir de um intercâmbio estabelecido com a pixação de outras capitais.

1.2 - Os primeiros contatos com os pixadores em Belo

Horizonte

Nosso primeiro contato com os agentes desta pesquisa se deu em um evento de Grafite, ocorrido na Serraria Souza Pinto, em outubro de 2008, localizada na parte baixa do Viaduto Santa Teresa, região central da cidade de Belo Horizonte. Este evento serviu como ponto de encontro para diversos agentes do que vem sendo chamado convencionalmente como arte urbana, além de contar também com a presença dos estigmatizados pixadores. O

evento contou com uma ampla infraestrutura, haja vista que este teve consideráveis patrocinadores, presença massiva de público, além de receber grafiteiros de diversas partes do mundo. Nesta feita, apesar de estar portando, em minha bolsa, caderno de campo e uma pequena câmera fotográfica, que além de sua função convencional, era capaz de gravar vídeos e captar áudio, minha presença no local era descompromissada – até mesmo porque quando sai do lugar que me hospedava, na Zona Norte, não sabia nem chegar à localidade exatamente.

Com o intuito de registrar imagens das intervenções, conhecer um pouco da paisagem da cidade e, se possível, estabelecer alguns contatos para o meu, ainda incipiente, projeto de pesquisa é que me dirige para o evento. Assim, neste pré-campo, pude entrar em contato com a infraestrutura montada no interior do referido espaço. Logo na entrada, em um dos corredores da Serraria Souza Pinto, os responsáveis pela estrutura do evento afixaram na parede uma série de pinturas que relatavam um pouco da história da intervenção urbana no mundo, no Brasil, chegando até mesmo a detalhar um pouco da pixação em Belo Horizonte – destacando a famosa ação do renomado pixador COSSI por cima de uma placa publicitária – vide imagem 21. Na outra parede lateral, bem em frente do espaço descrito anteriormente, a organização montou uma espécie de decoração que imitava um espaço urbano bastante degradado, com pneus, latões, madeirites, placas de ferro, telhas, dentre outros materiais. Este ambiente foi criado com o objetivo de imitar determinadas regiões deterioradas da cidade, e, assim, receber pequenas intervenções dos que por ali transitavam, como: *bombs*, colagens de *lambe-lambe* e *stickers*, *tags*, intervenções com *stencil* e pixações – no caso de Belo Horizonte, intituladas, também, pela categoria nativa *preza*.

Durante a minha caminhada de reconhecimento pela galeria, por conta de uma tempestade, o fornecimento de energia elétrica foi cortado, alterando completamente a programação do evento que contava com debates sobre intervenção urbana, shows de *rap* e apresentação de *B. Boys*. Neste momento, após esperar um pouco, na expectativa de que o fornecimento de energia elétrica fosse retomado, caminhei para uma das portas de acesso do evento.

Quando cheguei à porta de entrada, localizada no lado esquerdo, observei alguns jovens, portando alguns canetões, também conhecidos como marcadores²², marcando as suas *prezas* no espaço reservado para tal prática. Me aproximei e consegui, razoavelmente, com a ajuda dos rapazes, a ler as suas *prezas*. Durante este processo, identifiquei que alguns deles haviam marcado a inscrição CK juntamente as suas *prezas*. Ao decifrar esta inscrição temos Comando Killers, uma das *galeras* mais antigas e renomadas de Belo Horizonte, por conta das ações audaciosas do lendário pixador, da década de 90, conhecido como JIRAIA. Como eu, já nessa época, tinha esses conhecimentos históricos da pixação mineira, disse a eles que sabia do significado da sigla, o que me deu assunto para prosseguir a conversa com os rapazes. Foi assim que conheci os primeiros pixadores: KENSOU, PIMP, TONIONE, MENOR e CORAL. Tal acontecimento foi muito produtivo para o que viria a ser esta pesquisa, haja vista que foi por conta desta conversa que eu descobri que os pixadores se encontravam, regularmente, nas noites de sexta feira, no Duelo de MC's.

No ano seguinte, continuei me deslocando da minha cidade - naquela época Viçosa - com o intuito de conhecer e estabelecer contato com outros pixadores, tendo em vista que agora eu já tinha ciência de onde era o principal ponto de encontro dos agentes da presente pesquisa. Em uma das minhas primeiras incursões sistemáticas a campo, no principal ponto de socialidade dos pixadores de Belo Horizonte, qual seja, o Duelo de MC's, após estabelecer uma despreziosa caminhada pelo entorno do palco, me dirigi para o local específico onde se concentra a grande parte dos pixadores.

O espaço onde ocorre o Duelo de MC's, para mim que sou natural de outra cidade, sempre figurou como um local bastante instigante. Durante o dia o espaço, além da Guarita Policial, serve como abrigo para moradores de ruas e usuários de drogas, e, ainda funciona como um intenso local de passagem para os transeuntes que necessitam pegar condução nos movimentados

²² Os pixadores para efetivarem suas inscrições na cidade lançam mão de distintos materiais. Assim, poderíamos citar: spray, rolo de pintura, borrifador e os canetões – também conhecidos como marcadores. Os marcadores são canetas profissionais que tem a característica de grafar distintos tipos de traços, com uma tinta especial que tem a capacidade de se afixar com muita intensidade.

pontos de ônibus da Rua Aarão Reis – que é uma das vias de acesso à Estação Central do Metrô -, assim como para aqueles que desejam utilizar das escadarias do Viaduto para acessar a Avenida Assis Chateaubriand. Pensando nas contribuições de Marc Augé, a noção de “não lugar” nos parece ser interessante para pensarmos as dinâmicas de tal espaço. De acordo com Augé, os “não lugares” podem ser definidos tanto como

as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são alojados os refugiados do planeta. (AUGÉ, 1994: p. 36)

Além disso, somada a própria transitoriedade do local em questão, a própria degradação e sujeira do espaço, bem como a presença dos usuários de entorpecentes que habitam a parte baixa do viaduto Santa Tereza já transmite a sensação de deslocamento. Todavia, nas noites de sexta-feira, esse não lugar, se torna um lugar para um grande aglomerado, que à primeira impressão aparenta para aqueles que desconhecem as dinâmicas do local como sendo homogêneo. Para pensar tal aglomeração, nas noites que abrem o fim de semana, a categoria de “mancha”, proposta por José Guilherme Magnani nos parece propositiva.

As manchas são áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante. (MAGNANI, 2007: p. 20)

A prática predominante, neste caso, é o *Hip Hop*. Neste sentido, o evento reúne integrantes dos quatro distintos elementos que compõem este movimento: grafite, breake, DJ e o Rap. Além dos agentes e admiradores que estão envolvidos com estas práticas, o Duelo de MC's também funciona como um ponto convergente para o “trajeto”²³ de inúmeras outras pessoas, e dentre estas os pixadores.

Ademais, Marc Augé aponta que,

²³ A categoria analítica “trajeto” aplica-se a “fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade e no interior das *manchas* urbanas.” (MAGNANI, 2007: p. 20)

na realidade concreta do mundo de hoje, os lugares e os espaços, os lugares e os não lugares misturam-se, interpenetram-se. A possibilidade do não lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja. (AUGÉ, 1994: p. 98, 99)

Neste sentido, com o olhar apurado, o pesquisador consegue perceber a diversidade dentro desta aparente homogeneidade, consegue localizar o “lugar” dos pixadores dentro daquilo que corriqueiramente é um “não lugar” durante o dia, pelos menos para a maioria dos que ali estão.

Os pixadores se aglomeram, regularmente, na parte mais degradada e escura do espaço. Coincidências a parte, durante a minha caminhada me deparei com três jovens *marcando* suas *prezas* de *canetão* em uma caixa de isopor de um dos vendedores ambulantes que transitam pelo lugar. Como eu tinha em mãos uma câmera fotográfica, me aproximei e pedi aos mesmos se eu podia registrar uma imagem das *prezas* grafadas pelos jovens no inusitado suporte. Após receber uma resposta positiva, no momento, registrei as inscrições e conversei um pouco com um dos rapazes que me “ensinou” a ler a *preza* que ele havia marcado, bem como as outras duas que haviam sido inscritas – neste caso, se tratava de GAGO BN, juntamente com GUST JRS (Jovens Revoltados do Sagrada) e SLIM CH (Comando Hell). Além de me ajudar a desvendar o que estava escrito na inscrição, GAGO, após a nossa conversa, confundiu a minha pesquisa com um trabalho jornalístico e me informou que uma equipe de televisão de um determinado canal procurou os pixadores no *point*, e registrou algumas imagens que foram ao ar em um dos programas da emissora. Após me conceder essa informação, GAGO, decifrou a sigla contida junta a sua *preza*, qual seja, BN. Ao traduzir essas iniciais temos o nome da *galera* da qual GAGO faz parte, neste caso, uma das *galeras* mais renomadas e atuantes de Belo Horizonte, a Banca Nervosa. Assim, ao decifrar o código da sua *galera*, GAGO ainda me mostrou o seu boné personalizado, que continha o nome da mesma – vide imagem número 50.

Em outra noite de sexta feira, também no Duelo de MC's, tentei repetir a abordagem sem o intermédio de outra pessoa que fizesse parte deste *circuito*, a partir da identificação de alguns códigos de pertencimento e marcas exclusivas. Assim, ficava na espreita tentando identificá-los a partir de alguma pista deixada pelos mesmos. Em um determinado momento vi alguns

adolescentes marcando *prezas* com um *canetão* em um dos muitos suportes oferecidos pela parte baixa do Viaduto Santa Tereza, neste caso em específico, em um cesto de lixo de metal. Esperei eles terminarem suas *prezas* e os abordei, ingenuamente, portando alguns livros e revistas sobre pixação, na esperança de que os materiais me auxiliassem na abordagem. Muito pelo contrário, tal como Clifford Geertz (GEERTZ, 1978) entre os balineses, me senti invisível diante dos jovens que, um a um, me viraram as costas, de um modo deveras desconfiado e indiferente. Me recordo que após o ocorrido fiquei um tanto quanto desolado, e me sentei em um dos degraus da arquibancada, que está localizada bem abaixo do Viaduto Santa Tereza.

Após alguns minutos, deram início os trabalhos que compunham a programação do Duelo de MC's. Dentre as atrações, ocorreu uma intervenção de grafite em um dos pilares de sustentação do Viaduto. Observando de longe, vi um rapaz que registrava a ação do grafiteiro com uma câmera de celular. Me aproximei, e esperei uma brecha que me possibilitasse me apresentar ao jovem, o que me permitiu falar um pouco sobre a minha pesquisa. Ao contrário do ocorrido descrito nas linhas antecedentes, o rapaz que portava o celular e registrava atentamente o grafite que estava sendo efetivado foi bastante receptivo e solícito. Foi assim que conheci A. S. – mais um assistente da minha pesquisa - que na mesma noite, após eu contar a ele o meu insucesso no derradeiro fato ocorrido, foi solidário aos meus propósitos e me apresentou a alguns pixadores, que por sinal são bastante conhecidos em meio à pixação mineira – SLIM CH, PAVOR PVL, SKOL LW, dentre outros. Após ser apresentado por A. S. aos pixadores, tive uma proveitosa conversa com o pixador que responde pela alcunha PAVOR PVL (Pindorama Vida Loka). Este, em tom de muita empolgação, me relatou a sua última ação efetivada na paisagem da cidade, juntamente, com SLIM CH.

Os mesmos haviam *pegado* naquela semana o Mercado Central Novo, no centro de Belo Horizonte. Assim, PAVOR, descreveu a *cena* em detalhes, relatando que a ação fora planejada com antecedência, e que os mesmos haviam ido ao local no dia anterior para averiguar as condições do lugar. Dito isso, PAVOR me contou que a ação foi efetivada durante o dia – nos dizeres

dos pixadores, na *cara dura*. Além de me descrever a cena, PAVOR me mostrou um vídeo em um celular que ele e SLIM registraram do terraço do Mercado Central. No vídeo podemos ver um pouco do cenário em que ocorreu a ação, bem como um fato curioso: os pixadores filmaram por alguns instantes a rotina dos policiais da Seccional da Polícia Militar que está localizada bem em frente a uma das fachadas do Mercado Central Novo. Neste momento, no vídeo, os pixadores debocham dos policiais e, ao mesmo tempo, exaltam o seu ato de bravura.

Ademais, os pixadores me contaram que apesar de no *rolê* só estarem presente dois pixadores, os mesmos fizeram questão de *marcar a preza* de outro pixador, que pelo visto é muito considerado pelos mesmos, trata-se de GUST JRS. Por fim, ao término de nosso bate-papo, PAVOR me disse que tomou cuidado para não *atropelar as relíquias* marcadas no mesmo suporte. Fiquei muito curioso de ver as fotos das pixações feitas pelos pixadores na ação anteriormente descrita, e indaguei ao jovem se ele possuía *Orkut* e se este continha as fotos deste *rolê*. PAVOR me disse que não possuía as imagens ainda, pois estava sem câmera fotográfica. Foi aí que eu percebi uma deixa para que eu pudesse estreitar e solidificar as minhas relações com os pixadores que eu havia acabado de conhecer. Assim, de prontidão me ofereci para registrar as fotos e enviar a eles por *e-mail*.

Ao longo da semana seguinte, cumpri com a minha promessa o que deixou os rapazes bastante satisfeitos.²⁴ Todavia, após registrar e observar as imagens coletadas, pude perceber que os pixadores haviam *atropelado prezas* bastantes antigas das *galeras* DFC (Delinquentes Favelados do Cachoeirinha) e DAI (Demônios Alados Infernais).

Tal constatação me levou a refletir sobre algo que já pontuei brevemente na introdução da presente dissertação. Para se estudar um fenômeno complexo e ambíguo como a pixação deve-se ter em vista o maior número de

²⁴ Não só dentre os pixadores, mas de um modo mais abrangente, naquilo que é chamado de “cultura de rua” (Skate, Rap, Pixação, etc.), se valoriza muito a atitude, ou, em outras palavras, o *proceder*. (PEREIRA, 2005) Assim, dentre os pixadores é muito importante cumprir o que fora prometido, pois aquele que fala e não cumpre é tido como *lero-lero*. Esta categoria nativa é muito depreciativa dentre os pixadores. Nos últimos tempos, a frase que eu mais tenho ouvido dos mesmos é a seguinte: “tô legal de lero-lero”.

fontes possíveis. E neste sentido as reflexões clássicas aventadas por Malinowski nos foram muito úteis. Conforme assinalou Eunice Durham, “a grande contribuição de Malinowski está em ter sempre presente, em todos os momentos da análise, a integração entre ação e representação”. (DURHAM, 1986: p. 11) Em outras palavras, as reflexões metodológicas de Malinowski nos levaram a pensar sobre a importância de se ter em mente que a “conduta específica é a referência constante da análise, mas não o limite da observação”. (DURHAM, 1986: p. 11)²⁵ Sendo assim, somente a partir da análise de distintas fontes, é que, futuramente, pudemos confirmar a nossa constatação imagética – através de relatos insatisfeitos de pixadores de outras *galeras*, bem como por comentários negativos por parte de alguns pixadores nos grupos de discussão nas comunidades virtuais do *Orkut* e do *Facebook*. Portanto, pensando à luz dos escritos de Eunice Durham, acerca dos contributos malinowskianos,

(...) é importante considerar a diferença entre as normas ou regras que correspondem a um ideal de comportamento e as atividades efetivamente desempenhadas pelos agentes sociais. (DURHAM, 1986: p. 14)

A investigação dos distintos materiais etnográficos, quais sejam, o relato da ação, a observância do registro da ação e, por último, a repercussão da ação, é que nos permitiu perceber a disparidade entre as normas dos pixadores e os seus comportamentos reais e os conflitos e discordâncias existentes entre os pixadores/*galeras*.

²⁵ Não temos por objetivo, de modo algum, aqui querer aventar uma abordagem holística do estudo da pixação mineira. Mas sim, inspirados pelos pressupostos malinowskianos, buscamos compreender todas as esferas possíveis da “totalidade da cultura” da pixação como um “pressuposto metodológico da análise do que o objeto da investigação”. (DURHAM, 1986: p. 13)



Figura 14 - SLIM e PAVOR.

Observando a imagem do relato em discussão, observamos em tinta preta a *preza* de SLIM à esquerda e PAVOR à direita. Ambas as inscrições estão separadas pelo desenho de uma seta. Abaixo das inscrições feitas pelos pixadores, na parte superior à esquerda, podemos observar as *reliquias* da galera DFC/1º CMA (Delinquentes Favelados do Cachoeirinha e Primeiro Comando Máfia Azul) que foram *atropeladas* por PAVOR e SLIM. O *atropelo*, neste caso, pode ser observado também em outras duas laterais do Mercado Central Novo, pois o mesmo, em outros tempos, já havia recebido intervenções, em suas quatro fachadas, de DIC, LES e BITU. Sendo assim, somente uma das laterais que continham as *prezas* antigas da DFC, e também da galera antiga DAI (Demônios Alados Infernais) gravadas também com rolo de pintura, só que com tinta verde, do edifício não foi atropelada.

Por fim, outra informação que podemos depreender da exegese da fotografia em destaque, e a partir das minhas indagações aos próprios pixadores, é que as setas que indicam para o lado direito, posicionadas ao lado das duas *prezas*, significam que nesta direção foram marcadas outras

inscrições pelos pixadores. Dito de outro modo, é como se o pixador que marcou a sua *preza* e esse símbolo direcional estivesse orientando o olhar do pixador que está transitando pela Rua do Mercado Central à continuar a caminhada e, conseqüentemente, a sua observação, pelas outras laterais do Prédio, com o intuito de dizer que foram feitas, ali, outras inscrições. Ao término da programação do Duelo de MC's, ao me despedir, os jovens me perguntaram se eu tinha uma filmadora capaz de registrar a ação e me convidaram para sair com eles naquela madrugada que se aproximava. Após o *Rap*, os mesmos iriam *pegar* uma cena na Av. Santos Dumont, na *cara dura*, “na frente dos carros e das pessoas que estiverem passando”.

Além de A. S., conheci outro intermediário que auxiliou muito a minha pesquisa por meio de um colega de faculdade - em específico, no que tange a minha inserção no campo, haja vista que o tema da presente pesquisa toca em uma forma de “desvio social”, e os pixadores sofrem constantes investigações por parte de diversos órgãos do poder público. Assim, conheci F. R. que de antemão, por conta de todos fatores limitantes, inerentes à este tipo de tema, se prontificou a contribuir com a pesquisa.

Para tanto, F. R. me convidou para ir a sua casa e combinou com alguns pixadores que são seus amigos, integrantes de uma das *galeras* mais representativas de Belo Horizonte, a saber, a ES MF (Elite Sinistra Malucos do Floresta), mais conhecida como MF, que no presente ano completa 13 anos de existência. Antes de sair de casa, para encontrá-los, no intuito de facilitar o processo de interação, de demonstrar o meu interesse pelo tema e pela própria necessidade de explicar um pouco da pesquisa, levei livros, artigos e dvd's sobre a pixação.

Nesta ocasião, tive a oportunidade de conhecer GINK e COISA. Quando vi os jovens pixadores pela primeira vez, um deles eu já pude identificar facilmente, pois este estava trajando uma calça preta em tadel com algumas pequenas manchas, alguns respingos de tinta branca, provavelmente, latex, proveniente de alguma ação – tal raciocínio não é forçoso, pois tais marcas são corriqueiramente observadas dentre os pixadores.

No início, como em toda pesquisa antropológica, a interação foi um pouco dificultosa, exigindo uma estratégia, para além das citadas anteriormente. Destaco aqui que em um determinado momento GINK chegou a me perguntar se, no “livro” que eu iria escrever sobre a pixação de Belo Horizonte, eu tinha como objetivo falar mal ou bem da referida prática.

No desenrolar da noite, pude perceber o quanto a pixação é importante para os mesmos, pois por mais que as conversas, em determinados momentos, sofressem algumas variações, inevitavelmente, os jovens voltavam para o assunto principal: *prezas e rolês* pela metrópole. Assim, eles comentavam sobre as suas incursões pela cidade, dentre marquises, prédios, *janelinhas (gradinhas)*, *atropelos*, *ibope*, dentre outros pontos. Tal encontro, para a presente pesquisa, foi muitíssimo representativo, na medida em que foi a partir deste contato com os pixadores GINK e COISA que me possibilitou conhecer outros pixadores no espaço do Duelo de MC's. Após esta oportunidade, passei a ir ao Duelo de MC's acompanhado dos Malucos do Floresta, pois, regularmente, combinava com eles de ir ao *Rap* por meio das redes sociais e, vez ou outra, por telefone.

Nesta ocasião, F. R., também, salientou junto aos jovens as dificuldades de se estabelecer uma pesquisa deste tipo – dificuldades que, em certo sentido, para os pixadores estão mais que subentendidas, uma vez que os mesmos sabem e convivem com todas as peripécias e artimanhas efetivadas pelos órgãos públicos na captura e repressão daqueles que se aventuram nesta prática. Neste sentido, F. R., em específico, chamou a atenção para o fato de que a pixação, muita das vezes, desemboca em outras formas de desvio social, o que poderia me levar a entrar em contato com jovens que, de repente, poderiam me colocar em sérios apuros. De todo modo, os Malucos se prontificaram a me ajudar e me levar junto em seus *rolês*, pois, também, havia dito aos mesmos que tinha muito interesse em registrar as suas ações e, se possível, fazer um vídeo documentário ao final da pesquisa – mas que ainda estava angariando fundos para comprar uma filmadora e que assim que eu a adquirisse os comunicaria no Duelo de MC's.

1.3 – O espaço de socialidades dos pixadores: uma etnografia no Duelo de MC's

*Me víciei, já rodei, mas não parei
O pixador sem o spray é como um MC sem um DJ.
(MC Leonel – Vício Rebelde)*

Após conhecer os dois intermediários da minha pesquisa, comecei a frequentar o espaço de socialidade dos pixadores com um pouco mais de tranquilidade. No entanto, mesmo sendo conhecido por alguns deles, sempre era localizado pelos mesmos como um estranho. Além disso, é importante destacar que estes jovens são bastante desconfiados. Me recordo que nessa época, ouvia muitas histórias advindas dos pixadores sobre um suposto investigador da Policial Civil que estava no encalço de vários pixadores que estavam se destacando naquele momento.

Para tentar retratar um pouco do sentimento de desconfiança que permeia o cotidiano destes rapazes, vou tentar remontar um pouco um episódio vivido por mim no *Rap*. Ao transitar pelo território dos pixadores no espaço do Viaduto Santa Tereza me deparei com PAVOR que estava acompanhado de outro pixador, um jovem negro e alto, que aparentava ser mais velho do que os demais rapazes. Após cumprimentar PAVOR, o rapaz que o acompanhava de prontidão se apresentou: “E aí Zé, eu sou o SABRE”. Como eu já tinha o visto em fotos e ouvido os integrantes da MF falarem muito do mesmo, de modo ingênuo, respondi que “tava ligado” que ele era o SABRE, o que gerou muito desconfiança por parte do pixador. Rapidamente SABRE me indagou: “como assim você já tá ligado?” Neste momento, tive que pensar em uma resposta rápida que me possibilitasse fugir de tal imbróglio. Assim, respondi que “já tava ligado” na *preza* SABRE VS (Vândalos da Sul), que já tinha visto várias pela cidade afora.

Dito isto, percebi que o pixador ficou um pouco mais tranquilo, até porque a minha resposta constitui um comentário que agradaria os ouvidos de qualquer pixador, pois, de fato, já tinha visto várias *prezas* do mesmo, e, também porque não me limitei a dizer a ele só isso, fiz questão de citar várias

prezas, localizando as mesmas, citando as ruas e avenidas da cidade – bem como os suportes - que continham as suas marcas, tais como: Rua do Ouro, Av. Nossa Senhora do Carmo, Avenida do Contorno, Avenida Antônio Carlos, dentre outras. Após o ocorrido, como o pixador SABRE sempre me via no Duelo de MC's com a rapaziada da MF, o mesmo percebeu que a minha presença não constituía uma ameaça, e passou a me cumprimentar de forma amistosa sempre que eu o abordava.

Tal ocorrido me fez lembrar e compreender na prática algumas das lições metodológicas, acerca de temas que envolvem temas que tangenciam práticas desviantes, apontadas por William Foot Whyte, na célebre obra *A sociedade de esquina*. Percebi que, tal como Doc havia ensinado ao pesquisador Bill Whyte, devia tomar cuidado com perguntas como “quem”, “o que”, “onde”, “quando” e “por quê”.

Sentando e ouvindo, soube as respostas às perguntas que nem mesmo teria tido a ideia de fazer se colhesse minhas informações apenas por entrevistas. Não abandonei de vez as perguntas, é claro. Simplesmente aprendi a julgar quão delicada era uma questão e a avaliar minha relação com a pessoa, de modo a só fazer uma pergunta delicada quando estivesse seguro da solidez de minha relação com ela. (WHYTE, 2005: p. 304)

Ao invés de ficar indagando, compreendi que era mais seguro e proveitoso comentar e participar da conversa em momentos em que as minhas intervenções não me comprometessem, ao invés de ficar fazendo indagações que satisfizessem as minhas questões e dúvidas. Neste sentido percebi que, muitas das minhas questões, seriam respondidas a partir do momento que eu fosse aceito.

Como salientei anteriormente, a cada semana que passava, os Malucos me apresentavam novos pixadores. No Duelo de MC's, logo depois que conheci COISA e GINK, tive a oportunidade de conhecer também FAIN, um dos integrantes mais atuantes da galera ES MF nos últimos anos. Com este pixador, não sei bem ao certo por qual motivo, o processo de interação foi o mais tranquilo. Com a amizade que estabeleci com FAIN, pude descobrir várias categorias nativas e ouvir muitos relatos de diversas ações de vários pixadores, por parte dos integrantes da MF e também de outras *galeras*. Com o passar do

tempo, os próprios membros da MF comentaram com um dos pixadores mais emblemáticos e antigos da pixação mineira, GG PE (Pixadores de Elite), sobre a existência da monografia de Andrei Isnardis, *Pixações e pixadores na cidade de Belo Horizonte* (1995).

Por conta deste boato, GG ficou muito interessado em me conhecer e, conseqüentemente, ter acesso a uma cópia deste trabalho. O interesse e anseio do mesmo em poder ter uma cópia da monografia se explicam pelo fato de que este nutria esperanças de ver o seu nome e o nome de sua *galera* citados, bem como possíveis imagens que retratassem as *reliquias* da PE/GBS (Geração Blue Sky). Após algumas semanas, de posse de uma cópia da monografia, conheci GG PE por intermédio do pixador FAIN e o apresentei com o trabalho sobre os pixadores do período da década de 90. A satisfação do pixador foi mais que notória, pois GG após receber o trabalho, folheou o mesmo e rapidamente localizou muitas *prezas* da PE/GBS e me agradeceu inúmeras vezes, se prontificando a contribuir com a minha pesquisa – afirmando que facilmente conseguiria me colocar em contato com renomados pixadores, tanto os da “antiga” quanto os da nova geração.

Por outro lado, outros pixadores, apesar de me conhecerem de vista, e de terem ciência de que eu era amigo dos Malucos do Floresta, ainda assim não me davam abertura alguma para qualquer forma de interação. Assim, fui apresentado pelos MF's a vários pixadores, que me trataram com muita desconfiança e indiferença. Neste sentido, a cada sexta feira, eu interagia com novos pixadores e, assim, tinha a oportunidade de vivenciar cada vez mais um pouco do principal espaço de socialidades dos estigmatizados jovens.

Cada sexta feira guardava uma surpresa. E uma dessas noites, que aparentava ser como outra qualquer, pegaria de surpresa pixadores, usuários de drogas e menores de idade. A Polícia Militar, em consonância com a PBH que oferece forte resistência à programação oferecida pelo Coletivo Família de Rua, responsável pelos trabalhos nas noites de sexta, estabeleceu uma ação de busca e apreensão, com uma cobertura midiática previamente combinada com uma determinada emissora. De qualquer forma, o que me chamou a atenção foi o fato de que o pixador que me acompanhava nesta feita, FAIN MF,

antes do início da ação ostensiva da Polícia Militar, já havia percebido que algo diferente estava para acontecer. Confesso que com a minha difusa percepção não consegui perceber quais sinais seriam os indicativos de tanta apreensão por parte dos pixadores.

Após minhas incessantes e angustiantes perguntas, FAIN, discretamente, me mostrou o carro de uma emissora, que estava no local para cobrir a ação policial, conjunta com o Juizado de Menores. Deste episódio, o que me salta aos olhos é a percepção arguta e desconfiada por parte dos pixadores no que diz respeito ao espaço e as dinâmicas inerentes à *urbe*, mas que qualquer cidadão não consegue perceber com tanta destreza e rapidez, pois o pixador percebeu tal dinâmica diferenciada com uma considerável antecedência. Sendo assim, aqueles que estavam ali, que não tiveram tal prontidão perceptiva, e por ventura, portavam entorpecentes, eram menores de idade, ou, então, possuíam materiais como *canetões*, *sprays*, rolos de pintura, tinta e extensores, foram enquadrados e levados para a Delegacia.

Outro episódio curioso ocorrido no *Rap* foi o referente à intervenção dos pixadores no prédio situado bem em frente ao espaço frequentado pelos pixadores. Assim, no decorrer da noite, por volta de 23h00min horas, percebi que todos os olhares, daqueles que se encontram ao lado esquerdo do Palco, se voltavam para o edifício de quatro andares citado outrora. Seguindo a percepção dos pixadores, inclinei meus olhos na mesma direção que os rapazes e, só assim, entendi o porque da concentração e da apreensão generalizada. Três pixadores, GUST JRS, PAVOR PVL e ERROR, haviam subido na marquise do imóvel, pegaram uma pequena escada de madeira que já havia sido posta ali com antecedência, e subiram até a janela do segundo andar e marcaram, um a um, as suas *prezas*. Como não cabiam as *prezas* de todos nesta parte, ERROR subiu até a marquise e marcou a sua *preza* no primeiro andar, enquanto os outros utilizaram, além da escada, o próprio suporte oferecido pela janela.

Após a ação dos rapazes, fiquei atento às reações dos pixadores que observavam a ação. A partir desta mirada pude perceber que as reações variavam de pixador para pixador e de galera para galera. Alguns pixadores ao

avistar os mesmos atravessando a rua já se antecipavam e cumprimentavam aqueles pelos seus atos de bravura. Por outro lado, ouvi por parte de outros pixadores que os rapazes que efetivaram esta ação queriam aparecer e que “*Ibope é Ibope*”, que estes faziam pixação de qualquer jeito, independente de outras pessoas estarem vendo ou não.

Diferentemente dos pixadores que reprovam este tipo de ação, o fato é que depois desse episódio vivenciei inúmeras ações semelhantes no mesmo espaço. Por exemplo, na semana seguinte, em sinal de profundo despeito para com a Guarita da Polícia Militar – localizada abaixo do Viaduto Santa Tereza – jovens de outras *galeras*, desconhecidas por mim, subiram nos banheiros químicos que estavam encostados na parede frontal ao evento e começaram a *marcar* suas *prezas* no muro de tom bege, com *sprays* de cor rosa. Como já destaquei anteriormente, este tipo de ação parecia, com o passar do tempo, cada vez mais comum, até que alguns jovens foram mais ousados e resolveram efetuar suas inscrições na faixa do imóvel local conhecido como Serraria Souza Pinto.

Nesta ação, que ocorreu durante a madrugada, quando os trabalhos oferecidos pelo Coletivo Família de Rua já haviam sido encerrados, os pixadores *pegaram* toda a faixa do imóvel, com diversos tipos de *prezas* – paulistinha, *carioquinha* e *mineira*. Este feito gerou muita polêmica não só entre os pixadores, mas também entre os demais frequentadores das corriqueiras atividades ocorridas ali, transeuntes e moradores de Belo Horizonte, rendendo até mesmo uma matéria no Tele Jornal diário MG TV.

Além da veiculação do ocorrido na mídia televisiva, tal repercussão pôde ser percebida também nas redes sociais dos pixadores, haja vista que pude mapear inúmeras opiniões sobre tal intervenção. Da mesma forma que no episódio anterior, as opiniões entre os pixadores acerca de tal fato eram controversas. Alguns elogiavam as *prezas*, exaltando a bravura dos que participaram da ação. Já outros apoiavam o manifesto dos integrantes do Coletivo Família de Rua, que estavam correndo o risco de serem penalizados pelo fato, uma vez que os Policiais alegavam que as pixações foram feitas durante a programação do Duelo de MC's.

De todo modo, independente da diversidade das opiniões geradas, os pixadores que compõem a *galera* que participou de tal ação demonstraram, nos dias seguintes, extrema satisfação com tal feito, pois, acompanhando a repercussão do ato nas redes sociais, fica notório que estes conseguiram alcançar os seus objetivos. É fato que os pixadores, em diversas oportunidades, escolhem seus suportes de modo consciente, levando em conta se a ação no sustentáculo urbano vai gerar ou não polêmica em meio à sociedade.²⁶ Assim, é por isso que os pixadores, constantemente, marcam as suas *prezas* no Obelisco da Praça Sete, pois, de antemão, já sabem que esta ação terá repercussão na mídia e, conseqüentemente, estes terão as suas marcas – tanto individuais quanto coletivas – divulgadas na mídia, às vezes não só televisiva, mas também impressa. É importante destacar aqui que este tipo de acontecimento é responsável por abrir, dentre os pixadores, uma discussão polêmica, qual seja, a legitimidade, expressas nas próprias concepções dos pixadores, sobre qual suporte pode/deve ou não sofrer uma intervenção.

A cada sexta feira uma nova história, uma nova vivência. Em contato com alguns pixadores em mais uma das noites que inauguram o fim de semana na capital mineira, pude compartilhar a partir de seus relatos um fato que pelo visto parece, segundo os pixadores, cada dia mais rotineiro. Os pixadores ERROR e ZOCK GSH-JL (Janeleiros Loucos) relataram o *desacerto* ocorrido em uma de suas ações no Bairro Padre Eustáquio, localizado na Zona Oeste de Belo Horizonte. Os rapazes foram flagrados durante uma *escalada* em um prédio, utilizando-se das grades de segurança das janelas. Assim, segundo eles, um residente do prédio, ao vê-los, levou a sua insatisfação ao limite, e acabou por sacar uma arma e atirou contra os rapazes, o que os obrigou a saltar das grades do edifício. Por conta disso, de acordo com o pixador ERROR, o acontecimento lhe rendeu uma torção em um dos tornozelos, o que veio a proporcionar grandes dificuldades na hora de *dar fuga da cena*.

²⁶ A este respeito destaco um pequeno trecho de uma fala de um pixador da *galera* ES MF. GINK: *E aquele prédinho lá da Pampulha, será que vai dar um lbope?*

Em suma, para demonstrar a dimensão alcançada pela pixação no cotidiano destes rapazes, poderia citar um relato de um *rolê* contado por COISA, no qual este descreve que em apenas uma madrugada gastou sete latas de spray, contabilizando, só ele, por volta de cinquenta *prezas* – fora os outros companheiros de *rolê*, a saber, GOMA e GAGO BN. Neste relato, COISA descreveu os trajetos efetivados pela cidade, contando que se dirigiu primeiro até a casa de um dos rapazes para pegar as latas; e, só assim, depois partiram para o *rolê*, passando pela Região Noroeste, marcando *prezas* pelo caminho, na *área* do Pindorama, até atingirem o extremo da Zona Norte. Nesta conversa, pude mapear mais uma categoria nativa, até então desconhecida, qual seja, *capotar*. Assim, COISA, juntamente, com os dois integrantes da *galera* aliada – neste caso, a BN (Banca Nervosa) – *capotaram*²⁷ vários pontos de Venda Nova.

1.4 – De rolê pela metrópole com os Malucos do Floresta

Em meados de junho de 2011, ao adquirir uma filmadora, me dirigi ao *Rap* e no mesmo dia entrei em contato com alguns pixadores da MF. Após contar aos jovens que havia adquirido o aparelho para captar as imagens, com muita euforia, rapidamente, fui convidado a sair de *rolê* com eles na mesma noite. Assim, após o término do Duelo de MC's, nos dirigimos até a minha casa para pegar a filmadora, pois eu a havia deixado em casa carregando a bateria, presumindo um possível *rolê*.

No momento que chegamos em minha residência pude observar um detalhe curioso: o pixador COISA sacou a sua carteira e retirou de dentro dela um pequeno pedaço de papel que continha uma lista dos suportes *escoltados*²⁸ pelo próprio ao longo da semana: “porta de aço perto do trampo, prédinho na

²⁷ Os pixadores utilizam a categoria *capotar* para falar de uma ação intensa em um determinado suporte ou área específica. Assim, os pixadores, nesta ocasião, desferiram inúmeras *prezas* por sobre a parede em questão.

²⁸ A expressão nativa *escolta* tem um duplo sentido. Assim, ao mesmo tempo que a mesma se refere ao ato de um pixador vigiar e auxiliar a intervenção do pixador que está marcando as *prezas* do grupo, diz respeito também aos itinerários e escolhas dos suportes escolhidos pelos pixadores durante a semana.

Sapucaí, Cabão na Bernardo Vasconcelos, e Floresta, Cabão na Goiás, Janelas na área do Muro. Aqui tá marcado só as *escoltas*, confere aí”. Em seguida, GINK interpela a fala de COISA e me pergunta: “que horas que é aí Zé?” Eu respondo que são 01h10min da madrugada. E o mesmo diz: “vamos embora, tá na hora do *rolê*”. Todavia, o itinerário inscrito sofreu flexibilizações ao longo da noite, pois a medida que nos deslocávamos pela paisagem da metrópole, vez ou outra, os integrantes do grupo se deparavam com outros suportes.

Depois disso, seguimos diversos trajetos pela cidade. Todavia, antes de iniciar as ações do grupo, COISA parou em um posto de gasolina para abastecer o carro – assim, todos os integrantes, inclusive eu, nos prontificamos a participar da “vaquinha” para a gasolina. Com o carro abastecido partimos para o *rolê* madrugada adentro. Coincidências a parte, no aparelho de som do carro dirigido por COISA tocava a música “Porcos Fardados” do grupo *Planet Hemp*, que contém uma letra nada simpática para com os Policiais.²⁹

A primeira ação dos rapazes nessa feita ocorreu em um pequeno prédio de três andares abandonado localizado na Avenida Sebastião de Brito, próximo da Avenida Cristiano Machado, localizado na Zona Norte. Nesta ação, os rapazes estacionaram o carro em uma Rua lateral, e me orientaram para que eu tentasse registrar a ação do outro lado da Avenida supracitada.

Enquanto os jovens subiram o prédio por dentro e se posicionavam nas janelas, do outro lado da Avenida, rapidamente eu tentava configurar o aparelho para iniciar o registro. Contudo, por conta de dois fatores limitantes, não obtive êxito: na calçada em que eu me posicionei havia um cachorro que fazia a vigília de um galpão que me atrapalhou, pois o mesmo latia muito, e, possivelmente, se eu permanecesse ali, despertaria a atenção de algum vizinho ou transeunte. Além disso, as árvores localizadas no canteiro central da pista obstruíam a visão da ação efetivada por COISA, FAIN e GINK – todos

²⁹ Os Policiais e Guardas Municipais figuram de forma extremamente negativa na representação dos pixadores, sendo considerados como os seus principais adversários. Além desses personagens os pixadores utilizam-se da expressão *herói* que se refere aos moradores, transeuntes e vigias particulares que assumem o papel do Estado e de alguma forma tentam inibir às ações dos pixadores. Por sua vez, as categorias *porcos*, *vermes*, *gambés*, se referem pejorativamente aos Policiais Militares, Cíveis e Guarda Municipais.

integrantes da *galera* ES MF. Por conta disso, saí de onde eu estava e me posicionei no canteiro central, ao lado de uma das árvores, o que levou os rapazes a chamarem a minha atenção, pois segundo eles, ficando ali, eu estaria dando *guela* – ou lançando mão de outra categoria nativa, eu estaria *esparrando a cena*³⁰. Após ser repreendido pelos rapazes, caminhei para a rua lateral, onde estava estacionado o carro, e fiquei aguardando o término da intervenção.

Efetivada a ação, os jovens comemoravam o sucesso e o fato de não ter ocorrido nenhum imprevisto durante a mesma. Também, conversavam sobre os detalhes da ação. Me recordo que GINK demonstrou insatisfação, pois ao invés de utilizar o *Fat Cap* – também conhecido pela categoria nativa *bicão* - (Bico grosso), na correria, durante a *cena*, não verificou o *cap* da lata, e acabou marcando a sua *preza* com o bico fino, perdendo destaque mediante a *preza* dos outros rapazes, haja vista que, somente a sua inscrição ficou com o traço das letras com uma espessura fina.

³⁰ Um pixador *guela* é aquele que fala muito, conta muita vantagem. É importante destacar aqui que os pixadores prezam, com veemência, pela discricção. Tal como a categoria nativa *escolta*, a expressão *esparro* também tem um sentido dúbio. Desse modo, além de ser utilizada para caracterizar uma ação descuidada ou, ainda, para descrever algum pixador que fala demais, pode ser usada também para designar uma *preza* que tenha muito destaque, ou que tenham preenchido todo o suporte. Assim, os pixadores comentam as *prezas* de outros pixadores, caracterizando-as como *prezas esparradas*.



Figura 15 - Na parte alta, GINK do lado esquerdo e COISA do lado direito. Abaixo, FAIN do lado esquerdo e do lado direito a sigla MF.

Já no caminho para a outra *cena*, os rapazes, bem perto da primeira ação, já encontraram um suporte chamativo, em plena Avenida Cristiano Machado. Ali os jovens marcavam suas inscrições, enquanto eu registrava com as lentes da minha câmera, a pedido dos rapazes do outro lado das quatro pistas que compõem a referida Avenida. Durante a ação dos rapazes, um “nóia”³¹ que estava perto de mim tentou tomar a minha filmadora, expliquei para o mesmo o que estava ocorrendo, e ele me disse que se eu o desse um trocado passava um *pano*³² para mim. Aceitei a proposta e o morador de rua ficou na vigília – exatamente neste momento, quando desviei o meu olhar para o lado oposto do homem que estava na *escolta*, em questão de segundos, passou uma Blazer da Polícia Militar, que por conta da alta velocidade, creio

³¹ O “nóia”, no senso comum, é o usuário de droga que, geralmente, pode ser também morador de rua ou, simplesmente, um indivíduo que transita pelas ruas na madrugada sob efeito de algum tipo de entorpecente ou bebida alcoólica.

³² *Passar um pano* é o mesmo que o ato de vigiar, isto é, enquanto um *pixa*, o outro *passa um pano*, atento às esquinas e no trânsito dos carros, para não serem surpreendidos por um eventual morador, ou, pior ainda, por alguma viatura da Polícia Militar ou da Guarda Municipal.

eu, não percebeu a minha presença e nem a ação dos pixadores do outro lado da Avenida.

Na mesma madrugada, em uma das outras ações do grupo aconteceu um flagrante. Enquanto FAIN escalava uma das janelas e marcava a sua *preza* no segundo andar de um dos prédios do Conjunto IAPI, localizado na região da Lagoinha, foi notado por uma moradora, que prontamente começou a gritar: “pega ladrão, pega ladrão”. Quando ocorreu esse fato, já era a segunda vez na mesma noite que os rapazes tentavam concretizar suas ações no local citado. As declarações por parte da vizinha irritou muito os três integrantes da *galera* em questão. GINK: *Nóis volta ainda FAIN*. FAIN: “É, ‘nóis’ volta ainda Zé. Deixa esse restinho do *Jet* pra mim. GINK: Nossa Zé, os caras ‘gritou’ ladrão, você viu? FAIN: É, os caras gritou ladrão. O cara da janela do GINK apareceu”.

A partir desse pequeno dado de campo, fiquei intrigado na busca de tentar compreender como funciona a noção própria de ética dos pixadores, pois estes, apesar de reconhecerem ou de estarem conscientes de que a pixação constitui uma prática desviante aos olhos da sociedade, se sentiram muito ofendidos pela moradora que os identificou com ladrões. Por conta do flagrante, FAIN teve que saltar do segundo andar, e veio correndo em direção ao carro, juntamente com GINK. Nesse momento, eu estava sentado no banco de trás do carro, e rapidamente, abri as portas para que os rapazes pudessem entrar. Assim que os jovens adentraram, COISA arrancou rápido e deu *fuga* sentido Zona Leste.

GINK: Você apareceu na hora certa [COISA]. FAIN: Na hora certa viu, porque eles iam pegar a gente de frente você viu GINK. GINK: Os caras do outro lado. FAIN: Aqueles caras estavam lá do outro lado naquela caminhonete. Eu vi eles saindo, eu até te falei, eles vão pegar, eles vão pagar de herói GINK. GINK: Eu vou tirar os bicos das latas. Só tem esses dois.

Durante a fuga, os jovens ficaram bastante apreensivos, pois, além de termos passado em alta velocidade em frente à Delegacia de Polícia Civil da Lagoinha, FAIN estava muito nervoso com um carro que vinha atrás.³³ FAIN:

³³ Nos intervalos entre as ações, ou nos termos da pixação, entre uma *cena* e outra, os pixadores mais cautelosos tem o cuidado de manter as mãos limpas. Depois das intervenções feitas na Av. Cristiano Machado os jovens resolveram parar em um Posto de Gasolina na Av. do Contorno, na altura do Bairro Floresta, para lavar as mãos. GINK: *nossa Zé, bora lavar a mão. Olha só, tô parecendo mais um nóia*. Além de se identificar com um nóia – usuário de

Espera aí. Nossa, ao carro ali. Vamos sair fora daquele carro. Sai fora daquele carro, sai fora daquele carro que está vindo ali. Vai para o outro lado. Engole os bicos e os flagrantes.

Foi a partir desse diálogo que pude aprender outra tática utilizada pelos pixadores para uma possível interceptação por parte da Polícia. A prática de se retirar e, posteriormente, engolir o bico, jogá-lo fora, ou ainda escondê-lo da vista dos Policiais é comum entre os pixadores. Tal estratégia é exercida pelos pixadores com o intuito de não serem pintados pelos Policiais Militares, pois ouvi muitos relatos por parte dos pixadores contando que ao ser flagrados pelos PM's foram pixados pelos mesmos. Sem o bico na lata, o Policial fica impedido de praticar essa ação agressiva contra o pixador, uma vez que o pixador deu fim no mecanismo que ao ser acoplado e acionado ao spray é responsável pela emissão do jato de tinta.

Ainda sobre esta prática, GINK relatou que, em certa feita, ao ser pego pelos Policiais Militares, em uma *cena* nas margens da Av. Cristiano Machado, que logo no início da batida Policial o PM responsável pela equipe que deu o flagrante antes de tudo já disse: *se o bico não aparecer vai todo mundo para a Delegacia*. Por conta disso, os rapazes mostraram para o Policial Militar aonde haviam jogados os bicos das latas e, assim, os PM's mandaram que os mesmos esticassem os braços que, conseqüentemente, foram pintados pelos mesmos. É importante destacar também que, apesar de ser um ato desviante praticado por vários Policiais, os jovens preferem esse tipo de punição informal a ir para a Delegacia e ter que assinar o Boletim de Ocorrência. Prova disso, é que GINK, sobre este episódio relatou que, mesmo com o braço todo pintado em *spray* preto, se sentiu muito aliviado por não ter *rodado* e não precisar ir para a *Delega*.³⁴

Por fim, após o insucesso na última ação, nos dirigimos sentido Zona Leste, onde os jovens *pegaram* a última cena daquela madrugada. Nesta ação,

drogas que habita as ruas - pelo fato de estar com as mãos sujas de tinta, os rapazes se preocupam em ter as mãos limpas, principalmente, para não dar *esparro* em uma possível batida policial.

³⁴ A categoria nativa *delega* é utilizada pelos pixadores de modo pejorativo para designar a Delegacia de Polícia.

GINK escalou um prédio de dois andares por fora, enquanto os outros dois integrantes do grupo ficaram na *escolta*. Assim, quando COISA me deu um sinal, saí de dentro do carro com a minha câmera em punho e registrei a audaciosa ação. Durante a intervenção ocorreu um momento de tensão, pois um carro apontou na rua onde nós estávamos:

FAIN: *Cuidado GINK. Eu tô cabreiro Zé. Tá normal. Vem pra cá, vem pra cá Rodrigo. O GINK fica quieto aí. Se vier carro ali Rodrigo você vem pra cá.* RODRIGO: *Passa um pano aí pra mim.* FAIN: *O GINK, e o outro lado Zé? TSSSSSSS... Nossa GINK, tá vindo um carro. Fica quieto aí em cima.* RODRIGO: *Pode continuar filmando?* FAIN: *Não, não. Sai daí e espera o carro passar. Fingi que você tá conversando comigo.* FAIN: *Calma aí GINK, calma aí.*

Todavia, para o nosso alívio o mesmo dobrou na esquina anterior. Assim, sem demora, GINK utilizando da própria arquitetura do pequeno edifício, escalou até o fim e marcou a sua *preza* na parte superior, - local de mais destaque, pois este tinha direito, pois foi ele que efetivou a escalada - e depois desceu marcando a *preza* dos seus companheiros. Por último, o pixador grafou a sigla da sua *galera* do lado esquerdo do suporte. Nesse momento, COISA já liga o carro e deixa as portas entreabertas. GINK: *Nossa Zé, essa cena foi uma das cenas mais doidas.*

Outro pequeno detalhe que podemos perceber nessa ação, e que eu só fui aprender com os pixadores tempos depois de ter observado e participado da mesma, foi como o fato do pixador ser destro ou canhoto influencia na intervenção do suporte. GINK, como se o prédio fosse um caderno de caligrafia, seguiu os nossos hábitos costumeiros da escrita, isto é, da esquerda para a direita, de cima para baixo. Até aí tudo bem, nada demais. Todavia, o que eu gostaria de chamar a atenção aqui é que se o pixador fosse canhoto, nesta *questão*, ele teria *pego a cena* pelo outro lado.



Figura 16 - Na parte superior, na horizontal, temos a *preza* GINK. No lado direito, na vertical, de cima para baixo, respectivamente, FAIN, COISA. Por fim, ao lado esquerdo, também na vertical, a sigla MF.

Só pude perceber tal minúcia, a partir do meu acompanhamento das repercussões dessa ação, pois GINK, no outro dia, me solicitou que eu passasse o vídeo da *cena*. Feito isso, o pixador já colocou o mesmo no sítio que armazena vídeos, o *Youtube*, juntamente com a divulgação da foto abaixo, retirada pelos próprios pixadores, e postada na rede social *Orkut*. Por conseguinte, as fotos, bem como o vídeo da intervenção, começaram a receber comentários elogiosos, correspondendo às expectativas dos Malucos da Floresta. Entre os comentários, os que mais me chamaram atenção foram os que vieram por parte dos pixadores que são canhotos, pois os mesmos explicitavam a sua vontade de estar nesta *cena*, justamente, para poder ter *pego* o outro lado.

Em resumo, pude perceber que, para os pixadores, ter um pixador canhoto no *rolê* é um diferencial, pois este consegue marcar inscrições com facilidade onde os pixadores destros teriam consideráveis dificuldades.

Todavia, como podemos perceber na imagem em destaque, e revendo o vídeo que por mim foi registrado, GINK, com muita dificuldade, marcou a inscrição da sua galera, na parte esquerda do suporte, só que utilizando a sua mão direita, por meio de uma perigosa manobra. Para tanto, o pixador, teve que se segurar com a a sua mão esquerda nas aberturas oferecidas pelos tijolinhos, distanciar o seu corpo do suporte, para só assim ter espaço, e conseguir marcar a inscrição da sua galera com a mão destra.

Ainda sobre as habilidades dos pixadores, para além da coragem e da disposição, os integrantes dos grupos esperam, uns dos outros, algumas outras características. Em uma conversa comum com os integrantes da MF ouvi COISA destacando que um determinado pixador que estava com ele em um de seus últimos *rolês* era muito desatento. Nesse sentido, os pixadores esperam que os outros pixadores que estejam no rolê, estejam sempre muito cautelosos na vigília daquela que está marcando a preza dos demais. Além disso, é importante também que o pixador saiba marcar a preza dos seus companheiros de galera de modo fidedigno. Assim, um pixador que só sabe marcar bem a sua própria preza é mal visto, podendo ser boicotado do *rolê*. Os pixadores que não *fortalecem* o *rolê* também não gozam de boa reputação dentre a sua própria galera, ou entre os pixadores como um todo. Em outras palavras, *fortalecer* o *rolê*, é contribuir de alguma forma, seja financeiramente, seja materialmente falando. Assim, se o *rolê* for feito de carro ou de moto, o pixador deve dar uma força na gasolina, e, principalmente, na compra das latas. Sendo assim, um pixador que constantemente comparece nos *rolês* sem *talas*, é tido como aproveitador.

Após esta última cena, COISA, junto com os outros rapazes, me levou em casa, por volta de 04h00min da madrugada. Mas antes de chegar a minha casa, pela mesma Avenida em que se iniciaram os *rolês* daquela noite – Avenida Sebastião de Brito – os jovens pararam em um imóvel para finalizar as latas de spray. Se tratava de uma faixa que aparentava ser uma Oficina Auto-Elétrica, contendo algumas paredes e umas portas de aço. Nesta cena, GINK e FAIN ensaiaram uma discussão sobre o uso das latas de spray. O início de desavença girava em torno da questão de quem tinha marcado mais

prezas. Dito de outro modo, os jovens se desentenderam, pois um achava que tinha mais direito de marcar *prezas* naquele momento, pois o outro pixador já havia marcado mais inscrições anteriormente. Entretanto, a incipiente discussão deu lugar a satisfação e a tranquilidade, pois segundo os jovens é muito satisfatório voltar do *rolê* sem nenhum *desacerto*. Assim, os jovens me deixaram na porta da minha residência e eu prometi a eles que, o quanto antes, passaria para eles os vídeos capitados naquela noite.

Na minha segunda participação em um *rolê* com os Malucos, tive a oportunidade de conhecer outros dois pixadores – neste caso, tratava-se de VITE ES MF e NICS FH (Floresta Hemp). Tal como na oportunidade anterior, os integrantes da ES MF, antes de saírem para o *rolê*, se dirigem para o ponto de encontro no bairro Floresta para usarem entorpecentes e combinarem os possíveis suportes onde realizariam suas pixações – ou utilizando dos termos da pixação, conversam sobre as *cenãs* que foram *escoltadas* ao longo da semana. Como tinha seis pessoas no *rolê* utilizamos dois carros. Assim, como de costume, saímos do Viaduto Santa Tereza, depois do *Rap*, em direção ao bairro Floresta e nos encontramos, por acaso, com NICS FH.

Depois dessa pequena reunião, nas margens da Avenida Cristiano Machado, saímos para o *rolê*. A primeira parada foi uma Avenida na Zona Oeste, onde os jovens fizeram uma *sequência* de *prezas* em um muro. Durante a ação, alguns integrantes do grupo, ficaram “nóiados” com a rápida passagem de um taxista, que viu a ação do outro lado da Avenida e, provavelmente, teria contatado o 183 - Disque Denúncia específica no combate a pixação. Todavia, mesmo que a denúncia tenha sido feita – os integrantes do grupo demonstram, constantemente, muita desconfiança para com os taxistas – os policiais não obtiveram êxito, pois “demos *fuga*” rapidamente do local.

A próxima ação se deu na Via Expressa, nas imediações do Barro Preto. Esta foi uma das *cenãs* mais difíceis da noite, pois se tratava de uma marquise alta, em uma Avenida muito movimentada. Durante a ação dos jovens, passaram três viaturas da Polícia Militar pelo local, mas, por conta da velocidade e destreza dos pixadores, os policiais militares não conseguiram

perceber a ação dos Malucos do Floresta. Novamente a pedido do integrante COISA atravessei as pistas e me posicionei do outro lado da Avenida para gravar a ação. Após muito esforço, por conta da altura, dois integrantes do grupo conseguiram subir na marquise do imóvel que receberia a intervenção dos pixadores GINK e FAIN. Para tanto, os rapazes lançaram mão de uma técnica muito conhecida em meio à pixação de Belo Horizonte, o *jeguerê*.³⁵

Quando os jovens alcançaram a parte superior começaram as dificuldades, pois foi exatamente neste momento, que começou a “chover polícia”. Coincidências a parte, antes e depois das pixações não passou pelo local nenhuma viatura. Contudo, durante a efetuação das pixações os rapazes passaram por apuros. Assim, para não serem vistos, durante o trânsito das viaturas, que passavam nos dois sentidos da Avenida, GINK e FAIN, vez ou outra, se deitavam na marquise. Os dois pixadores dividiram e se revezavam na ação, enquanto um marcava as *prezas* dos integrantes da *galera* que estavam presentes no *rolê*, o outro *escoltava* a questão – além dos demais, que também faziam a vigília nas imediações da *cena*.

Outro fator que dificultava as ações do grupo nesta noite, que pude perceber, tanto nas falas de alguns integrantes, quanto a partir da própria observação das ações, foi o número elevado de integrantes no *rolê*. Em outras palavras, quando se têm muitas pessoas no *rolê*, a dificuldade aumenta pelo fato de que o pixador que está em ação demora mais a terminar a *cena* por conta do número elevado de *prezas* que o mesmo tem que *marcar*. Assim, por exemplo, nesta cena, FAIN e GINK, tiveram que marcar, além de suas próprias *prezas*, as *prezas* dos seus companheiros, bem como o nome das duas *galeras*: MF (Malucos do Floresta) e FH (Floresta Hemp).

³⁵ O *jeguerê* é uma espécie de escada humana, onde um pixador fica de pé por sobre os ombros de outro pixador.



Figura 17 - FAIN, VITE, GINK, COISA (MF) e NICS (FH) - 2012

Analisando a imagem, podemos perceber ao lado esquerdo FAIN e VITE e abaixo, em letras menores, FH e em maior destaque MF, seguido do ano de 2012. Só mesmo depois de um bom tempo após a ação é que pude entender o porquê dos pixadores terem grafado o ano de 2012, mesmo em que ainda estivéssemos no ano de 2011. De acordo com o pixador COISA,

desde que eu vejo as pixações tem essa certa mania dos pixadores pixarem sempre quando está chegando o fim do ano os pixadores já começam a botar o ano seguinte. Então, lá para outubro desse ano você já começa a ver 2013. Ele já está mostrando que a galera está na ativa e que a sua preza no outro ano vai estar nova. Ele já se antecipa em alguns meses.

Já do lado direito, temos GINK, COISA e NICS e abaixo, ao contrário do lado direito, a sigla FH em maior realce, e ao lado, menos visível, a sigla da galera MF. Além disso, é importante destacar que, tanto pela fala dos pixadores, quanto pelo acompanhamento e da observação da prática, percebi que os integrantes da MF e da FH demonstraram muito respeito com as *prezas* antigas que já compunham o cenário da ação descrita anteriormente. Concluímos assim, analisando o suporte, que o obstáculo mais difícil a ser superado era alcançar a parte superior, neste caso, vencer a alta marquise. Se

os rapazes quisessem eles poderiam ter *atropelado* as pixações na parte mais alta do imóvel. Todavia, os mesmos comentaram sobre a importância de se preservar as *prezas* “das antigas”.

Para finalizar os trajetos desta madrugada os Malucos rumaram para o Centro, sentido Avenida Brasil, atrás de uma *cena* que lhes renderia muito *lbope*. Nesse percurso, ouvindo as conversas dos rapazes pude apreender como estes se orientam em meio à cidade, pois GINK para explicar para os outros jovens onde se localizava uma *escolta* que este queria pegar na Avenida mencionada, citou uma pixação relíquia, do pixador JIRAIA, no mesmo suporte urbano. É importante destacar que este fato não constitui um dado isolado. Constantemente, percebi nas falas dos rapazes referências a determinados endereços utilizando de pixações que funcionam como marcos chaves meio à paisagem da metrópole.



Figura 18 - A *preza* do reconhecido pixador JIRAIA fora mencionada por GINK, como marco de localização espacial na referida ação.

Por fim, na sequência, rumamos sentido Zona Leste, para o bairro Floresta, para o ponto de encontro do grupo MF. Ali, por volta de 04h30min da

madrugada, os jovens fumavam maconha e comentavam suas ações. Após escutar um pouco das suas apreensões da noite, me dirigi para a minha casa.

CAPÍTULO 2 - A PIXAÇÃO DE/EM BELO

HORIZONTE

O primeiro tópico do presente capítulo tem por objetivo estabelecer um breve panorama do histórico das modalidades de “inscrições urbanas” praticadas em Belo Horizonte. É importante lembrar que este tópico se justifica pelo intuito de levar o leitor a compreender como são fluidas as histórias de práticas distintas como o grafite e a pixação, e, principalmente, para que o leitor perceba como são fluidas as socialidades e relações estabelecidas por estes agentes – tal ponderação ficará clara ao longo deste capítulo e da dissertação como um todo.³⁶ Por conseguinte, enfocaremos na história da pixação mineira. No tópico posterior, intentaremos, a partir deste breve histórico, compreender como a *pixação*, ao longo de sua história, veio se metamorfoseando à medida que ia estabelecendo contato com as pixações de outras regiões, especialmente com as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Neste sentido, veremos que a pixação de Belo Horizonte, em um primeiro momento, manteve uma permuta de estilos mais intensa com a pixação *carioca*; e, posteriormente, em um segundo momento, estabeleceu relações de troca, por sua vez, com a pixação *paulista*. Tal hipótese se sustenta, previamente, em função da análise das próprias imagens coletadas pela etnografia aqui apresentada, conforme será apresentado à frente. Para tanto, a partir destas análises coletadas - juntamente com a análise de fontes de outras naturezas - intentaremos mostrar, detalhadamente, como os pixadores dominam todo um conjunto de saberes em torno da prática da pixação, o que nos permitirá mostrar uma correspondência entre: estilos, materiais, técnicas e suportes. Discutir esta questão se faz importante para pensarmos como, ao longo da história, foram mantidas as socialidades entre estes grupos, bem como para pensar o intercâmbio com o estilo *carioca* e o

³⁶ Ademais, é importante destacar que a nossa abordagem do fenômeno da pixação e das distintas formas de inscrições e intervenções como um todo visa deixar claro os limites entre as distintas práticas nos dias de hoje, para que só assim o leitor, que não tenha contato com o tema, venha compreender algumas formas de combate – por meio do grafite - estabelecidas tanto pelo setor público quanto pela esfera privada ao fenômeno da pixação. Tal afirmativa será mais explorada no último capítulo.

paulista. Dessa maneira, de forma mais enfática, poderemos trabalhar a tese de que, apesar dos intensos intercâmbios estilísticos, a *pixação* belo-horizontina construiu seu próprio estilo.

Inevitavelmente, esta discussão nos levará a outro *circuito* de jovens, qual seja, as Torcidas Organizadas. Desse modo, veremos que nos fins da década de 80, passando pela década de 90, a *pixação* manteve intensa relação com esta outra forma de socialidade juvenil. Neste ínterim, efetivaremos um exercício classificatório que buscou mapear os nomes das *galeras* de *pixação* em Belo Horizonte, estabelecendo uma breve comparação com os grupos de São Paulo, com o intuito de trazer a tona quais são os valores que perpassam todos os agrupamentos classificatórios por nós estabelecidos. Por fim, veremos ainda, como são dinâmicos os limites entre a pessoa do *pixador*, constituída pelo ato de grafar a sua alcunha nas paredes e muros da cidade, e a *galera* em que este se insere.

2.1 - Um pouco da história das “inscrições urbanas”

Por inscrições urbanas³⁷ designamos as diferentes formas com que pessoas e coletivos intervêm graficamente na paisagem da cidade, criando novos significados para os sustentáculos da metrópole, inventando novas leituras para as usuais formas de apropriação dos suportes contidos no cenário urbano. Assim, a fim de situar o leitor, estabeleceremos um breve panorama acerca dos distintos modos de intervenção urbana, praticadas por estes

³⁷ Cabe lembrar ainda que, muitas das vezes, no senso comum, a palavra *graffiti* abarca todas estas formas de interferências urbanas citadas anteriormente. No entanto, elegemos trabalhar inicialmente com o termo “inscrições urbanas”, pois este não tem por pretensão englobar estas distintas formas de intervenção em torno de apenas uma destas práticas em comum, neste caso o grafite, de modo que possamos apreender suas peculiaridades dentro dos seus próprios modos de significações estabelecidos pelos seus próprios agentes. Ademais, é importante fazer a seguinte ponderação, dentre as distintas formas de inscrições urbanas que iremos abordar aqui, a *pixação* é um fenômeno quase que exclusivamente das metrópoles, praticamente ausente de cidades de pequeno e médio porte. Todavia, as outras modalidades de intervenções gráficas efetivadas nas paisagens urbanas podem ser encontradas em cidades com uma escala menor. De todo modo, estamos conscientes da limitação aplicativa do termo “inscrições urbanas”.

agentes, escondidos na multidão da metrópole, também conhecida como *street art*, representada pelo grafite³⁸, *pixação*, *grapixo*, lambe-lambe, *stick* e *stencil*.

É impossível transitar pelas ruas da capital mineira e não se deparar com incontáveis e distintas formas de intervenções urbanas, algumas aparentemente ilegíveis, nas paredes, muros, e prédios que configuram o cenário urbano. Tais intervenções compõem a paisagem de Belo Horizonte há décadas, suscitando críticas e questionamentos em meio à população, mídia e órgãos públicos a seu respeito.

A gênese da história da intervenção urbana, do modo como a conhecemos hoje, de acordo com as revistas especializadas, geralmente, remontam à cidade de Nova Iorque no contexto dos anos de 1970. No entanto, ao dialogarmos com os estudos que se referem ao fenômeno estudado, prevalece a tese de que a gênese das inscrições urbanas, em um primeiro momento sendo representada pela *pixação*, está relacionada ao movimento de lutas políticas, sociais e culturais conhecido como Maio de 1968, na França. As reivindicações estudantis do Maio de 68 foram viabilizadas, dentre outros modos, pela utilização do *spray* pelos manifestantes que tomavam os muros da cidade parisiense como suporte para o registro de seus protestos. (RAMOS, 1999: p. 13-14)

Em linhas gerais, como definimos em nossa Introdução, pode-se inferir que a *pixação* advém da escrita, e, conseqüentemente, privilegia a palavra. Assim, as *pixações* são inscrições monocromáticas, feitas com *spray* ou rolo de pintura em meio à arquitetura da metrópole. Neste sentido, a subversão pode ser vista como uma de suas características principais, seja ela politizada ou não, haja vista que a *pixação* não é uma prática aceita ou normatizada pela sociedade.

De acordo com Alexandre Barbosa Pereira, em 1972, “umas das primeiras inscrições a alcançar certa notoriedade na cidade de Nova York foi a

³⁸ *Graffiti* é a forma mais comum de encontrarmos este termo grafado pelos atores que o praticam. Esta grafia é adotada universalmente, ou seja, tanto os atores brasileiros como nos demais países usam o termo na forma *graffiti*. No texto optei por usar a palavra na sua escrita em português grafite. Porém, vale assinalar que a palavra grafite em português faz referências a coisas que não fazem parte do universo que estou pesquisando, como por exemplo, a indústria que trabalha com o minério grafite. Assim, neste texto a palavra grafite tem o único objetivo de se referir ao fenômeno urbano conhecido por *graffiti*.

inscrição ‘*TAKI 183*’” (PEREIRA, 2007: p. 227). A referida inscrição foi empregada exaustivamente, podendo ser encontrada nas mais diversas localidades da cidade norte-americana, ganhando notoriedade ao ponto de se tornar notícia do renomado jornal *The New York Times*. Ao desmembrarmos a enigmática inscrição, temos: *Taki*, que se referia ao codinome do autor; já o número *183* remetia à rua em que o autor das inscrições residia. Esta reportagem serviu para consagrar para sempre este pixador, tendo uma forte repercussão, incentivando a prática. “Não demorou muito para que centenas de jovens deixassem espalhadas suas assinaturas pelas paredes e trens de Nova Iorque” (VIANA e BAGNARIOL, 2004: p. 161). E é nesse contexto de intensas disputas por visibilidade em meio ao espaço urbano que os jovens começam a desenvolver grafias originais e estilos característicos, os chamados *tags*³⁹, associadas ao grafite.

Após exaustiva difusão da *pixação* em Nova Iorque, se estendendo para outras capitais dos Estados Unidos, a *pixação* desta vez toma de assalto o polêmico muro de Berlim na Alemanha, tido como símbolo do autoritarismo e das disputas globais envolvendo os blocos antagônicos, capitalismo e socialismo, dentro do fenômeno histórico intitulado Guerra Fria. Por volta dos anos de 1980, o muro de Berlim começa a receber suas primeiras inscrições, empregadas em larga escala, sobretudo, no lado ocidental, que mantinha um controle menos rígido das fronteiras estabelecidas pelo muro (RAMOS, 1994: p. 14-15).

Ao resgatarmos parte da história da *pixação* de Nova York, podemos perceber uma semelhança com a *pixação* que se desenvolveu no Brasil, pois em ambas podemos encontrar o nome do autor (ou pseudônimo) e uma menção à sua localidade. Assim, é comum, ao nos depararmos com *pixações* nas metrópoles, encontrarmos referências à região geográfica (Zonas Norte, Sul, Leste ou Oeste) ou ao bairro, ou, no vocabulário da *pixação*, à “área”.

Em São Paulo, a *pixação* deixou suas primeiras marcas por volta de 1976. Além de meio de protesto, como na famosa frase contestando o Regime Militar, “Abaixo a Ditadura”, veiculada em larga escala por distintos veículos da

³⁹ *Tags* são as assinaturas dos pixadores, são monocromáticas e feitas rapidamente. As *tags* são normalmente classificadas como *pixação*.

mídia, “surgiram também outras bem-humoradas e enigmáticas, como, por exemplo, CELACANTO PROVOCA MAREMOTO”, fazendo alusão ao seriado japonês *National Kid*, ou ainda, “Ah, Ah Beije-me”. Desse modo, percebemos que as manifestações pendiam entre reivindicações de caráter contestatórios e escritas com características apolíticas (GITAHY, 1999: p. 23-24). Contudo, com o passar do tempo, podemos perceber que, em sua maioria, as *pixações* penderam para práticas identitárias exercidas por grupos de pixadores.

Com o passar do tempo as inscrições monocromáticas ganharam mais vida, formas e cores. Assim, a partir da *pixação* surge uma nova forma de intervenção urbana, o grafite. O grafite, dentro de suas mais variadas formas – produção, *bomb*, *throw-up*, *wildstyle*, *3D*, dentre outros - se diferencia da *pixação* na medida em que este privilegia a estética em detrimento da palavra, sendo composto por muitas cores e formas, dotado de elevado grau técnico e artístico.

Grosso modo, pode-se inferir que a *pixação* e o grafite possuem uma história comum, muitas das vezes remetida à gênese do movimento *Hip-Hop* na Nova Iorque da década de 70.⁴⁰ Entretanto, vale lembrar que muitos grafiteiros não relacionam a gênese desta prática com o movimento *hip-hop*, mas sim identificam a gênese deste fenômeno com a *pop* arte, como sendo parte da evolução de um segmento próprio das artes plásticas, como poderíamos citar os artistas de São Paulo, Alex Vallauri e Celso Gitahy. No entanto, antes de atingir sua forma atual, passando pelos seus antecedentes que remontam à pré-história, essas linguagens podem ser vistas em vários momentos e em diferentes civilizações de maneiras diversas até adquirirem sua configuração contemporânea (VIANA e BAGNARIOL, 2004: p. 4).

No que diz respeito às manifestações ocorridas no Maio de 68, bem como em Nova Iorque da década de 1970, devemos enfatizar que, embora os suportes e os materiais utilizados fossem os mesmos, estes agentes significavam suas práticas de formas distintas. Por um lado, enquanto os manifestantes do Maio de 68 reivindicavam a reformulação nos currículos

⁴⁰ A mídia normalmente relaciona o grafite com o movimento *hip-hop*, elencando o grafite como um dos quatro elementos deste movimento que se complementa com a música *RAP* (*rhythm-and-poetry*), a dança *break* e os animadores musicais *djs*. (ROCHA, DOMENICH, CASSEANO, 2001: p. 17)

estudantis, criticavam o autoritarismo, o imperialismo, a massificação da sociedade industrial e os tabus culturais; por outro lado, em Nova Iorque, os jovens, por meio de suas frases “poéticas ou políticas, nomes, pseudônimos e endereços, além de desenhos e grafismos, denunciavam a necessidade da criação artística autônoma no espaço urbano, legitimando a rua como espaço vital para a liberdade e expressão” (VIANA e BAGNARIOL, 2004: p. 158) Assim, ao contrário do fenômeno parisiense, de certo modo, podemos afirmar que estas inscrições não tinham conteúdo político ou filosófico. “Em sua maioria, tratava-se de nomes, pseudônimos e endereços de adolescentes que, ao divulgarem sua própria (logo)marca, se apropriavam de meios e modelos utilizados pela sociedade de consumo” (VIANA e BAGNARIOL, 2004: p. 161).

Contudo, existe uma modalidade que se pode dizer intermediária entre a *pixação* e o grafite, o “*grapixo*”. Muitos pixadores passaram a observar os grafites e começaram a estilizar suas inscrições dotando-as de um caráter estético mais detalhado e elaborado, mas sem perder de vista a ênfase dada pelo pixador à assinatura. Desse modo, as assinaturas dos pixadores, passam a ter agora preenchimento e contorno, estabelecendo conexões com o grafite.

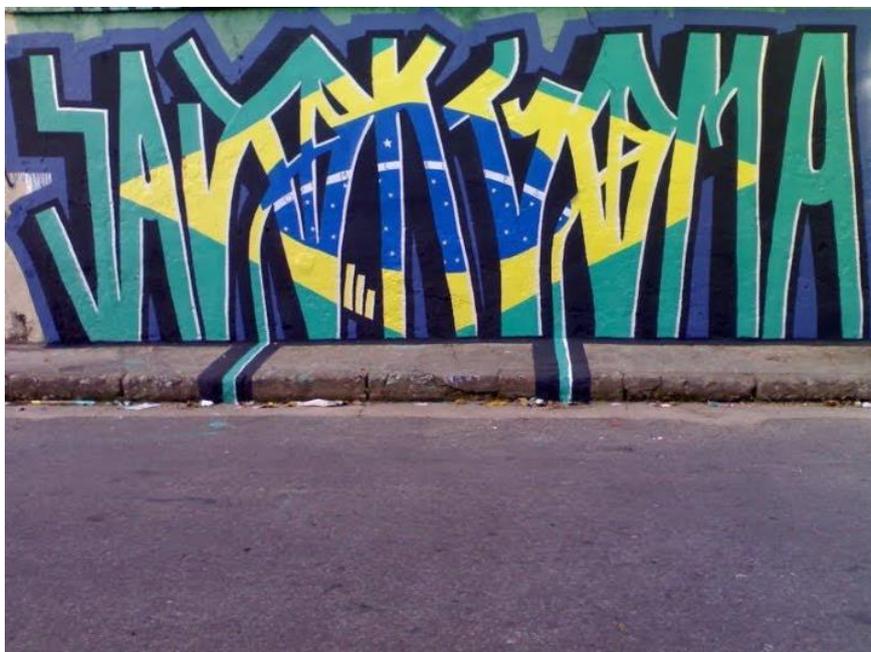


Figura 19 - Grapixo feito pelos pixadores SADOK e GOMA.

Em suma, temos ainda as outras formas de intervenção urbana citadas anteriormente, *stencil*⁴¹, *stick*⁴² e o lambe-lambe⁴³, que também fazem parte da “evolução” do grafite, intituladas por alguns como “pós-grafite”. Assim, os interventores urbanos com o intuito de incrementar os seus trabalhos de grafite passaram a buscar novas técnicas, somando estas às utilizadas anteriormente, no uso de tintas e *sprays*, explorando distintas ferramentas, como papel, adesivos em vinil e pôsteres de grandes dimensões. Portanto, por consequência desta busca é que surgem estas novas formas de intervenção na paisagem urbana.

2.2 - A gênese das “inscrições urbanas” em Belo

Horizonte

Após a descrição inicial, apresentada na seção anterior, se faz necessário contextualizar, ainda que de forma sucinta, a origem das inscrições urbanas em Belo Horizonte, como um todo, para depois enfocarmos na pixação. Em linhas gerais, de acordo com nossas leituras preliminares, diferentemente de São Paulo, a bibliografia aponta que a gênese da intervenção urbana, representada inicialmente pela *pixação* e pelo grafite, se deu a partir do movimento *hip-hop* de Belo Horizonte nos anos 80.

Desse modo, o desenvolvimento das primeiras formas de intervenção urbana “acompanham as rodas de *break* e a difusão do movimento *hip-hop*” (VIANA & BAGNARIOL, 2004: p. 171). A partir de então, a “Praça da Savassi, passa a ser um dos primeiros pontos de reunião” (VIANA & BAGNARIOL, 2004: p. 171), onde os jovens ensaiavam em rodas de *break*. Assim como nos

⁴¹ *Stencil* é uma técnica que utiliza moldes vazados em telas de papelão através das quais o *spray* transfere para a superfície escolhida o desenho ali contido, similar a uma tela de estampar roupas.

⁴² Os *sticks* surgiram em resposta às massivas propagandas presentes nas metrópoles urbanas, ilustrações em papel adesivo (que podem ser em tamanho A4 ou menores e também pôsteres fixados com cola de trigo), presos em paredes, postes, pisos, tetos e placas nas ruas, já adquiriram o *status* de manifestação estética e constituem uma das principais vertentes dessa nova arte de rua.

⁴³ O lambe-lambe pouco se diferencia do *stick*, com exceção do tamanho e do conteúdo. Assim mantêm as mesmas técnicas de fabricação e aplicação do *stick*. Desse modo, o tamanho e as mensagens contidas em seu corpo, geralmente politizadas, diferenciam o lambe-lambe do *stick*.

filmes temáticos de *hip-hop*, “cada grupo de *break* em Belo Horizonte passou a ter um desenhista talentoso para estampar seus trajes” (VIANA & BAGNARIOL, 2004: p. 171) e também a sigla do grupo em que estes estavam inseridos. Cabe ressaltar que neste período as inscrições marcadas por estes grupos eram dotadas, geralmente, de caráter político, assumindo novas feições com o passar do tempo.

Nos fins da década de 80, o grafite extrapola os limites dos espaços freqüentados pelos grupos de *break* alcançando o *bowl* do Anchieta, na região centro-sul, parte nobre da cidade. Assim por volta de 1987, grafites de “Dentinho, Vaguinho, GMC, Harlem, dentre outros, se alastram pelos bairros Carlos Prates, Caiçara, Cabana, Venda Nova e Planalto, nas regiões Noroeste, Norte e Oeste.” (VIANA & BAGNARIOL, 2004: p. 174) Inicialmente, até o começo do movimento *hip hop*, as inscrições na cidade tinham sido predominantemente de caráter político. Em Belo Horizonte, o cartunista Lacarmélio

é apontado como um dos primeiros a realizar mensagens auto-promocionais, espalhando pela cidade “Leia Celton”, ou simplesmente “Celton”, para divulgar as histórias do personagem homônimo, cujas revistas o autor vende ainda hoje, pessoalmente, nas esquinas de Belo Horizonte. (VIANA e BAGNARIOL, 2004: p. 172)

Com a chegada da década de 90, os grafites passam a ocupar distintos pontos da região central de Belo Horizonte. A partir de então, começam a ocorrer diversas intervenções em eventos organizados pelos próprios grafiteiros, como por exemplo, o *Grafitando BH*, que efetivou um debate acerca do grafite e, posteriormente, uma intervenção na Praça da Estação.

O ápice da pixação ocorreu na década de 90. Neste período, de acordo com inúmeros relatos, haviam grupos de pixação que possuem mais de 80 integrantes, tais como a DFC. Se a explosão e a popularização do fenômeno ocorreu em meados da década de 90, é importante destacar que a pixação em Belo Horizonte,

“acabou se tornando prática comum entre as torcidas organizadas dos grandes times de futebol. Nos anos 80, após a Máfia Azul pichar a sede do Atlético em Lourdes, o

fenômeno generalizou-se. De fato, é nos grandes templos do futebol que a pichação adquire para o jovem o caráter dos grandes conflitos, e passa a integrar a coreografia mítica do ritual esportivo”. (VIANA & BAGNARIOL, 2004: p. 182)

No mesmo sentido, segundo Isnardis, neste período, “as *galeras* de pichação e as torcidas organizadas têm uma ligação visceral”. De acordo com a pesquisa do autor, se percebia neste recorte temporal inúmeras inscrições que remetiam às maiores Torcidas Organizadas de Belo Horizonte. “Vários dos mais acalorados integrantes de torcidas organizadas são pichadores”. (ISNARDIS, 1995: p. 56). No entanto, de modo comparativo, nos dias de hoje, diferentemente do quadro observado por Isnardis na década de 90, os pixadores – como observamos nas seções iniciais desta etnografia – não possuem um único local específico para se encontrar – neste caso, o Estádio do Mineirão. Atualmente, os pixadores se encontram, principalmente, no Duelo de MC’s, ou nos dizeres dos pixadores, no *Rap*, nas Festas das *Galeras*, e, ainda, nas Lojas de Produtos Especializados.

Por conta da reduzida bibliografia produzida acerca da história da pichação em Belo Horizonte, nos vemos obrigados a tentar reconstituir a mesma a partir da catalogação das imagens – enfocando, principalmente, na década de 90, período em que encontramos um grande número de materiais – e, também, por meio do relato dos pixadores.⁴⁴ Para cumprir tal objetivo, gostaria de destacar algumas imagens de determinadas pichações que, ao longo da história, de acordo com a perspectiva dos próprios pixadores, possuem grande destaque. Mas antes disso, gostaria de destacar que, neste trabalho, as interpretações e usos de “fotografias etnográficas” assumem duas perspectivas:

O modo documentário considera a informação que pode ser apreendida por meio da análise de conteúdo da imagem, servindo como uma fonte de dados sobre outros universos culturais e sobre o contexto histórico no qual a fotografia foi criada. Já o modo reflexivo de interpretação considera a fotografia como um meio para elucidar as

⁴⁴ Nesse sentido, estamos analisando imagens cedidas pelo Prof. Andrei Isnardis que investigou as pichações de Belo Horizonte em sua pesquisa monográfica no período em questão, além do acervo pessoal de um ex-pixador, bem como uma gama de imagens coletadas em *blogs* de relacionamento.

representações criadas pelo sujeito cognoscível no trabalho de campo e as estratégias discursivas usadas na construção de um conhecimento sobre o “outro”. (BITTENCOURT, 1998: p. 200, 201)

A partir do primeiro modo de assunção da “fotografia etnográfica”, em nossa seção de caráter histórico olharemos para as imagens como uma base de dados sobre o contexto histórico da década de 90 da pixação mineira. Por sua vez, o modo reflexivo, em uma perspectiva sincrônica, nos permitirá atentar para elucidar as representações criadas pelos pixadores acerca de suas ações, auxiliando a construção do nosso conhecimento etnográfico. A combinação dos “modos de interpretação documentário e reflexivo abre diferentes dimensões de significados nas quais a imagem fotográfica pode ser analisada”. Essa abordagem traz uma “perspectiva frutífera para o uso de fotografias como dado etnográfico e novos critérios para a compreensão de outros e de nossos discursos visuais”. (BITTENCOURT, 1998: p. 201)



Figura 20 – “Hora dos Vândalos” – Skilo – GBS/PE.

Na imagem, cedida gentilmente por um pixador que contribuiu muito para a presente etnografia, temos uma das pixações que mais repercutiram em meio à pixação, assim como dentre a própria população da capital mineira. No relógio da Prefeitura de Belo Horizonte, após uma difícil escalada, o pixador

SKILO, integrante da *galera* GBS (Geração Blue Sky) e da *grife* PE (Pixadores de Elite), alcançou a parte alta da Torre e deixou grafada sua *preza*, no estilo *carioquinha*, bem como a seguinte frase: “nossa geração rebelde”.

Outra pixação que entrou para a história em Belo Horizonte, já nos fins da década de 90, foi a façanha realizada pelo pixador COSSI GSD/BM/TOG (Geração Só Doidão/Best Minas/Torcida Organizada Galoucura), também, na Avenida Afonso Pena, falando de modo mais específico, em um dos edifícios localizados no encontro dessa com a Avenida Amazonas e a Rua dos Carijós, em plena Praça Sete. Nesta feita, de acordo com os relatos dos pixadores, COSSI, atingiu a parte alta do prédio, passando pelo interior da placa publicitária, com a desculpa que iria efetivar a manutenção da mesma.



Figura 21 - COSSI – BM/GSD/TOG, 1999.

Outra fonte de pesquisa que utilizamos em nossa pesquisa, na busca por tentar reconstituir um pouco da história da pixação mineira, além das imagens de pixações antigas, foram as *folhinhas* e algumas cartas trocadas por

pixadores em meados da década de 90. Em contato com alguns pixadores, do grupo MF, que possuía e possui ligações com outros grupos, consegui um rico acervo material que permite corroborar a hipótese, observada inicialmente através da análise do próprio espaço urbano e das fotografias antigas, de que anteriormente os pixadores de Belo Horizonte, e seus respectivos grupos, possuíam uma ligação mais intensa com as Torcidas Organizadas.



Figura 22 - Folhinha de meados da década de 90. INXS GBS/CMA/PE 001 e SR GBS/PE 095.

Na *folhinha*, em foco, acima, temos a assinatura de INXS, o principal pixador da galera GBS(Geração Blue Sky) e do conglomerado de *galeras*, a PE (Pixadores de Elite), em conjunto com o pixador SR, que também *marcava* as mesmas siglas. Podemos afirmar que INXS, neste momento, era o mais importante pixador da PE, pois o mesmo, como expresso na imagem, é que possuía o direito de assinar como 001, diferentemente, do pixador SR, que

detinha, então, a posição de número 095, dentre os Pixadores de Elite. Além dessas informações, a *folhinha* deixa expressa, a partir da frase apologética pró Flamengo, também a sigla CMA (Comando Máfia Azul), bem como a aliança entre esta Torcida Organizada do Cruzeiro com Torcidas Organizadas do Flamengo. Por outro lado, a imagem, ainda, nos permite notar a relação de distanciamento entre a GBS/CMA com as torcidas do Palmeiras, haja vista que a TOG (Torcida Organizada Galoucura), é aliada da Mancha Verde – Torcida Uniformizada que representa o clube de futebol paulista do Palmeiras.⁴⁵

Após a metade dos anos 90, o fenômeno “grafite-pixação atinge a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) que, num primeiro momento tenta inibir a prática reprimindo os infratores.” (VIANA & BAGNARIOL, 2004: p. 178) No entanto, diante da grandeza alcançada pelo fenômeno, a PBH passou a buscar um diálogo com grafiteiros e pixadores criando o *Projeto Guernica*.⁴⁶

Em resumo, atualmente, o quadro geral das inscrições urbanas em Belo Horizonte, com exceção da *pixação*, atingiu o centro das galerias de arte, como poderíamos citar, por exemplo, a exposição *American Graffiti*, realizada no Palácio das Artes. Outro caso que exemplifica a grandeza adquirida pelo fenômeno das inscrições urbanas em Belo Horizonte, atualmente, foi o evento ocorrido na Serraria Souza Pinto em outubro de 2008, a *Bienal Internacional de Graffiti* (BIG), que apesar do nome do evento dar ênfase a apenas um dos segmentos da *arte urbana*, abrigou todas as diferentes práticas que esta categoria encerra. Este evento contou com grandes patrocínios, massiva presença do público, recebendo a participação de interventores e grafiteiros de diversas partes do mundo.

No próximo tópico, continuaremos abordando e trazendo mais elementos da história da *pixação* de Belo Horizonte, destacando como esta se constitui(u) em contato com a *pixação* de outras capitais.

⁴⁵ Posteriormente, trataremos um pouco mais de detalhes das relações entre as Torcidas Uniformizadas de Belo Horizonte, assim como falaremos de momentos em que T. O's rivais mantiveram relações amistosas por conta da própria *pixação*.

⁴⁶ Abordaremos tal Projeto, com mais detalhes, em um momento posterior – especificamente, no capítulo três.

2.3 - Entre o Rio de Janeiro e São Paulo: a pixação de/em

Belo Horizonte

Como já foi apresentado, a *pixação*, possivelmente, possui uma gênese comum nas mais diferentes localidades do Brasil afora – embora seus primeiros registros fossem vistos no Rio de Janeiro e em São Paulo. Todavia, em cada localidade, essa prática desenvolve suas próprias características, seja em suas formas estéticas, seja nas suas formas de socialidades e categorias nativas.

Analisando uma série de imagens sobre as *pixações* de Belo Horizonte em meados da década de 90, percebemos uma semelhança muito grande com as formas da *pixação* carioca. Esta tem por marca principal um alto grau de estilização. No ato em que o *pixador* está inscrevendo sua marca, está é feita como se o *pixador* estivesse grafando em um papel uma espécie de rubrica, ou uma assinatura. Assim, a *pixação* carioca, dentre os *pixadores*, é caracterizada, Brasil afora, como a *pixação* com o maior grau de dificuldade de leitura.⁴⁷

Dentre outras peculiaridades, a *pixação* carioca se difere também pelo uso, pode-se dizer quase que exclusivo, do *spray*, em suas inscrições. Diferentemente da *pixação* paulistana, a *pixação* carioca, praticamente, não utiliza do *rolinho* de pintura e das tintas látex, que por ser diluída a base de água, tem um alto rendimento e um custo financeiro baixo. Outro traço distintivo habitualmente posto em prática pelos *pixadores* cariocas, é o hábito de se marcar inúmeras inscrições e em um tamanho reduzido – mesmo quando estas são grafadas nos topos de prédios -, se comparado com a *pixação* de São Paulo que privilegia a marca de alcunhas grandes.⁴⁸

Uma das características mais distintivas da *pixação* praticada na capital do Rio de Janeiro é a famosa linguagem do TTK. Em meados dos anos 80,

⁴⁷ O chamado estilo *carioca* “se caracteriza por traços arredondados e letras emboladas – conhecido também como *emboladinha* -, realizadas com gestos rápidos e *spray*. Mais recente, o estilo *carioquina* acrescenta, por cima do tag – *tag é o mesmo que preza*, traços circulares que tornam completamente ilegível o apelido. (VIANA & BAGNARIOL, 2004: p. 181, grifo nosso)

⁴⁸ A grandeza pode ser observada tanto nas dimensões das letras, quanto nos próprios nomes das inscrições: ALOPRADOS, LIXOMANIA, ALUCINADOS, etc.

além de transgredirem nos muros, os pixadores transgrediram também a Língua Portuguesa. Com o intuito de se comunicar secretamente, criaram o dialeto de caráter criptográfico, a “língua do TTK”, que consiste em pronunciar as palavras invertendo a ordem das sílabas (pixar = xarpi, cialípo = polícia, serquima = marquise). O TTK foi criado por presos políticos no fim dos anos 70, com a ditadura ainda em vigor. A intenção era despistar os militares e seus agentes. O nome é uma homenagem ao Catete, bairro em que a língua teve boa repercussão (TTK = KTT). (COSTA, 2009: p. 56)

Os pixadores se apropriaram do dialeto, dominaram-no e o colocaram em prática em diversos ambientes, no ônibus, na escola, na rua, causando curiosidade e espanto nas pessoas ao redor.

A familiarização [...] com o exercício ‘de falar de trás para frente’ era uma forma de proteção e transformação lingüística, o que não deixa de representar uma forma de modificar a realidade (ARCE, 1999: p. 137).

Tratando, de um modo geral, da pixação praticada em São Paulo, observamos que sua maior peculiaridade diz respeito, também, à sua forma, que pode ser percebida se comparada com qualquer *pixação* de outra localidade. As inscrições assumem uma característica comumente encontrada nas capas dos discos de *Heavy Metal* e *Punk* dos anos 80, quando a moda era usar o alfabeto rúnico dos *vikings*. Assim, a pixação de São Paulo, grosso modo, assume uma tipologia uniforme e vertical conhecida como *Tag* reto. (GITAHY, 1999)



Figura 23- Prédio na Avenida São João, no centro da capital paulista.

Neste sentido, Massimo Canevacci designa a *pixação* paulista como uma escrita no estilo “árabe-gótico”. Vejamos:

Essas letras têm o jogo – ou o arabesco, como muito adequadamente foi definido – dos rabiscos próprios da verdadeira escrita árabe, com sua exigência quase exagerada de entrelaçamentos que constroem cifras, bordados, heras; e também a seriedade do alfabeto gótico, feito de signos convexos e côncavos, de ângulos agudos, de

improvisadas acelerações, com subidas e descidas dos signos. Talvez seja devido a esta matriz obscura e misturada – simultaneamente árabe e gótica, quase o máximo da incompreensibilidade – que raramente se compreenda o sentido [dessas *pixações*] desses grafites (CANEVACCI, 1993: p. 183, grifo nosso).

Sendo assim, após descrever algumas das características das *pixações* paulista e carioca, voltemos nosso olhar para a *pixação* de Belo Horizonte. Em um primeiro momento, como já destacamos, a *pixação* da capital mineira, demonstra um intercâmbio de estilo mais intenso com a caligrafia *carioca* – contudo, ainda não se sabe por quais motivos, ao longo da história, a *pixação* mineira manteve uma proximidade maior ou menor com as outras capitais.



Figura 24 - Inscrição do lendário pixador, belo-horizontino, INXS, co-fundador da PE – Pixadores de Elite, no estilo *carioquina*. (GBS - Geração Blue Sky)

Além do intercâmbio estilístico, outra característica externa mapeada na *pixação* de Belo Horizonte, é a sobrevivência de alguns traços da linguagem do TTK. Assim, os pixadores mineiros, por algumas vezes lançam mão de expressões como, “tala” (lata), “tje” (jet), “xarpi” (pixar), dentre outras. Além disso, os mesmos tem o carioca MC. Leonel e suas músicas de *Rap*, com conteúdos próprios ao universo da *pixação*, como ícone. É comum encontrar vídeos que contenham as ações dos pixadores mineiros com as suas músicas de fundo.

Com o passar do tempo, a *pixação* de Belo Horizonte estabeleceu uma relação de troca mais incisiva com a *pixação* paulista, tanto no que diz respeito

às técnicas, quanto no que tange às suas formas estilísticas. Assim, os pixadores mineiros passaram a utilizar o rolo de pintura e as tintas latex em grande escala em suas inscrições na capital mineira. A explicação para o emprego destes instrumentos, em geral, se justifica pelo baixo custo financeiro e, principalmente, porque as pixações feitas nos altos dos prédios e viadutos precisam de um maior destaque, para que, assim, possam ser vistas por aqueles que passem pelas ruas.



Figura 25 - Pixações em um prédio localizado na Avenida dos Andradas, centro de Belo Horizonte.

Na imagem acima, observamos um prédio localizado em frente ao Shopping Popular Oiapoque, que fora tomado pelos pixadores, durante um

bom tempo, como se fosse um caderno de caligrafia. Atualmente, por consequência dos desdobramentos das obras da Copa de 2014, o prédio abandonado, tido como cartão de visita da pixação mineira, teve todas as inscrições removidas, pois o mesmo retomou as suas obras de conclusão, e servirá como um Hotel durante os eventos esportivos que irão acontecer nos anos de 2013 e 2014. Explorando a imagem, podemos abordar ainda a questão que gira em torno da inscrição individual. Em nossas observações percebemos que é corriqueiro o hábito dos pixadores marcarem suas *prezas* em diferentes estilos. Neste sentido, ao analisarmos a imagem, notamos os desdobramentos da estilística da caligrafia *Paulista* em terras mineiras. Neste ponto, é interessante notar como os pixadores mineiros usam expressões que remetem à estética de outras regiões, afirmando, às vezes, frases como: vou *marcar* uma *Paulista* – ou então, vou *marcar* uma *Carioquinha*.



Figura 26 - De cima para baixo, prezas do pixador COISA no estilo paulista, mineiro e carioca (carioquinha, emboladinha).

De acordo com Andrei Isnardis, a partir de uma perspectiva etnoarqueológica, ao compararmos as pixações mineiras com as de São Paulo e Rio de Janeiro, fica evidente o

parentesco dos estilos, embora se possa observar que, em Belo Horizonte, produziu-se uma variação a partir do estilo alóctone. Se nosso olhar arqueológico enquadrasse o Brasil como um todo, as semelhanças dos estilos permitiria distinguir territórios e intercâmbios, pois em São Paulo utiliza-se predominantemente um só estilo, o mesmo que foi transmitido para Belo Horizonte; o Rio de Janeiro também está pichado predominantemente com um único estilo, aquele que foi importado e alterado pelos mineiros; enquanto Belo Horizonte, por sua vez, apresenta variações dos estilos paulistas e carioca, bem como outros estilos autóctones ou alóctones; e outras cidades brasileiras podem também apresentar estilos importados ou locais. Aí estaríamos visualizando grupos de pichadores com correspondência na realidade etnográfica, formados pelo conjunto de grupo de pichadores de cada cidade, arqueologicamente reconhecíveis em suas semelhanças e pequenas diferenças regionais. (ISNARDIS, 1997: p. 151)

Resumidamente, podemos inferir que a *pixação* de Belo Horizonte, assim, manteve um intercâmbio de estilos com a *pixação* praticada nas capitais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Entretanto, com o passar do tempo, a *pixação* mineira construiu o seu estilo próprio, constituindo o seu próprio *alfabeto*.⁴⁹ Além de constituir o seu próprio *alfabeto*, a *pixação* mineira tem por hábito marcar inscrições que contenham em seu interior o que os pixadores chamam de *carinhas*. O ato de marcar *carinhas*, como o próprio nome diz, designa o hábito de conjugar formas humanas com a própria composição das letras. De acordo com o pixador PAVOR, a galera DFC (Delinquentes Favelados do Cachoeirinha) fora a responsável pela criação deste efeito estilístico nas *prezas* mineiras – tal análise feita por este pixador foi corroborado por pixadores de outros grupos. Tal hábito, muito presente na década de 90, pode ser observado ainda hoje nas inscrições mineiras.

Abaixo destacamos uma imagem que parece ser representativa destes intercâmbios. No lado esquerdo da imagem, CRIPTA, pixador paulista, em visita a Belo Horizonte, deixa sua marca no centro da capital mineira, juntamente com SADOK (CH – Comando Hell), representando a estética própria da caligrafia mineira.

⁴⁹ A expressão *alfabeto* é uma categoria nativa comum à *pixação* nas mais diversas localidades. Assim, tal expressão designa o estilo próprio de cada região – o *alfabeto carioca*, *alfabeto paulista* etc.



Figura 27 - CRIPTA (SP) e SADOK (MG)

Ademais, é importante destacar que a seta que aponta para a inscrição do pixador da *galera* do Comando Hell, entre as inscrições, significa que os pixadores fizeram esse *rolê* juntos e que, conseqüentemente, marcaram essas inscrições na mesma noite. Tal assertiva, feita, inicialmente, a partir da exegese da imagem, foi corroborada por meio da investigação de outras fontes. Estas inscrições foram feitas na semana em que o pixador CRIPTA estava em Belo Horizonte para captar imagens para o vídeo de pixação intitulado “Marcas das Ruas”. Desse modo, ao longo das imagens exibidas no vídeo citado podemos observar o exato momento em que as inscrições foram *marcadas*, o que nos permite confirmar de modo incisivo as afirmações feitas anteriormente.

Atualmente, os intercâmbios entre os pixadores de Belo Horizonte e São Paulo ficam explícitos ao observarmos as inscrições deixadas pelos mesmos na metrópole mineira, e ao observarmos as pixações mineiras na capital paulista. Assim, por exemplo, encontramos em Belo Horizonte pixadores e determinados grupos que representam *grifes* de pixadores de São Paulo, tais como, Os + Imundos e o Círculo Vicioso/Os + Fortes.

Estas alianças foram percebidas tanto nas redes sociais, quanto no uso de camisetas e em imagens coletadas pela cidade.⁵⁰ Nestas consegui observar, e também nas próprias ruas, não só imagens de inscrições de

⁵⁰ Para estabelecer tal constatação, a minha pesquisa sobre a pixação de São Paulo, entre os anos de 2009 e 2010, foi de suma importância. (CARVALHO, 2011).

pixadores de São Paulo e do Rio de Janeiro em Belo Horizonte, como pixadores mineiros marcando símbolos de outros estados na capital mineira e, também, inscrições mineiras sendo marcadas em outras cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, de forma conjunta com pixadores e grupos de outras regiões.

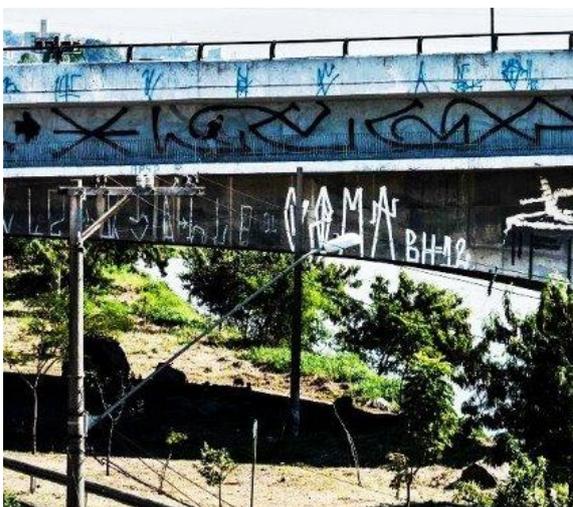


Figura 28 - Inscrição feita por GOMA BH – 2012 – em um viaduto da capital paulista.



Figura 29 - *Preza* marcada por ARKE nas imediações da cidade de Viçosa (MG).

Pude observar que quando os pixadores de Belo Horizonte marcam suas *prezas* em outras cidades, ou nas rodovias, os mesmos *marcam* a sigla BH, que remete à cidade de Belo Horizonte, ao invés de marcar a inscrição da sua *galera*, como fica patente na imagem acima. Além do exemplo supracitado, é importante destacar que pude observar inúmeros casos semelhantes.



Figura 30 - GOMA (BN), PINGO (5*) e LEO (CPG).

Na imagem em foco, temos três inscrições distintas, da esquerda para a direita na parte superior: GOMA, PINGO e LEO, Rio/Minas. Na parte baixa, BN (Banca Nervosa), CPG (Cruéis Piratas do Gueto) e 5 *. O que salta aos olhos na imagem destacada é a referência explícita à conexão entre o pixador PINGO da capital carioca, e os pixadores mineiros GOMA BN e LEO CPG. Além disso, a observação da fotografia nos permite perceber outra minúcia, de ordem estilística. O pixador GOMA marcou a sua preza no estilo mineiro, PINGO, por sua vez, marcou o seu xarpi no estilo *carioca*, e, por fim, tal como PINGO, LEO inscreveu a sua *preza* mineira, que pode ser visto como uma variação mineira daquilo que é conhecido pelos pixadores belo-horizontinos como estilo *carioquinha*.

No próximo tópico descreveremos os suportes urbanos que recebem as inscrições, os inúmeros materiais utilizados pelos pixadores, bem como as distintas técnicas que os escritores urbanos lançam mão para efetivarem as suas ações. De um modo geral, buscaremos fornecer detalhes de como são complexas as relações entre estas três distintas e intrincadas dimensões, bem como descreveremos inúmeros detalhes apreendidos a partir da nossa

etnografia, num esforço de aproximar, ainda mais, o leitor desse universo cheio de minúcias e detalhes.

2.4 – Estilos, suportes, materiais e técnicas – ainda entre

o Rio de Janeiro e São Paulo

Na busca pelos seus objetivos os pixadores lançam mão de inúmeros materiais, técnicas e artifícios. Neste sentido, os pixadores, para vencer os obstáculos e as dificuldades impostas pelo espaço urbano, detêm um grande conhecimento da cidade, bem como adquirem um grande conhecimento de diversos materiais ligados ao ramo da pintura, além de, sobretudo, desenvolverem habilidades de escalada.

Ao longo da apresentação deste tópico mostraremos como há uma correspondência direta entre estilos, materiais, suportes e técnicas. Em meu processo de sistematização e síntese dos dados que serão apresentados nesta seção é que pude perceber de forma mais acurada como que as quatro dimensões supracitadas não podem ser descritas em separado. Neste sentido, através da descrição dos materiais é que poderemos falar em uma arqueologia da paisagem⁵¹ citadina, a partir de uma perspectiva arqueológica que concebe a paisagem, ao mesmo tempo, como sendo moldada pelas ações e práticas dos pixadores, mas também como algo que determina e interfere nas escolhas destes agentes. Esta perspectiva, conforme Isnardis e Linke, passou a considerar a paisagem

paisagem não como um conjunto de elementos dos quais os grupos humanos dependiam, aos quais se adaptavam ou que aprendiam a gerir, mas sim como um conjunto de elementos resultantes do constante relacionar entre homens e meio. (ISNARDIS & LINKE, 2010: p. 44)

Portanto, conforme aponta Knapp & Ashmore, essa nova perspectiva entende a paisagem como “meio e produto da ação humana” (KNAPP &

⁵¹ “A paisagem, de fato, é uma ‘maneira de ver’, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma cena, em uma unidade visual. A palavra surgiu no Renascimento para indicar uma nova relação entre os seres humanos e seu ambiente.” (COSGROVE, 2004: p. 98)

ASHMORE, 1999: p.8). No mesmo sentido, todavia por meio de uma perspectiva da Antropologia Simbólica, Leonardo Figoli defende que a paisagem pode ser definida “como uma área composta por associação de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais”. (FIGOLI, 2007: p. 29)

Dentro da grande diversidade de olhares que comportam e abrigam a paisagem constituída da metrópole mineira, é que, também, podemos também definir as paisagens como “formas particulares de expressar concepções de mundo”, e que elas ainda “são uma forma de se referir a entidades físicas”. (LAYTON & UCKO, 1999: p. 1) A mesma paisagem física pode ser vista de “muitas maneiras diferentes por pessoas diferentes, muitas vezes, ao mesmo tempo” (como demonstra, por exemplo, Franklin e Bunte 1997; Pokotylo e Brass, 1997). (LAYTON & UCKO, 1999: p. 1) ⁵² Dessa maneira, sobre as paisagens citadinas, o geógrafo Denis Cosgrove assinala que as paisagens de nossas vidas cotidianas estão cheias de significados. “A recuperação do significado em nossas paisagens comuns nos diz muito sobre nós mesmos.” Assim, observar a paisagem da cidade de Belo Horizonte nos permite perceber tanto os símbolos de pessoas e coletivos excluídos, como as marcas da segregação e da violência exercida pelos regimes de apoio à ordem e a propriedade privada.

Neste íterim, observaremos, por exemplo, como a *carioquinha* requer o uso do *spray*, e muita das vezes, uma parede ornada com granito ou algum tipo de quartzito. Por sua vez, uma preza *paulista*, na maioria das vezes é feita com *rolinho*, ou com *bicão* – caso seja feita de lata, e nos altos dos viadutos e topos de prédio, como podemos observar em um trecho de uma letra de Funk cantada pelo pixador GAGO BN:

Na madrugada é só homem ninja, saindo pro tudo ou nada
Várias tinta têm no Kit, *rolinho* e várias latas
Nóis desce pra pista pra fazer umas *preza* e uns *paulistão* de rolo
Se eu to de *rolê* na sua quebrada e vejo uma fachada eu pixo ela toda
(MC GAGO – BN do Boldin)

⁵² Mais que um território que a natureza apresenta ao observador, é produto de uma maneira de ver o espaço externo, um cenário que supõe um espectador, um olhar particular sobre o mundo externo. (FIGOLI, 1997: p. 30)

Dito isto, podemos afirmar que os pixadores escolhem seus itinerários e “trajetos” em meio à cidade, mas a própria natureza dos suportes urbanos, bem como os materiais disponíveis em situações específicas, também influenciam os *rolês* dos agentes da pixação mineira.

Em minhas observações pude perceber que determinadas inscrições feitas, por exemplo, em paredes laterais de prédios, só podiam ser feitas com o uso de avantajadas escadas. Assim, os pixadores, mormente, colocam escadas dobráveis afixadas em suportes nos tetos de carros e saem pelas madrugadas para pixarem altos locais. Foi dessa forma que o pixador COSSI BM conseguiu alcançar as costas da estátua do Cristo Redentor, localizada no Bairro Milionários, na Região do Barreiro, e outras façanhas na Avenida Cristiano Machado e no Anel Rodoviário.

Outro material utilizado pelos pixadores é a corda. Observei alguns vídeos de pixadores, que após alcançarem o topo dos prédios pelo lado de dentro, descem o mesmo utilizando de cordas e instrumentos de escalada, sendo içados por outros pixadores que se posicionam e seguram as cordas no alto do prédio tomado.

Mulher, fama e lazer é pixando que se conquista
Nóis não precisa de escada, nóis sobe igual lagartixa
Nóis desce de corda de um prédio pro outro
Igalzinho cena de filme, quando se está pixando
Nem se pensa que a pixação é crime
(MC GAGO – BN do Boldin)

Observamos a técnica de corda através do vídeo do pixador 100♥ postado no sítio eletrônico *Youtube*, que possui mais de 23.000 exibições. O vídeo é deveras inquietante, pois mostra a coragem e bravura do pixador em cena, uma vez que o mesmo desce a lateral de um prédio abandonado de 7 andares, preenchendo a parede por completa de cima abaixo com as inscrições de todos os integrantes de sua galera, a BN (Banca Nervosa, composta neste momento por: 100♥, SUJO, SODA, FAN, SAGO, GAGO). Ademais, aquele que segura o pixador suspenso pela corda, tem uma dupla responsabilidade: além de manter firme a corda e descer o pixador, vagorosamente, para que este tenha tempo de preencher o suporte todo, tem o dever de observar a movimentação das ruas, ficando na vigilância para evitar

um possível flagrante. Quando GOMA BN termina de descer o prédio, inscreve uma dedicatória, em letras maiores, para o falecido pixador FAN: “Ao FAN eterno. Os Alpinistas. BN/CS, 2010”. (Banca Nervosa/Comando Subúrbio).

Inúmeras são as técnicas de vigilância e barreiras colocadas nos enclaves fortificados, nos dizeres de Teresa Caldeira,⁵³ para impedir a ação não só dos pixadores, mas também de eventuais ladrões. Assim, quando os pixadores querem alcançar uma determinada marquise ou suporte elevado que contenha pregos, arames farpados ou cacos de vidro, os mesmos colocam por cima destas barreiras um cobertor grosso ou, então, um tapete. Feito isso, os pixadores conseguem escalar sem maiores problemas aquele suporte que seria dificilmente alcançado sem o uso deste artifício.

Algo que também observei e aprendi, tanto a partir da visualização dos suportes urbanos, tanto através das falas dos pixadores, é que, muitas das vezes, os próprios equipamentos de segurança dos imóveis, como casas, prédios e estabelecimentos comerciais, são utilizados pelos pixadores como agentes facilitadores em suas ações. Nesse sentido, as categorias nativas *janelinha* e *gradinha* são elucidativas. Ambas as categorias dizem respeito às grades de segurança que são instaladas em janelas e/ou em basculantes de ventilação. Ademais, as próprias marquises, mormente, são vistas como a meta a ser alcançada pelos pixadores, na medida em que está é o suporte para uma ação, ou, então, um primeiro degrau a ser vencido na conquista de todo um suporte almejado. Ainda sobre os usos dos mecanismos que compõem a paisagem da *urbe* poderíamos citar o aparelho de ar-condicionado, bem como também a sua grade de proteção que também são usados como degraus na escalada. Na parte superior da imagem destacada, na sequência do texto, temos as inscrições de GUST e FIGO, respectivamente, JRS (Jovens Revoltados do Sagrada) e BN (Banca Nervosa). Na parte inferior, PAVOR PVL

⁵³ Teresa Caldeira define como enclaves fortificados a “propriedade privada para uso coletivo e enfatizam o valor do que é privado e restrito ao mesmo tempo que desvalorizam o que é público e aberto na cidade. São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos. São voltados para o interior e não em direção à rua, cuja vida pública rejeitam explicitamente. São controlados por guardas armados e sistemas de segurança, que impõem regras de inclusão e exclusão.” (CALDEIRA, 2000: p. 258)

(Pindorama Vida Loka) e ERROR, que certamente se valeram das grades como apoio para ocupar os suportes.



Figura 31 - GUST (JRS), FIGO (BN) e PAVOR (PVL) e ERROR.

Também a respeito da natureza e das propriedades dos suportes urbanos, parece ser relevante abordar outras categorias nativas utilizadas pelos pixadores, tais como, *pedrinha*, *reliquia*, *azulejo* e *agenda*. Neste sentido, um detalhe etnográfico que pude apreender com o convívio dos pixadores, principalmente na observação da prática da pixação, diz respeito aos fatores que levam os mesmos a elegerem qual suporte será escolhido no *rolê*. Deste modo, além do principal fator de escolha, qual seja, o *ibope*, muita das vezes, o suporte é escolhido levando em conta os materiais disponíveis no momento da ação, e se o suporte oferece capacidade de absorção para a tinta.

Como já destaquei anteriormente, a efemeridade da presença das pixações em meio ao cenário urbano é um fato consumado, seja qual for a cidade ou região. Conscientes destas limitações, os pixadores, constantemente, buscam suportes que tenham uma maior capacidade de

fixação das *prezas* e que, assim, ofereçam uma maior durabilidade da alcunha marcada. Sobre este hábito corriqueiro, presente nas falas e nas práticas, registrei algumas categorias nativas que estão estreitamente relacionadas, quais sejam, a *pedrinha*, *reliquia* e a *agenda*.

A primeira categoria diz respeito à um tipo de suporte específico, neste caso, trata-se de muros de pedras de quartzitos e granitos não polidos, que tem uma alta capacidade de fixação da tinta recebida. Por sua vez, a categoria *reliquia* se refere às *prezas* antigas, que por serem feitas em suportes que contem esta característica peculiar acabam por se tornar *reliquias* em meio à pixação de Belo Horizonte. Por último, a categoria nativa *agenda*, designa um suporte específico que possua muitas *prezas encaixadas*⁵⁴. Assim, muitas *prezas* de diversos pixadores, em um mesmo espaço, compõem uma *agenda*. Deixar o seu nome em uma *agenda* é uma prática relevante e almejada pelos pixadores, uma vez que esta prática permite que o pixador coloque a sua *preza* em relação com outras *prezas* importantes da *cena* atual e da história da caligrafia da pixação mineira, contribuindo assim para a divulgação e reconhecimento de sua alcunha. Em outras palavras, quando um pixador *marca* sua inscrição em um sustentáculo que já contenha *prezas* de pixadores antigos como, JIRAIA, SYSTEM, COLHES, INXS, BERETA, PACO, GG, dentre outros, o mesmo, conseqüentemente, coloca o seu nome na história da pixação mineira.

Ademais, no que tange às categorias nativas que dizem respeito aos suportes e urbanos, bem como as ações dos pixadores nos mesmos, destaco aqui a existência de uma categoria nativa que se contrapõe à categoria *agenda* - neste caso, me refiro à categoria nativa *muro virgem*, que designa aquele suporte que foi pintado recentemente e não contém nenhuma *preza*. Os pixadores têm consciência de quais suportes e localidades serão mais apagados pelos proprietários dos respectivos imóveis com o passar do tempo. Por conseqüência deste conhecimento da cidade é que a região Sul da capital mineira acaba recebendo um número menor de inscrições, haja vista que os

⁵⁴ A categoria nativa *encaixar* traduz o hábito de se tentar marcar uma *preza* aproveitando os pequenos espaços oferecidos em um muro que já contenha inúmeras inscrições, ou seja, em uma *agenda*.

pixadores sabem que muitos bairros desta região nobre, de alto poder aquisitivo, têm recursos para apagar constantemente as *prezas* grafadas em seus suportes. Tal constatação nos coloca diante de uma questão interessante, qual seja, as relações entre o perigo inerente a ação e a reminiscência e reconhecimento almejado pelos pixadores. Em outras palavras, tendo em vista que os pixadores pixam menos a região Sul da cidade, podemos concluir que estes preferem privilegiar a memória e a permanência de suas inscrições em detrimento do risco da adrenalina promovida pela ação, pois se as pixações são removidas de forma mais rápida e intensa nesta localidade, por outro lado, esta região também é mais bem monitorada e vigiada, o que proporcionaria mais adrenalina à ação. De forma breve, se os pixadores tiverem que escolher dentre suas principais motivações, isto é, o *ibope* e a adrenalina, estes agentes escolherão aquela em prejuízo desta.

Ainda sobre a busca de suportes e locais que são pouco apagados e observando a paisagem da cidade de Belo Horizonte, me sentia intrigado e não conseguia entender, pensando na categoria nativa *ibope*, porque os pixadores marcavam suas inscrições nas *portas de aço* das lojas comerciais e das garagens dos imóveis. Minha dúvida sobre a escolha e gosto por este suporte residia no fato de que se este suporte se mantém recolhido durante todo o horário comercial, então, qual seria a vantagem de se marcar uma preza que ficaria escondida em grande parte do dia? Em entrevista com alguns pixadores, descobri que as portas de aço oferecem a vantagem de serem pouco apagadas, justamente pelo fato de que as inscrições - tidas como sujeira e poluição visual no senso comum - ficam resguardadas dos olhares dos transeuntes e, ao mesmo tempo, as pixações feitas neste suporte são expostas na madrugada – horário que os pixadores transitam pela cidade, na busca de efetuar suas ações.

Em uma das minhas observações participantes, com a galera MF, registrei a fala de GINK a este respeito: *rolava de pegar aquela cena lá na Bernardo Vasconcelos, hein Zé? Lá é azulejo, não gasta muita tinta não*. Assim, como a hora já estava avançada, madrugada afora, e após muitas inscrições serem marcadas, as latas já estavam terminando. Por conta disso,

os rapazes procuravam suportes que não consumissem o pouco de tinta que restava nas latas, pois aprendi com os mesmos que existem suportes que absorvem muita tinta, como por exemplo, os muros de concreto, que por terem a superfície muito porosa, requerem um intenso jato de tinta do spray, seguido de outras rajadas de reforço.

Outro tipo de suporte que é muito almejado pelos pixadores são aqueles que se deslocam pela cidade, tais como, vagões de trem, interiores e traseiras de ônibus, caçambas de entulhos e caminhões com carrocerias metálicas fechadas. Principalmente, os vagões de trens, são alvos cobiçados pelos pixadores, uma vez que estes se deslocam por grandes trajetos, levando, assim, as inscrições dos pixadores por grandes extensões da cidade e, até mesmo para outras regiões. Do mesmo modo, marcar uma preza em uma caçamba de entulho, ou na parte interna ou, ainda, na traseira de um ônibus – balaio no dicionário dos pixadores - que pára para pegar passageiros em um pontos determinados, ajuda a divulgar a preza daquele pixador em outras localidades, para além de sua *área*. Tal estratégia é utilizada pelos pixadores na busca de uma ampla divulgação de suas inscrições – esta prática também pode ser observada na capital carioca e paulista.

Retomando as técnicas utilizadas pelos pixadores, observamos que além de um intercâmbio estilístico entre as inscrições dos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, podemos também perceber que existe um intercâmbio técnico entre as cidades citadas. Em termos mais práticos, há tempos já observava que, principalmente, na capital São Paulo, os pixadores já efetivavam a *escalada* de janela sem grade - diga-se de passagem, uma das modalidades mais difíceis e perigosas da pixação. Segundo - o automeado ex-pixador paulista - CRIPTA, em uma das nossas conversas em Belo Horizonte, na oportunidade em que o mesmo veio à capital mineira para lançar o DVD *100 Comédia Brasil – Sul, Sudeste*, constatei que este tipo de técnica específica é praticada na capital paulista desde os anos 2000. Tal assertiva foi corroborada por um dos pixadores mineiros, que no atual momento – meados de 2011 – possui grande destaque entre os pixadores belo-horizontinos. Assim, PAVOR PVL confirma a análise de CRIPTA, afirmando que a técnica de

escalada de janela sem grade só começou a ser estabelecida nos prédios de Belo Horizonte a partir do ano de 2010.

Durante a conversa citada anteriormente, lancei mão dos meus conhecimentos sobre a cidade de Belo Horizonte, bem como das minhas próprias observações das pixações que vêm sendo feitas. Neste sentido, comentei com PAVOR que eu havia observado uma pixação sua na Rua Jacuí, no bairro do Nova Floresta, feita através desta técnica. Após ouvir as minhas intrigantes indagações de como se fazia para concretizar tal *escalada*, o pixador me explicou com detalhes a técnica. Em resumo, a *escalada de janela sem grade*, é feita com a ajuda de um companheiro que irá atuar tal como uma escada humana, ou como um detalhe do suporte que permite com que o pixador alcance o andar superior. Por conta disso, somente um pixador é que irá marcar as inscrições, isto é, a sua própria preza e a do companheiro que o auxiliou na *escalada*, fazendo o *jeguerê de janela*. Sobre esta técnica, o pixador PAVOR, destacou a importância de se ter junto no *rolê* um pixador que seja da sua confiança, pois tal empreitada não deixa espaço para falhas, qualquer erro pode ser fatal. Desta forma, percebemos a cumplicidade no ato transgressivo.

A experiência estética, emocional, do estar junto é reforçada pela vivência coletiva do prazer de arriscar-se, pela confiança que se deposita no próximo, a partir do momento em que ele é escolhido como companheiro de pichação, e pelo conseqüente laço de cumplicidade. (ISNARDIS, 1995: p. 48)

Em conjunto com a técnica do *jeguerê de janela*, os pixadores começaram também a escalar prédios que possuem varandas que são ressaltadas para a parte externa do seu corpo maior. O hábito de se pixar a faixa interna das varandas, aproveitando o teto para completar a sua preza, também, é uma técnica que se faz presente na pixação paulista há tempos. Tal técnica, também pode ser citada como outro intercâmbio estilístico entre as capitais mineira e paulista. Comecei a observar que alguns grupos começaram a utilizar na capital mineira em larga escala esta modalidade estética. Esta constatação pode ser largamente observada, por exemplo, na Avenida Amazonas.



Figura 32 - COSSI, TAKO, ROI e TAF, no estilo *paulista*, aproveitando até o teto das varandas. Avenida Amazonas.

Já no que diz respeito aos materiais, destaco que, atualmente, existe uma grande diversidade de produtos e utensílios utilizados pelos pixadores na efetivação de suas marcas pela cidade. Ao contrário do que se pensa, os pixadores lançam mão de diversos materiais, além do mais comum, neste caso, o Spray, também conhecido como Lata ou Jet. Assim, além dos *sprays* em aerosol, que são subdivididos em inúmeras categorias, cores, marcas e tamanhos, os pixadores utilizam extintores, borrifadores, rolos de pintura, extensores, corantes para confeccionar cores distintas com tinta látex, marcadores - também conhecidos como canetões.

Descrevendo o material mais comumente utilizado pelos pixadores, o spray, em minhas observações participantes da prática da pixação e, também, nas minhas pesquisas efetivadas nas lojas especializadas, encontrei uma gama de distintas latas. Outrora, os pixadores tinham pouquíssimas marcas de latas spray à disposição, com poucas opções de cores e tamanhos. Todavia, atualmente, me deparei com latas de cores e tamanhos diversos, variando de 30ml a 750ml. Assim, existem marcas de latas que são menores que um desodorante spray, até latas que são capazes de fazer dezenas, até mesmo centenas de *prezas*, dentre uma gama de mais de 100 cores.



Figura 33 - Alguns dos materiais utilizados pelos pixadores.

Nossa pesquisa etnográfica, ainda, nos permitiu conhecer um pouco mais do uso dos sprays. Além dos diversos tamanhos e cores, encontramos também outra variação nos seus modos de uso, a saber, os bicos. Para acionar a lata spray o pixador tem que conectar um bico – também conhecido como *cap*. O bico é o que permite extrair a tinta da lata e permite a passagem do jato de tinta. Nesse processo, os diferentes bicos produzem efeitos distintos. Por conta disso, os pixadores conseguem produzir *prezas* com efeitos diferenciados, haja visto que existem bicos que permitem o pixador marcar *prezas* com traços finos, com traços grossos, ou, ainda, com efeitos esfumaçantes.

De todo modo, por mais cores, tamanhos e bicos diferentes que existam disponíveis, os pixadores, por conta do custo financeiro destes produtos e da fugacidade da duração de seus conteúdos, em sua grande maioria de marcas importadas, acabam tendo sua capacidade de escolha limitada, e saem para pixar com a lata que tiverem a sua disposição. Portanto, em boa parte de suas ações, os pixadores se vêem limitados a escolher pelas marcas nacionais, que

são mais baratas, optando pela cor preto fosco. Em minhas observações nas redes sociais, bem como na minha convivência com os pixadores, percebia que os pixadores demonstravam uma preferência pela cor preto fosco. Intrigado com esse dado etnográfico indaguei um dos pixadores da galera MF o porquê dos pixadores escolherem esta cor, em detrimento da opção preto brilhante. Um dos fundadores da galera mencionada me explicou que o spray preto fosco permite uma maior adesão da tinta ao suporte, conservando, assim, por mais tempo a *preza*.

Com os pixadores aprendi também que diferentes suportes exigem diferentes materiais e técnicas. Nesse sentido, quando um pixador quer marcar uma *preza* que tenha um maior realce, este utiliza o *fat cap*, conhecido em Belo Horizonte como *bicão*. Este material é utilizado, também, para marcar *prezas* grandes e em suportes avantajados. Os pixadores de Belo Horizonte, e, também, de outras cidades, descobriram a técnica de se colocar tinta dentro de extintores de incêndio, reinventando e subvertendo os modos usuais deste utensílio de segurança. O extintor, pelo que pude observar em alguns vídeos postados nas redes sociais, permite que o pixador marque *prezas* com grandes extensões. Todavia, o mesmo possui um alto grau de dificuldade de manuseio, devido às limitações de se marcar *prezas* bem feitas, por conta da mangueira que desfere a tinta.

Por conta disso, na busca de novas técnicas e materiais, buscando uma alternativa para as limitações impostas pelo extintor, os pixadores descobriram um novo uso para o borrifador, geralmente, usado para fins de jardinagem. O borrifador possibilita ao pixador inúmeras vantagens, dentre elas podemos destacar, a espessura do jato de tinta, que pode ser regulado por um mecanismo na ponta de seu bico. Ademais, o mesmo permite o pixador marcar *prezas* grandes e com considerável destaque e, como se não bastasse, com um baixo custo financeiro, uma vez que o borrifador pode ser alimentado com tinta látex branca à base d'água e com corantes.⁵⁵

⁵⁵ Os corantes que são misturados ao látex podem ser encontrados com facilidade em lojas de materiais de construção, em diferentes cores e com preço bastante acessível. Dessa maneira, o pixador tem uma maior liberdade de produzir tintas de diferentes cores e em uma grande



Figura 34 – Preza de GOMA com borrifador em um muro de arrimo na Avenida dos Andradas.

Outra opção que possibilita unir as duas vantagens anteriormente citadas, quais sejam, realce e baixo custo financeiro, podem ser alcançadas com o uso do rolo de pintura – conhecido dentre os pixadores pela categoria *rolinho*.⁵⁶ Tal como o borrifador, para marcar inscrições com aquele material, o pixador lança mão do uso da tinta látex e dos corantes. O *rolinho*, usado em conjunto com o *cabão*,⁵⁷ – expressão nativa que designa o que os pintores conhecem, convencionalmente, como extensor – possibilita ao pixador marcar *prezas* em grandes alturas, como por exemplo, as partes superiores e internas localizadas abaixo dos viadutos e em muros e paredes altas. Observando as inscrições antigas feitas com este material, podemos perceber que na década

quantidade, haja vista que as tintas látex a base de água possuem um alto rendimento, proporcionado ao pixador um ótimo custo benefício.

⁵⁶ Quando os pixadores saem para fazer inscrições com rolinho, os mesmos armazenam as tintas látex que serão utilizadas em garrafas PET's de refrigerantes.

⁵⁷ Ouvei relatos de pixadores explicando a técnica de se conectar um cabão em outro. Tal técnica permite os pixadores alcançarem grandes alturas, o que permite *quebrar prezas* que foram marcadas anteriormente, com relativa facilidade. Em uma das minhas idas ao Duelo de MC's ouvi um relato de um pixador sobre a evolução do uso de materiais que antes eram usados como extensores. Assim, em outros tempos, os pixadores usavam cabos de vassoura e, até mesmo, bambus. A evolução nos traços das prezas, quando comparamos as prezas feitas antigamente com as efetuadas atualmente com o uso do extensor é nítida. Antes, as prezas ficavam com os traços tremidos, diferentemente de hoje.

de 90 os pixadores usavam rolos de pintura com uma fina espessura. Já com a chegada da década de 2000, as pixações feitas com *rolinho* de pintura passaram a ser feitas com *rolinhos* mais espessos, proporcionando um maior destaque para as inscrições. O que as aproxima estilisticamente das pixações paulistanas.



Figura 35 – De rolinho, na parte superior MB – BONG, RAIF e ZIH. Com o mesmo material, mas com a técnica do *cabão*, na parte inferior, ARKE, SADOK e IKO.

No entanto, os *rolinhos* também são usados sem o *cabão*. Assim, estes são largamente utilizados para *pegar* o topo dos prédios. Os pixadores para alcançarem o topo de prédios, como o Edifício JK, localizado na Praça Raul Soares, no centro de Belo Horizonte, mormente, se passam por indivíduos que precisam adentrar o edifício com o *álibi* de que irão prestar algum serviço, tais como, entrega de encomendas, e, principalmente, serviços de pintura - pois, deste modo, os pixadores conseguem explicar uma possível revista efetivada por aqueles que são responsáveis pela segurança do local. Uma vez alcançado o terraço do prédio, os pixadores marcam as suas *prezas*, de ponta cabeça, de cima para baixo. E é justamente por conta das grandes alturas que os

pixadores precisam dos *rolinhos*, pois estes são capazes de marcar *prezas* com largas espessuras, permitindo que os pixadores e transeuntes que transitam pelas ruas possam visualizar nitidamente as *prezas*. Ainda é relevante destacar que os pixadores, na busca por um maior reconhecimento e maior destaque nas paredes e muros, utilizando de materiais como o borrifador – *burriifa* -, extintor, ou através do uso do *rolinho* marcam, por vezes, *prezas* enormes em meio à cidade. Assim, inúmeras vezes, registrei os pixadores utilizando da expressão “mania de grandeza” para designar suas enormes intervenções pela *urbe* belo-horizontina.



Figura 36 - ROLS CF e PAVOR PVL na Avenida dos Caetés, Centro de Belo Horizonte.

Como se não bastasse os materiais citados anteriormente, os pixadores dispõem ainda do utensílio conhecido como *canetão*, ou marcador. Os marcadores são utilizados pelos pixadores para grafarem suas alcunhas em superfícies lisas, tais como, as parte externas de orelhões telefônicos, pedras de granito, azulejos, vidros, dentre outros. Os canetões, ainda, possuem a vantagem de serem recarregáveis e, sobretudo, podem ser escondidos com facilidade. Ademais, este material, livra o pixador do flagrante com facilidade, haja vista que o mesmo tem também um uso comercial e artístico, sendo utilizado em larga escala para se produzir cartazes de propagandas de preços.

Em linhas gerais, todos os materiais citados possuem funções usuais comuns e, assim, conseqüentemente, permitidas pela sociedade. Contudo, somente os materiais menos conhecidos pelos Policiais Militares e Guardas Municipais como o canetão, o extintor e o borrifador podem passar despercebidos, ou não serem identificados como utensílios de pixadores, por aqueles que são responsáveis pelo combate e repressão da prática da pixação.

Sobre tal constatação, cremos ser interessante citar uma fala por mim registrada do pixador PAVOR, que me relatou que ao ser flagrado pelos Policiais Militares se estava utilizando o borrifador para fazer uma pixação, levando em conta que esta estava sendo iniciada neste momento, argumentou em sua defesa que não estava fazendo pixação: “eu não tô pixando não, eu tô pintando pra Tássia da Bahia”. Tal figura citada por PAVOR é uma cartomante que contrata pintores para espalhar pelos muros da cidade inúmeros anúncios que oferecem seus serviços. Após rirmos, eu e Pavor, do álibi citado, perguntei ao mesmo se tal alternativa funcionou, e ele me respondeu que em uma determinada oportunidade conseguiu se safar de ir para Delegacia e *assinar*.⁵⁸

Inúmeras, também, são as técnicas utilizadas pelos pixadores para alcançarem os seus objetivos em meio à metrópole. À medida que íamos catalogando as técnicas, os materiais e como os suportes eram escolhidos, percebíamos que não se pode, de forma alguma, estabelecer dicotomias entre as relações destes fatores, pois os mesmos se conjugam de modo inexorável. Nesse sentido, pegar o topo de um prédio está intrinsecamente associado ao uso de um rolinho, ou, então, à uma lata munida de um bicão. Da mesma forma que marcar uma preza em um muro de arrimo de pedras – vide figura 34 – exige uma grande quantidade de tinta e em uma espessura de grosso calibre, o que só se pode alcançar com o uso do borrifador. Poderíamos citar ainda, o fato de que quando um pixador que marca uma *preza paulista*, para se fazer o efeito esfumaçado na extremidade superior das letras que compõem a preza, o mesmo só conseguirá alcançar e produzir tal efeito, utilizando do bico especial, conhecido, mundialmente, como *New York Cap*.

⁵⁸ A expressão nativa *assinar* é usada pelos pixadores para falar se, ao serem flagrados pelos Policiais Militares ou Guardas Municipais, os mesmos tiveram que assinar o B. O. (Boletim de Ocorrência).



Figura 37 - Inscrições feitas com bicos diferentes pelos pixadores ZOCK, PAVOR e CRAC na Avenida São Paulo, bem em frente ao *Olho Morto*.⁵⁹

Ao longo da etnografia descobri que existem pixadores que ficam conhecidos por escolherem determinados materiais e técnicas com uma maior frequência. Assim, por exemplo, os pixadores XOT e TEP são conhecidos como pixadores que gostam de marcar *prezas* com *rolinhos* e de pegar, neste caso, topos de prédios *por dentro*⁶⁰ e laterais de viadutos. Por outro lado, há

⁵⁹ Os pixadores chamam as câmeras do Programa de Segurança da PBH Olho Vivo pejorativamente de Olho Morto, ou, então, o “Olho que nada vê”.

⁶⁰ Pegar um topo de prédio por dentro exige do pixador uma grande capacidade de dissimulação, haja vista que o pixador, muita das vezes, se passa por um, eventual, motoboy, ou entregador de pizzas, ou, até mesmo, um pintor, ou alguém que irá prestar algum serviço no prédio em questão.

pixadores que são reconhecidos por marcarem, quase que exclusivamente, pixações com o spray. Sobre esta preferência poderíamos tomar como exemplo o pixador LEO CPG – que tem como característica principal de sua pixação o hábito de se marcar *carioquinhos*; e, além disso, marca também, às vezes, a sigla de uma galera carioca, qual seja, a AR (Amantes do Rabisco), junto a sua preza e a sua galera CPG.

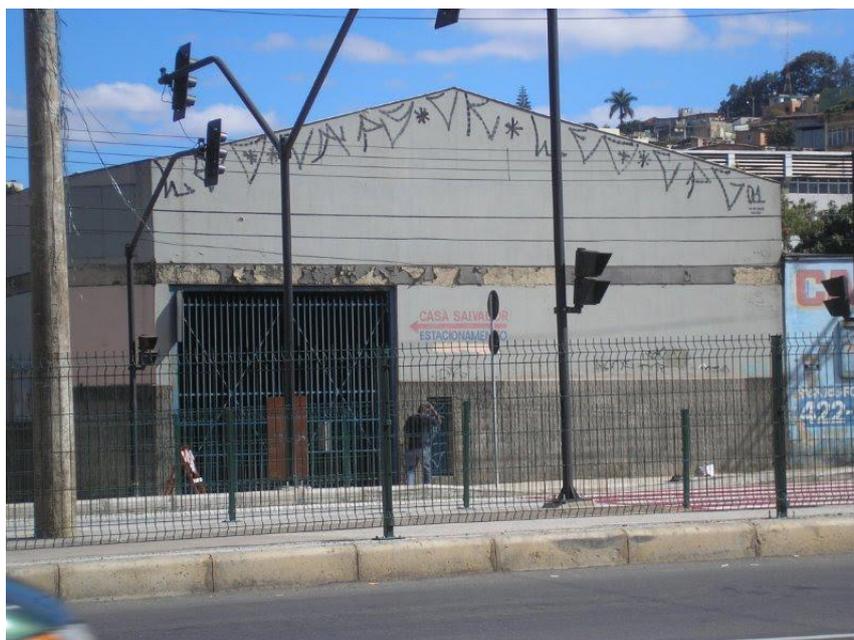


Figura 38 - Uma *cena* do final da década de 90, LEO e CAPS – CK e CPG 01. Avenida Antônio Carlos. Há quem diga que essa é a única preza de LEO com rolinho em Belo Horizonte.

Em suma, advogo aqui a hipótese de que a pixação mineira, ao longo dos anos, de um modo dinâmico, se metamorfoseou a partir do intercâmbio com as pixações praticadas em outras capitais. Neste sentido, de acordo com os detalhes etnográficos, bem como a partir de uma abordagem diacrônica das imagens, por meio, também da análise bibliográfica, podemos afirmar que, simultaneamente, existe a pixação *de* Belo Horizonte e *em* Belo Horizonte. Dito de outro modo, com os contatos sendo estabelecidos, a cada dia, de forma mais intensa, seja pelas viagens estabelecidas, seja pela visualização e divulgação das imagens via internet, e, também, pelos DVD's que circulam intensamente pelo Brasil afora – como por exemplo, o DVD 100 Comédia Brasil. Versão Sul-Sudeste – defendo tal interpretação, pois a pixação mineira

se (re)faz, constantemente, a partir destas relações estabelecidas em âmbito interestadual. Sem maiores pretensões históricas, tomamos como ponto de partida a análise das imagens, das cartas trocadas por pixadores, dentre outras fontes, objetivando demonstrar como são extensas as relações mantidas pelos pixadores mineiros e como foi constituída, ao longo do tempo, uma estética própria belo-horizontina.

Além disso, ao contrário dos julgamentos apressados, tão constantes no senso comum, percebemos que os pixadores, a partir dessa extensa rede de relações, bem como através dessa sofisticação técnica e material, detém todo um domínio de um ofício que é próprio à determinadas profissões, que extrapola, por sua vez, o universo por nós pesquisado. A meu ver, é intrigante pensar no fato de que as relações efetivadas por estes agentes são tão extensas - os pixadores, que tem suas marcas tão visíveis em meio à paisagem citadina - mas ao mesmo tempo, em âmbito local, são tão invisíveis em meio à cidade. Inferimos também que para se constituir essa série de saberes, exigidos pelo cotidiano da pixação, que o compartilhamento das informações acerca desta complexa gama de conhecimentos só se dá em função de um processo de construção e aprendizado coletivo e de uma linguagem comum. Sendo assim, todos os processos envolvidos no ato de pixar, tais como a escolha, a compra do material, trocas de informações, compartilhamento e uso, dentre outros, são aspectos importantes na constituição das socialidades estabelecidas pelos pixadores.

2.5 - Classificando e organizando as galerias – um exercício comparativo entre as pixações de Belo Horizonte e São Paulo

Neste tópico, em diálogo com a etnografia estabelecida por Alexandre Pereira sobre os pixadores de São Paulo, buscamos estabelecer uma espécie de taxonomia do nome das *galerias* de pixação de Belo Horizonte, no intuito de

se perceber, a partir de um exercício comparativo, possíveis aproximações e distanciamentos entre a pixação das capitais mineira e paulista.

Após um mapeamento estabelecido em nossa etnografia, a partir da observação das imagens e, principalmente, com auxílio de alguns pixadores para se traduzir as siglas das *galeras*, podemos inferir que os nomes das *galeras* de pixação em Belo Horizonte podem ser classificados e agrupados em cinco conjuntos. Todavia, veremos adiante que, em alguns casos, os nomes das *galeras* trazem consigo características de dois ou mais grupos classificatórios, deixando entrever semelhanças e especificidades se compararmos os nomes dos grupos de pixação de São Paulo e Belo Horizonte. Todavia, gostaria de salientar que não queremos propor aqui uma correspondência direta entre o nome da galera e a conduta daqueles que a compõem – até porque existem *galeras* que foram criadas há mais de 15 anos em Belo Horizonte, e, logo, existe uma dinâmica interna entre os seus membros. Ao final, a despeito desta classificação arbitrária, veremos alguns fatores comuns à todos os cinco conjuntos classificatórios. Sendo assim, vejamos abaixo os conjuntos por nós elencados.

1º Grupo - *Consumo de drogas e Insanidade:*

FB – Fumamos Beréu⁶¹; FH – Floresta Hemp; - MPC – Malucos Pixadores do Concórdia; MF – Maconheiros Family (A MF [ZS] mais tarde se uniu à MF [ZL] dando origem à ES MF); ES MF – Elite Sinistra, Malucos do Floresta; VMP – Vários Malucos do Planalto; PVL – Pindorama Vida Loka; GVL – Geração Vida Loka; - GSD – Geração Só Doidão.

2º Grupo - *Coragem, Transgressão e Rebeldia:*

JRS – Jovens Revoltados do Sagrada; RZN – Rebeldes da Zona Norte; JRM – Jovens Revoltados do Morro; TB – Terroristas de Belô; BN – Banca Nervosa;_GB – Geração dos Bravos; NGR – Nossa Geração Rebelde; GDN – Geração Demolidora Noturna; JR – Juventude Rebelde; BM – Best Minas; DC – Distúrbio do Crime; - OTP – Organização Terrorista do Paraíso; RM – Rebeldes da Madrugada; JK – Juventude Killers.

⁶¹ A expressão Beréu designa um cigarro de maconha mesclado com pedras de crack.

3º Grupo - *Delinquência, Identidade Periférica e Territorialidade:*

DFC – Delinquentes Favelados do Cachoeirinha; - PZO – Periferia Zona Oeste; DP – Demônios do Planalto; DPC – Demônios Pixadores do Cachoeirinha; VS – Veteranos da Sul/Vândalos da Sul; CF – Conexão Favela; GPX – Galera do Parque Xangrilá; DVO – Demônios da Vila Oeste; DPG – Demônios Pixadores da Gameleira; GSP – Geração Satânica do Pombal; TS – Terroristas do Subúrbio; OTM – Organização Terrorista Madre Gertrudes; PG – Pixadores do Gorete; AZS – Aventureiros da Zona Sul; APB – Anjos Pixadores da Baixada; DST – Demônios do São Tomás; GVA – Geração Vândalos da Amazonas; APS – Anjos Pixadores da Serra; - GM – Geração Mantiqueira; HZO – Herdeiros da Zona Oeste; GZO – Galera da Zona Oeste; GDA – Geração do Anchieta; - GM – Geração Mantiqueira.

4º Grupo - *Comando e Facções:*

CH - Comando Hell; CSA - Comando Sempre Alerta; FN – Facção Noturna; - CO – Comando Oeste; CSH – Comando Santa Helena; CS – Comando Subúrbio; CGS – Comando Grafiteiros do Subúrbio; RCS – Rebeldes do Comando Satânico; CK – Comando Killers; CMI – Comando Menores Infratores.

5º Grupo - *Figuras Religiosas e Míticas*

DDA – Demônios Disfarçados de Anjos; PS – Piratas do Subúrbio; GSM – Geração Satânica do Mal; DPN – Demônios Pixadores da Norte; DPM – Demônios Pixadores da Madrugada; GSP – Geração Satânica do Pombal. - DVO – Demônios da Vila Oeste; DPG – Demônios Pixadores da Gameleira - DPM – Demônios Pixadores Mercenários; CPG – Cruéis Piratas do Gueto⁶²; PS – Piratas do Subúrbio; IAR – Império dos Anjos Rebeldes; APS – Anjos Pixadores da Serra; DPU – Demônios Pixadores do União.

Analisando o primeiro conjunto percebemos a existência de grupos que relacionam os seus nomes com o uso de entorpecentes, junto a aspectos que perpassam categorias que remetem à insanidade e a loucura, como por

⁶² Ao traduzir a sigla da *galera* CPG, inicialmente, decodificávamos o seguinte nome: Comando de Pixadores do Gutiérrez. Por conta do crescimento da galera e do conseqüente englobamento de pixadores de outras regiões o nome mudou para Cruéis Piratas do Gueto.

exemplo: MF – Malucos do Floresta; FH – Floresta Hemp; FB – Fumamos Beréu; PVL – Pindorama Vida Loka. Por sua vez, o segundo grupo classificatório delimita as *galeras* que exaltam em seus nomes valores, corriqueiramente, encontrados no universo masculino, como poderíamos citar a bravura e a valentia. Ainda sobre as características deste agrupamento, é relevante o fato de que um número considerável de *galeras* que associam as características anteriormente citadas com expressões que designam revolta, rebeldia e transgressão, como por exemplo, JRS – Jovens Revoltados do Sagrada; JRM – Jovens Revoltados do Morro, dentre outros.

De modo distinto, o terceiro grupo pode ser localizado em outra chave classificatória, haja vista que esta se refere a valores como os de delinquência, identidade periférica e territorialidade. Dentre este grupo, destacamos as seguintes *galeras*: DFC – Delinquentes Favelados do Cachoeirinha; - PZO – Periferia Zona Oeste; DP – Demônios do Planalto; DPC – Demônios Pixadores do Cachoeirinha; VS – Veteranos da Sul/Vândalos da Sul; CF – Conexão Favela. Por conseguinte, o quarto grupo, abrange, ironicamente, valores que tangenciam a ordem e a hierarquia, tais como comando e facções. Temos, assim, por exemplo: CH - Comando Hell; CSA - Comando Sempre Alerta; FN – Facção Noturna; - CO – Comando Oeste; CSH – Comando Santa Helena.

Por fim, o quinto grupo também nos chama atenção, pois nos deparamos com nomes de *galeras* que se identificam com categorias religiosas, que muitas das vezes rompem com organizações classificatórias dualistas. Assim, corriqueiramente, encontramos *galeras* que levam em seus nomes qualificativos como Demônios, Anjos, Alados e Inferno. Como exemplo destas *galeras*, poderíamos citar os grupos: DDA – Demônios Disfarçados de Anjos; CH – Comando Hell; a extinta DAI – Demônios Alados Infernais, ou, ainda, a APS – Anjos Pixadores da Sul - RCS – Rebeldes do Comando Satânico; GSM – Geração Satânica do Mal.

O que querem os pixadores ao formar tantos nomes de *galeras* com expressões como Demônios, Infernais, Satânicos, Piratas? Ou indo mais além, por qual motivo os pixadores somam no nome da mesma *galera* categorias tão díspares como Anjos e Demônios? Tomando como base os escritos de Janice

Caiafa acerca dos grupos que compunham o movimento punk no Rio de Janeiro nos anos 80, a autora nos mostra como estes jovens compunham o seu visual com imagens que, aos olhos de qualquer cidadão comum, são altamente contraditórias. Assim, os punks em suas camisetas e jaquetas conjugavam botões que continham desenhos de suásticas com outros símbolos que negam de forma veemente o nazismo. Vez por outra, Caiafa também observou que ora as suásticas vinham sobrepostas de um “X”, ora as mesmas apareciam de forma íntegra.

Embaralhar o que diz com o que mostra para esconder um do outro. A suástica evidente na camisa e a negação de que seu uso naquele momento se liga ao discurso que ela representaria acoplam-se num caligrama provisório para um funcionamento que trabalha esse espaço entre o mostrar e o dizer – ostentar um símbolo/sustentar uma doutrina. Caligrama que se arma a cada pergunta minha para entender esse exercício, quando aparecem os comentários de força de negação variável (“é claro que não” e um mais raro “usamos para chocar”) e se conectam com a evidência do símbolo. O que é obstada é a possibilidade de ligar a forma à palavra, o símbolo e a doutrina. Abole-se o lugar-comum para essa troca. Esse interstício é um lugar de ausência, de desaparecimento e não de possibilidade. O que está em jogo é a própria representação. A multiplicação das negativas no discurso diante da obviedade da figura aponta para um exercício específico nesses dois níveis. A operação que efetuou a evasão própria do caligrama determinou esse exercício. Os punks dão fuga à representação por um certo uso da figura e da palavra. (CAIAFA, 1987: p. 82)

Voltando às questões aventadas no início do parágrafo anterior, nos perguntamos se os pixadores têm interesse de expressar questões religiosas, de forma apologética, por meio da prática da pixação. Por mais presente que sejam as figuras míticas e religiosas dentre a pixação mineira, percebemos que, a partir da análise de suas categorias nativas, assim como a partir do meu contato com estes agentes, que as temáticas religiosas não podem ser vistas nem como um pano de fundo. À luz das reflexões propostas por Caiafa, tomando como base a etnografia entre os punks cariocas, podemos dizer que os pixadores jogam com estas categorias com o intuito de causar um curto-circuito naqueles que conseguem desvelar os códigos que dizem respeito aos seus coletivos.

Ao negar uma evidência que toda a humanidade reconhece horrorizada, o discurso não quer ser professado, ele se denuncia como um bloco aglutinado que foge às vicissitudes do paradigma, à manipulação das interpretações. (...) Onde? No lugar do puro proferimento. Sem escrúpulos e sem explicações, sempre verdadeiro, o discurso só se refere a si mesmo no momento e no tom em que é proferido, na oportunidade de seu funcionamento: é um performativo. Escapa à servilidade da significação (pelo menos é esse o seu desejo), é uma frase em si bastante, uma anti-frase, uma holo-frase. O discurso não passa do que diz: uma palavra após a outra, em que o sentido existe sempre reversível nesse exercício. (CAIAFA, 1987: p. 83)

Sendo assim, é escapando da “servilidade da significação” que podemos afirmar que os pixadores não são satanistas ou ateus, pelo fato de carregarem em seus nomes tais categorias. Pelo contrário, entre eles, ouvi inúmeras vezes frases como “Deus é mais” – frase usada como incentivo dentre os pixadores, quando algum pixador relata alguma dificuldade cotidiana extra-pixação, ou algum desacerto no *rolê*. No entanto, podemos dizer que estes buscam utilizar destas categorias para provocar inquietação e medo dentre aqueles que são capazes de desvendar os códigos de suas *galeras*.

Já no que tange ao grupo classificatório que abriga os grupos que trazem em seu nome categorias que dizem respeito à territorialidade, ou, nos dizeres dos pixadores, à *área*, podemos perceber que tal categoria perpassa todos os grupos classificatórios, como por exemplo: MF – Malucos do Floresta; RZN – Rebeldes da Zona Norte; DFC – Delinquentes Favelados do Cachoeirinha. A respeito da territorialidade, identificamos uma curiosidade interessante em meio aos dados etnográficos. O pixador FAMA, ao invés de assinar o nome de alguma galera específica, tais como as que foram citadas anteriormente, *marca* juntamente à sua *preza* o código numérico 5516 – o que me deixou muito curioso e intrigado. Ao investigarmos junto aos pixadores, e também com o auxílio dos pesquisadores do curso de Geografia da PUC-MG, que muito contribuíram para a presente pesquisa etnográfica, Rodrigo e Sérgio, descobri que o código supracitado se refere à linha de Ônibus utilizada por tal pixador, neste caso, o *balaio*⁶³ 5516.

⁶³ Em Belo Horizonte, é comum chamar os Ônibus que compõem o transporte público pela expressão nativa *balaio*. Todavia, é importante ressaltar que esta é uma categoria que



Figura 39 – Os Piores de Belô na Avenida Mem de Sá. SADOK, ARKE, LISK, FAMA, – CH, CSA, VMP e 5516.

Também é notório o fato de que, muitas das vezes, os nomes das *galeras* incorporam categorias estigmatizantes veiculadas pela mídia, como por exemplo, delinquentes, vândalos, revoltados, rebeldes e favelados. Como fora salientado anteriormente, o nome das *galeras*, mormente, expressam o nome do bairro da qual a *galera* faz parte, em conjunto com outros adjetivos. Assim, o que, de repente, poderia ser motivo de vergonha para muitos jovens periféricos, que se sentem estigmatizados por residirem em tais localidades por conta das assimetrias econômicas e de oportunidade que tal fato representa diante da sociedade como um todo, é tido como motivo de orgulho entre os pixadores.

Eles aprenderam a usar a seu favor o caráter que lhes é atribuído: as más condições de vida são tidas como geradoras de predisposição a condutas violentas ou

ultrapassa os limites do vocabulário da pixação, sendo utilizada por membros de Torcidas Organizadas, por jovens ligados ao universo do *Hip-Hop*, Skatistas, dentre outros.

transgressoras e os pichadores reivindicam essa reputação para que ela lhes traga respeito ou temor por parte dos outros indivíduos, pichadores ou não. (ISNARDIS, 1997: p. 147)

O próprio fato de existir poucas *galeras* que marcam juntamente a sua sigla e *preza* o código ZS (Zona Sul) pode ser destacado como um dado etnográfico representativo a este respeito. Curioso também é o fato de que existem *galeras* que expressam em seus nomes adjetivos como facções e comandos, uma vez que estas expressões são encontradas e utilizadas largamente pelos militares, pois estes, na representação dos pichadores, figuram como os seus maiores inimigos. Contudo, sobre os usos e resignificações que os pichadores fazem das categorias citadas anteriormente, é importante destacar que estas também remetem ao crime organizado, haja vista que, as mais importantes facções criminosas do Brasil fazem uso de expressões como Comando e Facção.

Ao compararmos o agrupamento classificatório estabelecido por Alexandre Pereira dos grupos de São Paulo e as *galeras* mapeadas em nossa etnografia em Belo Horizonte podemos perceber algumas semelhanças e diferenças. Tanto na capital paulista quanto na capital mineira podemos encontrar *galeras* que se identificam com características como loucura, insanidade, uso de drogas, transgressão, criminalidade e rebeldia. Por outro lado, como diferencial entre os nomes dos coletivos de pixação de Belo Horizonte e São Paulo, poderíamos ressaltar que em São Paulo, Alexandre Pereira mapeou um número considerável de grupos que associam seus nomes à sujeira, excremento e poluição. Já em Belo Horizonte, não conseguimos mapear nenhum registro parecido a este agrupamento. Além disso, em Belo Horizonte, diferentemente de São Paulo, podemos encontrar, com facilidade, uma gama de grupos que empregam em seus nomes figuras religiosas e míticas. Por fim, em São Paulo não encontramos nomes de coletivos de pixação que trazem em seus títulos os seus bairros de origens, apesar de muitos deles estimarem, tal como em Belo Horizonte, valores que dizem respeito às condições periféricas e marginais. Mais adiante, em um momento

oportuno, retomaremos outra diferença importante entre as pixações *mineira* e *paulista*.

Em suma, em específico, sobre as nomenclaturas das *galeras* de pixação, o que podemos apreender em geral de todos os cinco conjuntos por nós elencados anteriormente, é o fato de que todos se definem em oposição à uma ordem estabelecida, seja ela uma ordem legal, moral, social, religiosa, militar e comportamental. Neste sentido, em todos os agrupamentos percebemos uma conotação de oposição assumida, uma espécie de inversão de valores, com o intuito de se gerar um choque opositor aos padrões vigentes.

2. 6 - Multiterritorialidade e Nomadismo: por uma socialidade da pixação em Belo Horizonte

Neste tópico trataremos das dinâmicas existentes entre os pixadores e os seus respectivos grupos. Para tanto, se faz necessário abordar algumas dinâmicas percebidas entre as *galeras* a partir de uma observação diacrônica, o que nos permitirá perceber aproximações e distanciamentos com os grupos de torcidas organizadas e os atuais movimentos estabelecidos pelos pixadores entre as suas respectivas *galeras*.

De todo modo, é importante destacar que, apesar dos pixadores estarem conscientes que estão quebrando regras ao ultrajarem as leis que protegem o patrimônio público e a propriedade privada, estes valorizam a disciplina e o respeito para com os outros pixadores. Sobre isto, a categoria nativa *proceder* parece ser alusiva, haja vista que os pixadores têm as suas próprias regras e modos de conduta. Tais regras estão, estritamente, conectadas a um conjunto de modos de ação relativos àquilo que poderíamos chamar “cultura de rua” – compartilhada por rappers, skatistas, grafiteiros, dentre outros grupos. (PEREIRA, 2005)

A partir da catalogação e análise diacrônica das fotografias das pixações, bem como por meio dos nossos questionamentos junto aos agentes do fenômeno em questão, podemos inferir que tais valores derivam também

das relações que os pixadores mantinham, mais intensamente na década de 80 e 90, com os grupos de Torcidas Organizadas de Futebol. Em Belo Horizonte, temos em maior destaque duas Torcidas Organizadas, a saber, a T.O.G. (Torcida Organizada Galoucura), representando o time do Atlético Mineiro e a C.M.A. (Comando Máfia Azul), que por sua vez, representa nas arquibancadas o Cruzeiro Esporte Clube. Nas subdivisões estabelecidas entre esses grupos, encontramos diferenciações que qualificam os subgrupos contidos dentro das Torcidas Organizadas, tais como: Comandos, Brigadas, Esquadrões, Pavilhões, dentre outros – que estão estritamente relacionados com as mesmas expressões do quarto grupo classificatório, destacado anteriormente.

A partir do relato de vários pixadores sobre a pixação na década de 90, bem como sobre as Torcidas Organizadas, ouvi inúmeras falas sobre conflitos entre as torcidas citadas. Sempre que ouvia estas histórias ficava muito curioso, pois, se por um lado as Torcidas Organizadas atuavam como um fator de dispersão, por outro lado a pixação era responsável por agregar membros de diferentes Torcidas Organizadas. Assim, por exemplo, torcedores uniformizados que se uniam para atacar um ônibus de uma torcida rival nos fins de semana, por conta dos clássicos futebolísticos travados entre Cruzeiro e Atlético, se uniam nos outros dias da semana em prol da prática da pixação – em função da união e socialidade promovida por suas respectivas *galeras*.

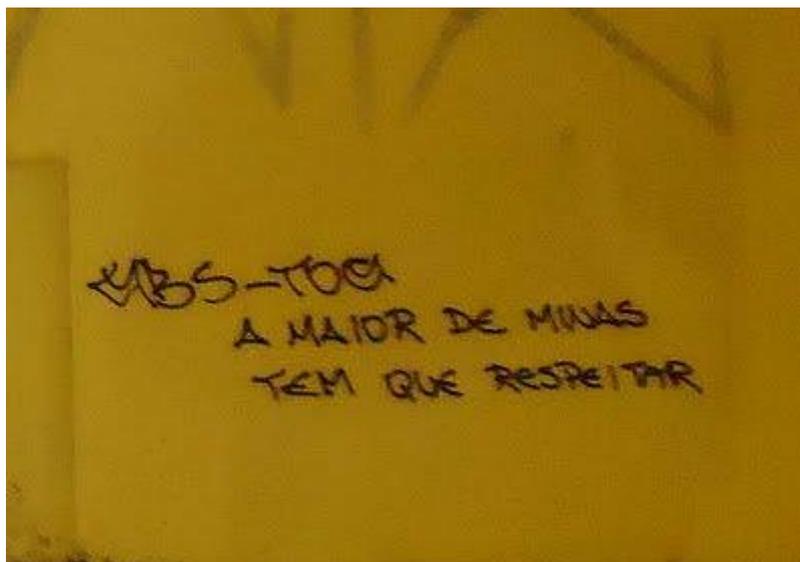


Figura 40 - Aliança entre as T. O.'s GBS e TOG – “A maior de Minas. Tem que respeitar”.

Sobre tais alianças, a imagem em foco é muito representativa, pois desmembrando as siglas na parte superior da imagem temos: GBS (Geração Blue Sky)⁶⁴ e TOG (Torcida Organizada Galoucura), que, representam, respectivamente, as torcidas organizadas dos maiores clubes de futebol de Minas Gerais. Assim, a imagem em questão é importante sobre a dinâmica anteriormente descrita, uma vez que ela nos permite perceber o poder conjuntivo da pixação na capital mineira, haja vista que esta prática, em determinados momentos da história, foi capaz de unir em torno do ideal da pixação duas Torcidas Organizadas Rivals.⁶⁵

Tais grupos organizados, falando de forma resumida, são conhecidos por ter uma forte organização hierárquica em seu seio. (TOLEDO, 1996) Sendo assim, de forma paradoxal, alguns grupos, ao mesmo tempo em que quebram algumas regras da nossa sociedade, se identificam e reproduzem – e respeitam – valores, estritamente relacionados com os de disciplina e ordem.

⁶⁴ O nome da *galera* de pixação Geração Blue Sky faz referência, segundo relato de alguns pixadores, ao bairro Céu Azul da Zona Norte de Belo Horizonte. Todavia, com o passar do tempo, esta galera atingiu grandes proporções, englobando pixadores de distintos bairros, e se tornando, também um Comando da Máfia Azul.

⁶⁵ Em contrapartida à galera GBS, nesta época, fora criada pelo pixador JIRAIA a SG – Somos Galoucura. Esta galera foi muito representativa durante a década de 90. Tal representatividade podia ser percebida com facilidade pelas ruas da cidade de Belo Horizonte, haja vista que podíamos encontrar inúmeras inscrições pelas ruas da cidade que remetiam a esta galera.

Dessa maneira, aqueles que figuram perante a sociedade como desordeiros e vândalos, também reproduzem valores disciplinares em seu meio.

Tal assertiva pode ser melhor elucidada ao analisarmos o seguinte dado etnográfico encontrado ao caminharmos por muitas ruas de Belo Horizonte, neste caso, estamos falando do fato de que muitos pixadores, ao marcarem as suas *prezas* e *galeras* pela *urbe* também inscrevem códigos numéricos, tais como: 01, ou 02, dentre outros. Tais numerais identificam a colocação hierárquica de tal pixador dentro do grupo, como por exemplo, ROLS CF 01; GUST JRS 01; GG PE 01. Dito de outro modo, podemos afirmar que o pixador ROLS, dentre a sua *galera*, é o que mais possui *prezas* em Belo Horizonte – *galera* esta conhecida como Conexão Favela. Do mesmo modo, GUST, atualmente é o 01 entre os Jovens Revoltados do Sagrada (Sagrada Família; bairro da Zona Leste de Belo Horizonte) – digo atualmente pois em outros tempos o 01 da JRS era o pixador LUP. Todavia, é curioso que, em alguns casos, nem sempre o pixador que possui mais inscrições dentre uma *galera*, seja o 01 da mesma. Por exemplo, em algumas *galeras* o pixador mais velho da galera é quem possui esse direito.

O grau de notoriedade do pichador influencia sua posição no ranking das galeras. Essa hierarquia muitas vezes é explícita na pichação com a colocação de números (01, 02 etc.). Organizados inclusive com carteirinhas, os principais pichadores de diferentes galeras chegam a se juntar em ulteriores grupos, como os Pichadores de Elite (PE), de Belo Horizonte que nos anos 90 se encontravam no Central Shopping. (VIANA & BAGNARIOL, 2004: p. 181,182)



Figura 41 - GG PE 02.

Na imagem em destaque, temos a uma carteirinha da *grife* PE (Pixadores de Elite). Observando a mesma, além do nome da *grife*, podemos observar o apelido GG, ou em outros termos a *preza* ou o *detona*. Abaixo da identificação individual temos o número de inscrição, neste caso, o N^o 02, identificando a posição do pixador GG entre a galera. Por fim, identificamos a indicação do bairro de residência do pixador em questão, bairro Floresta. Destacar todas as informações presentes na Carteirinha dos pixadores da PE, a nosso ver, é de suma importância, pois ela deixa entrever quais são alguns dos valores representativos para os pixadores. Como já abordamos anteriormente percebemos a importância dada à questões relativas à alcunha individual, bem como ao número de posição do pixador no ranking de sua *galera*. Cabe aqui, ainda, uma breve constatação sobre a informação relativa ao bairro. Ora, uma vez que a carteirinha identifica e informa qual é o bairro de residência do pixador que a porta, logo, podemos, concluir que a galera em questão, possuía/possui pixadores de diversos bairros de Belo Horizonte. Tal constatação, que a priori pode parecer óbvia ou irrelevante, nos permite levantar mais uma indicação de como é importante, mas ao mesmo tempo, fluido, os limites entre as *galeras* e seus territórios.

Dentre as *galeras* de pixação há pixadores com um maior destaque, com uma longa história de atuação, e pixadores que possuem uma efêmera passagem dentre a galera. Tal fato pode ser observado dentre os mais diversos grupos, e dentre a galera com que manteve maior contato não é diferente. Ainda acerca das *galeras* de pixação em Belo Horizonte, pude constatar que as mesmas possuem um perfil socioeconômico diversificado, isto é, são compostas por pixadores de distintas classes sociais, e com perfis e status econômicos distintos. Se ampliarmos essa análise para a pixação de Belo Horizonte como um todo, transcendendo os limites de determinadas *galeras*, essa diversidade se torna ainda maior – tanto em termos sociais e econômicos, como já destacamos, tanto em sua composição etária. Sobre este último fator, percebi que, às vezes, os pixadores se diferenciam entre os *das antigas* e os da *nova geração*.

Embora a categoria nativa *galera*, pelo menos em termos, remeta a um grupo ou a uma coletividade, encontramos siglas de *galeras* que são marcadas por apenas dois ou três pixadores. Além disso, outro fato ainda mais curioso, diz respeito à uma certa flexibilidade de quem pode ou não marcar determinadas siglas. Em outras palavras, me deparei com inúmeros exemplos de pixadores que inscrevem siglas de outras *galeras*, como poderia citar o pixador SABRE, que inscreve além da sigla da sua galera - VS (Vândalos da Sul) –, por vezes, as siglas das *galeras* MF (Malucos do Floresta) e da CPG (Cruéis Piratas do Gueto) – a este respeito, os exemplos coletados são inúmeros.

É marcante o fato de que até mesmo as autoridades responsáveis pelo combate à prática da pixação reconhecem e tem ciência da dinâmica existente entre os pixadores e suas *galeras*. A delegada Cristiane Oliveira, em reportagem ao Jornal Estado de Minas - utilizando de termos depreciativos, tomando as *galeras* de pixação como sinônimos de gangues - explica que a dificuldade em identificar os envolvidos com pixação em Belo Horizonte está relacionada com o caráter dinâmico da atividade.

“Hoje eles picham uma área com uma assinatura. Fazem parte de um grupo, mas também assinam por outra gangue. Em pouco tempo desaparecem. Tempos depois, mudam de sigla e voltam a sujar tudo de novo”.⁶⁶

As dinâmicas dentre/entre as *galeras* de pixação percebidas em nossas observações, nas mais distintas esferas do campo desta etnografia, impuseram uma discussão acerca de uma noção cara às reflexões das Ciências Sociais como um todo, neste caso, estamos falando da noção de “grupos sociais”. Nesta empreitada, nos parece interessante pensar os pixadores a partir da noção de socialidades, com o intuito de se refletir sobre os seus modos de organização coletiva, (re) pensando os limites existentes entre as *galeras* e *grifes*.

De forma pioneira, o Sociólogo Georg Simmel, através da noção de *sociação*, reflete sobre questões epistemológicas que giram em torno dos debates clássicos da Sociologia, em especial, repensando uma crítica ao estatuto científico da noção de sociedade. Neste mote, a categoria de *sociação* é, portanto, definida como

a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados -, se desenvolvem conjuntamente no interior de uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Esses interesses, sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, casuais ou teleológicos, formam a base da sociedade humana (SIMMEL, 2006: p. 60).

Nesta empreitada, Florencia Ferrari, a respeito dos agentes de sua pesquisa, os ciganos em São Paulo, levanta as seguintes questões:

⁶⁶ O trecho da matéria em destaque se encontra disponível no seguinte endereço eletrônico: http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/09/06/interna_gerais,316019/pichadores-sao-invisiveis-em-belo-horizonte.shtml

(...) há grupos sociais? Quer dizer, há grupo no sentido de uma "coisa" concreta, passível de descrição, uma unidade separada do entorno? Ou a idéia de grupo social é um modo de pensar e recortar a realidade, filtrada por nossa cultura? (FERRARI, s/d)

Tais questionamentos estão, inexoravelmente, relacionados com a problemática que tangencia a antiga dicotomia estabelecida entre indivíduo e sociedade, tão presente, tanto na Escola Sociológica Francesa, quanto nos contributos britânicos, principalmente, na perspectiva funcionalista aventada por Radcliffe-Brown. Ferrari aponta que cada etnografia faz um esforço em “delimitar, definir um grupo, proliferando ressalvas para que o que é dito ali não ultrapasse as fronteiras do recorte proposto”. (FERRARI s/d) Neste sentido, de acordo com a autora, a concepção de grupos gerada por essas teorias tornou-se hegemônica na antropologia. A antropologia social teria se tornado por um bom tempo “a ciência dos grupos de descendência”. (WAGNER, 1974: p. 97).

Ferrari salienta que vários autores estabeleceram uma crítica à imagem da “sociedade como um universo fechado”, no qual pode-se “identificar um grupo étnico definido”. A autora aponta que Lévi-Strauss foi o detonador das críticas à concepção britânica de grupo social, na medida em que a preocupação do antropólogo francês

centrava-se nas contradições que operavam na produção das sociedades. Mais do que definir unidades, descrever "termos", trata-se de investir nas *relações*. Nas *Estruturas elementares do parentesco*, "grupo social" ganha um aspecto radicalmente diferente, na medida em que é descrito em termos conceituais e simbólicos, e não em termos legais e materiais. Não se trata mais do grupo A, de tais e tais características, e do grupo B, com tais e tais outras. A e B, são doadores ou tomadores de esposas (e outras coisas também), conforme a situação. São termos intercambiáveis, numa *relação* que é dada anteriormente. (FERRARI, s/d)

No mesmo mote, autores britânicos, posteriormente, levaram a importância de se apreender as relações, estabelecendo uma crítica vigorosa à ideia de sociedade como coisa, e, por conseguinte, a noção de grupo social. De acordo com Edmund Leach, sociedade não é uma coisa: é uma maneira de ordenar a experiência”. (FERRARI, s/d) A antropóloga, igualmente britânica,

Marylin Strathern, também aponta as limitações do conceito de sociedade, afirmando que o mesmo é obsoleto.

Durante a pesquisa ouvia inúmeras indagações acerca do objeto de estudo por mim delimitado. Assim, ouvia questões que me inquiriam se eu estava estudando um grupo de pixação em específico ou se eu definia um determinado espaço de atuação de certos grupos de pixadores na cidade.⁶⁷ Da mesma forma que definir o que é sociedade, definir um grupo delimitado, também é igualmente problemático.

Restringir o escopo a um "grupo" delimitado, por mais tranquilizante que seja seu efeito sobre o pesquisador, não resolve a questão, pois é na *formulação* desta que reside o problema: não há produção de conhecimento nesse tipo de abordagem. Qualquer que seja a conclusão, ela dirá mais respeito ao que o observador pensa do que ao que pensam e fazem os sujeitos observados. Em outras palavras, segundo esses autores, a preocupação com o fato de haver ou não grupo é nossa, não deles; motivo pelo qual temos que nos livrar dela para compreender e dizer algo novo, que faça sentido para *eles*. (FERRARI, s/d)

Se não há sociedade como algo passível de ser observado como “coisa”, e se esta noção, assim, não deve ser utilizada para pensar as populações como unidades, e os indivíduos como partes do todo exterior a eles, Ferrari assinala que “um outro conceito de outra natureza deve substituí-lo: ele deve ser de natureza relacional, e não entitória”. (FERRARI, s/d) Por conta dos desdobramentos de sua etnografia na Melanésia é que Strathern, então, propõe o conceito de socialidade, com o intuito de se pensar o indivíduo não como *um*, mas como a expressão de múltiplas relações que o constituem. Neste sentido, o conceito de socialidade é entendido como uma “matriz relacional que constitui a vida das pessoas” (INGOLD, 1996: p. 64). Tal noção nos parece relevante para pensar os dados encontrados em nossas pesquisas de campo, pois a noção de socialidade não abriga somente interações amistosas ou conjuntivas, mas também relações onde se expressam formas de

⁶⁷ Outra dificuldade que diz respeito à delimitação do objeto de pesquisa está relacionado com o fato de que muitos grupos de pixação da capital mineira se situam em regiões fronteiriças da Grande Belo Horizonte, isto é, grupos que se constituem e transitam nos limites entre Betim, Contagem, Ibirité, Santa Luzia etc.

hostilidade e de disjunção social. Ambas podem ser vistas como componentes constitutivos da vida social que emergiram na nossa observação etnográfica.

Florença Ferrari, em diálogo com Tim Ingold, aponta que a socialidade é uma alternativa

não apenas para o uso do conceito de sociedade, mas principalmente um dispositivo teórico que permite ver o curso da vida das pessoas junto às quais se vive de outra maneira. Será preciso então levar a cabo um relacionismo radical, em que tudo - e este tudo inclui humanos e não-humanos - é posto em relação. Nesse sentido, a leitura "da vida como ela é" sob a abordagem da imagem do grupo social, privilegia a extração de uma unidade discreta de um fundo contínuo ou um plasma de relações e que passa a existir como autônoma por meio da própria descrição (ou invenção). (FERRARI, s/d)

Não há como compreender as *pixações* somente pelas *pixações*, ou os *pixadores* somente a partir de suas relações com os *pixadores*. Faz-se necessário aprendê-los em suas mais diversas formas de relação. Conforme observou Andrei Isnardis, tal fenômeno “só faz sentido enquanto relacionado aos demais elementos da sociedade que se insere”. (ISNARDIS, 1997: 144) Assim, se fizermos um recorte de um só “grupo” – *galera* – não apreenderemos como, que este, mormente, se cria a partir de um processo relacional com outros grupos já existentes. Por outro lado, se intentarmos compreender somente as práticas de determinados *pixadores*, independente de seus “grupos”, veremos que as relações estabelecidas por estes, muita das vezes, ultrapassam o limite de sua *galera* – chegando ao ponto de se relacionarem até com coletivos de outras cidades. Se intentarmos estabelecer uma abordagem dos *pixadores* mineiros por territórios seremos surpreendidos pelos seus inúmeros “trajetos” pela cidade, pois apesar de maior parte das *galeras* carregarem em seus nomes categorias territoriais, vimos que os mesmos transcendem, constantemente, os limites de seus bairros/regiões (ZN, ZS, ZL, ZO e ZNO). Também, no que diz respeito ao bairro de origem das *galeras*, temos que destacar que as *galeras* de determinados bairros, agregam integrantes de diversas localidades. Assim, por exemplo, a MF é composta por integrantes da ZL e da ZS, dentre muitos outros exemplos.

Destarte, os pixadores estabelecem relações de troca com determinados integrantes de determinados coletivos, a partir de seus próprios interesses e afinidades. Por meio de minhas observações participantes posso inferir que estes interesses transitam entre o que fora intitulado, pela Sociologia Clássica, como as dimensões do individual e do coletivo. Refletindo a partir dos próprios dados etnográficos, contudo, percebemos que os limites entre estas esferas são muito fluidos, de modo que não se percebe uma polaridade entre estas distintas instâncias, uma vez que a dimensão individual – representada pela *preza*, se relaciona estritamente com a esfera coletiva – simbolizada pela sigla da *galera*, que, por sua vez, se relaciona com outra dimensão ainda mais abrangente, qual seja, a *grife*.

Ao contrário de São Paulo, observando os pixadores mineiros, percebi que estes dão um maior destaque para a inscrição individual. A partir da *galera* com que manteve um maior contato, assim como pela observação da pixação de/em Belo Horizonte como um todo, podemos inferir que os pixadores ao mesmo tempo em que consideram importante marcar uma sigla que representa um coletivo, dão uma maior importância para a sua alcunha individual, pois, por exemplo, se ocorrer algum *desacerto* na hora do *rolê*, o mesmo privilegia a sua *preza* em detrimento do nome da sua *galera/grife*. De todo modo, mesmo que o pixador assim o faça, quando sua inscrição for percebida por outros pixadores, estes identificarão aquele como pertencente à uma determinada *galera*, mesmo que este não a tenha *marcado*. Exemplo disto é o fato de que existem pixadores que possuem a mesma *preza*, como os pixadores GOMA BN e GOMA DFC, dentre outros exemplos. Quando ocorre tal fato, os pixadores em suas falas lançam mão da identificação coletiva – e, por vezes, por meio da grafia da *preza* em questão, caso a sigla da *galera* não tenha sido marcada – para diferenciá-los.

E é por conta de dados etnográficos como estes que nos vimos diante da necessidade de pensar e discutir categorias analíticas e conceitos como os de tribos urbanas, nomadismo e mutiterritorialidade. Neste percurso, embora reconheçamos as contribuições dos trabalhos anteriores, optamos por pensar os grupos de pixadores a partir da categoria analítica “circuito de jovens”, em detrimento da categoria “tribos urbanas” – proposta por Michel Maffesoli.

(MAGNANI, 2007: p. 17) Tal escolha se justifica, pois, de acordo com Magnani, nos estudos etnológicos a categoria tribo diz respeito a

uma forma de organização mais ampla que vai além das divisões de clã ou linhagem de um lado e da aldeia, de outro. Trata-se de um pacto que aciona lealdades para além dos particularismos de grupos domésticos e locais. (MAGNANI, 1992: p. 94).

Deste modo, de acordo com Magnani, e como também observa Alexandre Pereira à luz dos pixadores paulistanos, concluímos que não é coeso comparar grupos de jovens citadinos a partir de uma metáfora estabelecida com base em categorias oriundas da etnologia clássica. Por conta disso é que Magnani levanta o questionamento se as ditas “tribos urbanas” são metáforas ou categorias analíticas. Tendo em vista este cuidado conceitual, não incorremos no risco de comparar, por exemplo, os conflitos entre estes agentes com “conflitos tribais”, pois o termo “tribos urbanas” carrega consigo um conteúdo estigmatizante, relacionando o jovem à marginalidade, uma vez que a categoria tribo é tomada, no senso comum, de forma metafórica para designar atitudes não civilizadas – reproduzindo, assim, velhas dicotomias como: selvagens/civilizados.

Como podemos perceber, as dinâmicas entre/dentre as *galeras* são bastante fluidas. Do mesmo modo, iremos perceber que a territorialidade, por conta destas dinâmicas, também merece a mesma atenção e o mesmo cuidado conceitual. As noções de territorialidade e espaço foram largamente trabalhadas pelas mais diversas disciplinas – Sociologia, Antropologia, Geografia, Economia. Como desdobramento da problematização destes conceitos é que surgiu a noção de “desterritorialização” (MAFFESOLI, 2001). Esta noção se baseia na crença de que os processos de globalização, em especial, na mobilidade espacial contemporânea (HARVEY, 1999; BAUMAN, 2001), teriam por resultado uma diluição da importância da espacialidade e da territorialidade na vida social. (VIRILIO, 1993)

Dentre os estudos citados anteriormente, gostaríamos de nos deter, em especial, na perspectiva de Maffesoli. Em linhas gerais, percebemos uma dupla proposta na perspectiva deste autor, a saber: se por um lado ele aponta para a

saturação do conceito de indivíduo – e, conseqüentemente, do individualismo -, por outro, o autor sinaliza que o fenômeno contemporâneo do nomadismo coloca em xeque as identidades e qualquer possibilidade de relações duradouras. Em específico, no que diz respeito às noções de socialidade e de nomadismo, propostas por Maffesoli, acreditamos que aquela nos permita alguns contributos, mas que a última não nos seja propositiva para pensar o caso da pixação mineira.

Como já discutimos razoavelmente, nas paginas anteriores, a noção de socialidade, nos deteremos aqui somente na noção de nomadismo maffesoliana. Para fundamentar sua perspectiva, Maffesoli, retomando Marcell Mauss, destaca a diferenciação clássica entre indivíduo e pessoa. (MAFFESOLI, 1987: p. 123) Com o intuito de criticar o projeto iluminista que interpreta o indivíduo como ser racional, é que o autor irá, como desdobramento da sua perspectiva da noção de socialidade, a nosso ver, acabar levando a noção de nomadismo ao limite. Assim, Maffesoli leva a discussão para seu pólo extremo, acentuando o caráter pagão, lúdico e desordenado da existência dos “ajuntamentos pontuais” dos jovens na contemporaneidade. Refletindo sobre estes apontamentos, mas a partir da categoria nativa, outrora apresentada, *escolta* – que também poderá ser mais bem elucidado por meio do Capítulo 3 – podemos afirmar que os pixadores - a despeito da ideia de Michel Maffesoli, que postula a importância do “estar junto à toa” – planejam, se organizam e atuam na cidade de uma forma, a nosso ver, bastante coordenada.⁶⁸ Deste modo, percebemos que a perspectiva de Maffesoli, propõe uma inversão das perspectivas essencialistas, uma vez que esta mirada tende a exagerar as desterritorializações (MAFFESOLI, 2001) – ou, nas palavras de Augé, o “não-lugar”. (AUGÉ, 1994; PEREIRA, 2005).⁶⁹

Na contramão das perspectivas que creditam um esvaziamento das noções de espaço – ponto de vista, este, intitulado por Rogério Haesbaert como o “mito da desterritorialização” -, levando a ideia de desterritorialização

⁶⁸ Tal assertiva, sobre os itinerários e planejamentos efetivados pelos pixadores, fica bastante clara a partir da descrição das minhas observações de campo no primeiro capítulo, onde descrevo algumas ações dos Malucos do Floresta.

⁶⁹ Por conta dessa constatação é que, mais adiante, trabalharemos com a noção de nomadismo e desterritorialização de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

às suas últimas consequências, é que Haesbaert propõe o conceito de multiterritorialidade que nos parece interessante para refletir como os pixadores pensam e organizam suas apreensões e percepções de suas próprias cartografias existenciais. Nesse sentido, de acordo com o autor, este conceito é uma alternativa para o que fora denominado por muitos como “desterritorialização”. Segundo Haesbaert,

muito mais do que perdendo ou destruindo nossos territórios, ou melhor, nossos processos de territorialização (para enfatizar a ação, a dinâmica), estamos na maior parte das vezes vivenciando a intensificação e complexificação de um processo de (re)territorialização muito mais múltiplo, "multiterritorial". (HAESBAERT, 2004)

Na mesma perspectiva, - que, diga-se de passagem, influenciou o geógrafo supracitado - de acordo com Félix Guattari e Suely Rolnik, a noção de território deve ser entendida num sentido muito amplo,

[sentido esse] que ultrapassa o uso que dela fazem a etologia e a etnologia. (...). O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente «em casa». O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios «originais» se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar, cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais. A reterritorialização consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante. (GUATTARI & ROLNIK: 1986, p. 323)

Na mesma direção, o filósofo Gilles Deleuze em um texto escrito em conjunto com Félix Guattari aponta, em seu Teorema da Desterritorialização, que:

Jamais nos desterritorializamos sozinhos, mas no mínimo com dois termos: mão-objeto de uso, boca-seio, rosto-paisagem. E cada um dos dois termos se reterritorializa sobre o outro. De forma que não se deve confundir a reterritorialização com o retorno a uma territorialidade primitiva ou mais antiga: ela implica necessariamente um conjunto de

artifícios pelos quais um elemento, ele mesmo desterritorializado, serve de territorialidade nova ao outro que também perdeu a sua. (DELEUZE & GUATTARI: 1997, p. 40, 41)

De acordo com Haesbaert, e também conforme a perspectiva de Deleuze e Guattari, não há desterritorialização sem reterritorialização. As pixações em Belo Horizonte, como vimos anteriormente, fazem poucas referências, contém poucas informações *a priori*. Todavia, noções relativas à origem espacial do pixador se fazem presentes nos mais diversos suportes da cidade que contenham estas inscrições.

Sobre esta questão, Andrei Isnardis, em seu trabalho monográfico sobre a pixação em Belo Horizonte, em meados da década de 90, observa um ponto interessante, em específico sobre a capital mineira, ressaltando que trata-se

“de uma cidade muito jovem, que tem poucas famílias belo-horizontinas: BH é o território ancestral de ninguém. O território ancestral dos belo-horizontinos está espalhado pelo interior. Um passado num outro lugar, perdido não apenas no tempo mas também no espaço”. (ISNARDIS, 1997: p. 63)

Sendo assim, Andrei Isnardis salienta o fato de que a própria idade de Belo Horizonte favorece esta desterritorialização, esta sensação de “desenraizamento” por parte dos pixadores. Além disso, Isnardis assinala que esses “territórios etológicos” planejados pelos pixadores vão ganhando destaque a partir de suas próprias vivências em meio à cidade. Destarte, de acordo com o autor, “os bairros não são mera referência espacial para os grupos. São territórios e, como tal componentes do caráter da galera.” (ISNARDIS, 1997: p. 147). O bairro permite, ainda que se

“classifique um grupo, mesmo quando se sabe pouco sobre ele, um pixador pode formar uma idéia sobre o caráter de um grupo, um pixador pode formar uma idéia sobre o caráter de um grupo a partir das referências que tem sobre seu bairro de origem”. (ISNARDIS, 1997: p. 147).

Por outro lado, por mais que os pixadores de Belo Horizonte tenham os seus bairros como um importante referencial, e por mais que estes também tomem os bairros de outras *galeras* desconhecidas como referências para classificá-las, se faz relevante ressaltar que, de acordo com Alexandre Pereira, a pixação de São Paulo [tal como a pixação de Belo Horizonte, atualmente]

não tem a função de uma demarcação de um território específico onde membros de algum grupo não podem entrar. A relação com o espaço estabelecida pelos pixadores não é construída como em determinados grupos de jovens que têm a defesa contra os de fora como elemento fundamental. Embora o bairro de moradia constitua uma forte referência para eles, este não é o elemento primordial que os define, uma vez que têm toda a cidade como espaço de ação a partir da construção de alianças com outras turmas de pixadores de outras localidades. (PEREIRA, 2005: p. 40).

E é neste contexto de territorialidades múltiplas, e nestes fluxos espaciais, que as pixações promovem “uma intervenção marcante na paisagem da cidade, bem como definem um espaço simbólico de representação de, virtualmente, jovens de todos os bairros”. (ISNARDIS, 1995: p. 63) Assim, Isnardis, em paralelo com Alexandre Pereira, argumenta que, no caso de Belo Horizonte,

como a maioria dos bairros tendo uma ou mais galeras, desenha-se toda uma nova geografia da cidade, onde inúmeros grupos se relacionam de maneira muito dinâmica – guerras, fusões, campanhas para ‘ocupar’ o máximo de espaço possível, alianças. (ISNARDIS, 1995: p. 147)

Se os pixadores constituem a maior parte de suas relações por meio da *galera* em que estão inseridos, e, também, por meio das respectivas alianças estabelecidas com outras *galeras*, a pixação também pode ser considerada como um espaço de construção de sujeitos individuais. As próprias inscrições individuais nos muros já nos permitiria sustentar tal afirmação. Deste modo, mediante esta questão, a abordagem de Felix Guattari nos ajuda a superar alguns impasses, pois o autor pensa a subjetividade como produção. Assim, Guattari define subjetividade como

o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e, ou, coletivas, estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em

adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva. (GUATTARI, 1992: p. 19)

Nesta perspectiva, a subjetividade, embora vivida individualmente, é produzida no registro social a partir de componentes heterogêneos. Entre eles não figura apenas a história pessoal do indivíduo, mas “processos sociais e materiais que dizem respeito à sua relação com os outros, com a mídia, a cidade, o corpo, a linguagem etc”. (CAIAFA, 2007: p. 120)

A partir da observação das inscrições encontradas em meio à cidade, bem como por meio das falas dos pixadores, podemos afirmar que o espaço – ao contrário da “deriva psicogeográfica” proposta por Maffesoli (MAFFESOLI, 2001) - é muito importante para os agentes da pixação. Neste sentido, a espacialidade não é só importante, mas também impõe limites para suas ações. Conforme aponta Deleuze e Guattari, a cidade “é o espaço estriado por excelência”. (DELEUZE & GUATTARI: 1997, p. 188) Podemos dizer, então, que os pixadores em seus “trajetos” pela cidade, se desterritorializam e territorializam em um fluxo contínuo.⁷⁰ Assim, a abordagem deleuze-guattariana não cria uma antinomia entre territorializações e desterritorializações. Em outras palavras, através de uma diferenciação entre o que os autores nomeavam como uma desterritorialização *relativa* e uma desterritorialização *absoluta* (ZOURABICHVILI: 2004, p. 23) é que percebemos a diferença na perspectiva destes se comparada com as proposições de Michell Maffesoli. A perspectiva de Deleuze e Guattari não nos leva nem a valorização essencializante do espaço como estritamente identitário, nem as desterritorializações extremas, que teriam por consequência a conversão das linhas de fuga – desterritorializantes – em linhas de morte/abolição. (DELEUZE & GUATTARI: 1996, p. 112)

Por fim, a noção de nomadismo proposta por Gilles Deleuze e Felix Guattari nos parece interessante para pensar as relações dos pixadores com o espaço e suas complexas noções de territorialidade, pois do mesmo modo, a

⁷⁰ Os autores citados, para melhor arregimentar sua linha de argumentação, afirmam que “invocamos um dualismo para recusar um outro”. (DELEUZE & GUATTARI: 1995, p. 42) “Nem todos os territórios se equivalem, e sua relação com a desterritorialização, como vemos, não é de simples oposição”. (ZOURABICHVILI: 2004, p. 24)

noção de nômade aventada por ambos não caminha na direção de uma deriva desordenada e extrema. Neste sentido, Deleuze e Guattari afirmam que o nômade

não tem pontos, trajetos, nem terra, embora evidentemente ele os tenha. Se o nômade pode ser chamado de o Desterritorializado por excelência, é justamente porque a reterritorialização não se faz *depois*, como no migrante, nem em *outra coisa*, como no sedentário (com efeito, a relação do sedentário com a terra está mediatizada por outra coisa, regime de propriedade, aparelho de Estado...). Para o nômade, ao contrário, é a desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso ele se reterritorializa na própria desterritorialização. É a terra que se desterritorializa ela mesma, de modo que o nômade aí encontra um território. (DELEUZE & GUATTARI: 1997, p. 50)

Neste mote, Deleuze na obra *Conversações* define o nomadismo em relação direta com a noção de espaço-liso. "O *nomadismo* é precisamente essa combinação máquina de guerra-espaço liso." (DELUZE: 1992, p. 47) Todavia, é importante destacar que Deleuze e Guattari, no platô "O liso e o estriado", argumentam que não se pode compreender o espaço liso em oposição ao espaço estriado.

O espaço liso e o espaço estriado, — o espaço nômade e o espaço sedentário, — o espaço onde se desenvolve a máquina de guerra e o espaço instituído pelo aparelho de Estado, — não são da mesma natureza. Por vezes podemos marcar uma oposição simples entre os dois tipos de espaço. Outras vezes devemos indicar uma diferença muito mais complexa, que faz com que os termos sucessivos das oposições consideradas não coincidam inteiramente. Outras vezes ainda devemos lembrar que os dois espaços só existem de fato graças às misturas entre si: o espaço liso não pára de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso. Num caso, organiza-se até mesmo o deserto; no outro, o deserto se propaga e cresce; e os dois ao mesmo tempo. Note-se que as misturas de fato não impedem a distinção de direito, a distinção abstrata entre os dois espaços. Por isso, inclusive, os dois espaços não se comunicam entre si da mesma maneira: a distinção de direito determina as formas de tal ou qual mistura de fato, e o sentido dessa mistura (é um espaço liso que é capturado, envolvido por um espaço estriado, ou é um espaço estriado que se dissolve num espaço liso, que permite que se desenvolva um espaço liso?) Há, portanto, um conjunto de questões simultâneas: as oposições simples entre os dois espaços; as diferenças complexas; as misturas de fato, e passagens de um a outro; as razões da mistura que de modo algum são

simétricas, e que fazem com que ora se passe do liso ao estriado, ora do estriado ao liso, graças a movimentos inteiramente diferentes. É preciso, pois, considerar um certo número de modelos, que seriam como que aspectos variáveis dos dois espaços e de suas relações.

Além da própria visualização rotineira da cidade, em nossas observações participantes aprendemos também que as pixações servem como marcos de localização espacial para os pixadores se situarem e entenderem trajetórias narradas por outros pixadores. Ademais, vimos também que os pixadores organizam os seus *trajetos* pela metrópole, de forma bastante ordenada, seja por meio dos seus próprios itinerários individuais, seja através dos seus encontros e, conseguintes, relações de troca estabelecidas nas noites de sexta no *Rap*. Percebemos também a partir da organização dos grupos classificatórios que a maior parte dos nomes das *galeras* carregam os nomes de seus bairros, associados com qualificativos que remetem à categorias que são relativas à periferia, exclusão e marginalidade. Sendo assim, tal como salientou Alexandre Pereira (2005) sobre os pixadores paulistanos, os pixadores mineiros fazem novas leituras da cidade e se apropriam do centro da cidade, nas noites de sexta feira, transformando o espaço do *Rap* em uma extensão de suas *áreas*. Nestes itinerários, a periferia é transposta para o centro da cidade.

Em termos gerais, creio que a noção de socialidade se mostra relevante para pensar o fenômeno da pixação em Belo Horizonte por três motivos: 1) a noção de socialidade nos auxilia a refletir sobre as transitoriedades existentes e efetivadas pelos pixadores entre as *galeras* e *grifes* de pixação, uma vez que esta questiona dicotomias como indivíduo/grupo, indivíduo/sociedade; 2) além disso, tal noção torna-se propositiva na medida em que nos permite ultrapassar a ideia que advoga que os conflitos estabelecem somente disjunções, pois, no caso da pixação, percebemos que os conflitos são fundantes para tal fenômeno, haja vista que vimos – no primeiro capítulo, que até mesmo as categorias nativas que denotam conflito são proponentes de relações; 3) por fim, a partir da constatação de que os pixadores humanizam e constroem a sua pessoa de

pixador através das relações que estes estabelecem através dos muros é que percebemos o quão é importante transcender os limites entre humanos e não humanos por meio da referida noção.

CAPÍTULO 3 – QUANDO A PIXAÇÃO ESTÁ PARA ALÉM DOS MUROS

Neste capítulo discutiremos os distintos momentos em que a pixação extrapola os limites da paisagem da capital mineira. Primeiramente, abordaremos mais um espaço de socialidades importante dentre os pixadores, qual seja, as festas de pixação. Posteriormente, trataremos das ocasiões em que os pixadores se reúnem em torno do lançamento dos DVDs especializados, que retratam a prática da pixação.

Na sequência, exploraremos o fenômeno da pixação como consumo cultural, com o intuito de explorar como os pixadores produzem os seus próprios produtos, de modo que ficará claro para o leitor como esta produção é complementar a constituição da pessoa do pixador. Por fim, discutiremos como são ambíguas as relações estabelecidas pelos pixadores com os veículos de comunicação, a partir de uma abordagem mais ampla do fenômeno. Assim, temos por intuito investigar e problematizar o fato dado de que a pixação, por ser tida como uma forma de *desvio social*, não pode ser abordada sem se levar em conta determinadas esferas da sociedade, tais como a PBH, a Polícia Militar, a Guarda Municipal, bem como a população civil e os setores privados.

3. 1 - Quando pixar é festejar

As socialidades do *circuito* da pixação mineira também se dão por meio das festas organizadas pelos pixadores. Geralmente, as festas dos pixadores são marcadas e feitas com o objetivo de comemorar, sobretudo, a data de aniversário de alguma galera, grife, ou, até mesmo de algum pixador. Estas festas, de certo modo, complementam e reproduzem as formas de socialidades estabelecidas pelos pixadores em seus espaços de relação mais comuns, como os seus bairros de residência, o Duelo de MC's e os encontros furtivos em Lojas de Produtos Especializados. As festas são frequentadas somente pelos pixadores que estão vinculados às alianças que possuem afinidade com as *galeras* e *grifes* que as estão promovendo.

Buscando complementar as minhas experiências de campo, é que me desloquei no dia 22 de abril de 2012 da minha residência no intuito de participar de uma festa de uma das *galeras* mais atuantes na *cena* da pixação mineira. A festa da Banca Nervosa, divulgada no *Rap*, e, principalmente, nas redes sociais, ocorreu em um Sítio alugado, nas imediações do Bairro Nacional. O endereço não foi divulgado, propositalmente, no corpo de informações oferecidas pelo convite do festejo – digo propositalmente, pois os organizadores da festa fizeram questão que o logradouro fosse repassado por meio do “boca-boca”, para que assim o endereço não fosse sabido por parte de algum Policial que esteja incumbido de investigar os pixadores. Enfim, por conta disso, como não fui ao *Rap* na noite de sexta que antecedeu o final de semana da festa - acabei comprando o convite na porta de entrada da festança – não pude me interar com maiores detalhes de onde seria a festa, o que me causou enormes dificuldades, uma vez que sou recém-morador de Belo Horizonte. É relevante salientar ainda que o conteúdo dos convites reproduz e demonstra alguns dos códigos simbólicos presentes na dinâmica do *circuito* da pixação, como a alusão às *galeras*, *grifes*, bem como às suas respectivas alianças.

Após embrenhar em ruelas, morros e comunidades com o meu veículo, quando já estava quando desistindo, consegui encontrar o ponto de referência do lugar – única informação que eu sabia para encontrar a Festa, cedida a mim pelo “grapixeiro” CRAC. Aproximando-me do local da festa, me deparei com o pixador ERROR, que estava acompanhado de outro pixador – desconhecido por mim. Apesar da proximidade, parei o carro e ofereci carona para os rapazes.

Ao chegar ao local da Festa, acompanhado dos pixadores, paguei a quantia de 50,00 reais, referente ao meu ingresso a um dos organizadores que, de prontidão, colocou em meu pulso uma pulseira de identificação – que indicava que eu havia efetuado o pagamento na entrada e que continha um número, inscrito pelo mesmo. A inscrição deste número tinha por finalidade o sorteio de brindes ao final da festa, pois conforme fora anunciado no convite, seriam sorteados “burrifadores”, camisas e latas.



Figura 42 - Convite da Festa Comemorativa do Aniversário de 15 anos da galera Banca Nervosa.

A festa estava marcada para começar a partir das 11 horas da manhã daquele domingo. Assim, por conta da minha dificuldade de encontrar o local, ao contrário do que eu havia planejado, acabei chegando ao local por volta de uma hora da tarde. Conforme podemos observar nos dizeres do Convite, - o que foi confirmado pelas nossas observações de campo -, o local da festa, em termos estruturais, oferecia aos pixadores “piscina, quadra de esportes, playground, e uma ampla área verde”.

À medida que os pixadores iam chegando e adentrando no sítio, após cumprimentarem os pixadores que já estavam no local, se dirigiam para a quadra para marcarem suas *prezas* no local destinado a receber as inscrições. Para tanto, os pixadores/organizadores afixaram junto ao alambrado da quadra de esportes, em uma de suas partes laterais e atrás de uma das traves, vários pedaços de madeirites pintados em branco.



Figura 43 - Visão parcial do painel com a “lista de presença” dos pixadores.

Quando cheguei ao local, esta espécie de lista de assinatura dos pixadores já estava quase que assinada por completa, restando poucos espaços em branco. Assim, os pixadores que chegavam mais atrasados se dirigiam rapidamente para este espaço, pegavam alguma lata e logo tratavam de *encaixar* a sua *preza* no painel.

Dentre muitas experiências e possibilidades de relações que a Festa da BN me proporcionou, em destaque, gostei bastante de conhecer o pixador IKO – no primeiro capítulo destaquei um pouco da história deste pixador, que sempre me causou muita curiosidade. Sempre achei bastante interessante o fato de que mesmo que diante da impossibilidade de pixar, o pixador IKO, por interédio daqueles pixadores que o admiram, continua presente nos muros, marquises e viadutos de Belo Horizonte. Por conta disso, ainda que nossa interação tenha sido bem rápida, tal experiência para mim foi bastante interessante. Pelo fato deste pixador ser cadeirante, rapidamente me prontifiquei, junto com outro pixador que o acompanhava, a ajudá-lo a descer o auto desnível que separava a área do churrasco da festa da quadra

poliesportiva, pois IKO gostaria de ir até as proximidades do painel. Depois disso, ARKE marcou a sua inscrição, e fez questão de - tal como faz nas ruas de Belo Horizonte – marcar a *preza* de IKO, seguida de um desenho que representa um cadeirante.



Figura 44 - Na sequência: GAGO BN, ARKE CSA, CODE. “Quando nós chega nós apavora”.

Todavia, antes mesmo que os pixadores grafassem suas alcunhas no painel destinado a receber a compor a *agenda* com os nomes dos presentes, os pixadores já marcaram suas inscrições no imóvel localizado bem frente ao local do sítio onde estava ocorrendo à festa, bem como em toda extensão da rua.⁷¹

Retornando à observação das dinâmicas ocorridas na quadra de esportes, do lado oposto aos painéis de assinaturas, por detrás da outra trave, observei os pixadores afixando algumas faixas, o que, a primeira vista pareciam ser bandeiras. Após alguns minutos foram afixadas nas grades de proteção da quadra poliesportiva três bandeiras. As bandeiras postadas nas extremidades representavam cada uma, a imagem de uma pessoa. A princípio, observando a bandeira da esquerda, desconfiei que se tratasse do pixador FAN BN. Já a bandeira da direita, eu não conseguia ter nem ao menos uma pista de quem fosse a princípio. Em conversa com os pixadores, pude constatar minha desconfiança e confirmei que se tratava de uma homenagem ao pixador falecido FAN. Além disso, descobri que a bandeira da direita era uma homenagem ao, também falecido, grafiteiro AMIGO, muito respeitado na *cena* da arte urbana de Belo Horizonte.⁷²

⁷¹ Como destaquei anteriormente, mesmo encontrando muitas dificuldades para encontrar o local da festa, a partir do momento que encontrei a Avenida que continha o ponto de referência principal fornecido pelos organizadores, pude me orientar pelas próprias inscrições deixadas pelos pixadores ao longo do caminho. De acordo com o relato de vários pixadores, após o término da festa, os pixadores saíram em seus diversos trajetos pixando toda a imediação da *área* onde ocorreu a Festa.

⁷² Os grafites que representam, respectivamente, FAN e AMIGO foram feitos pelos grafiteiros ZACK e VIBER, da *crew* CTOR-9.



Figura 45 - Bandeiras expostas nos fundos da quadra, durante a festa da BN.

Já ao centro, observamos uma bandeira com inúmeras informações relevantes para a nossa pesquisa. Em vermelho, na parte superior da bandeira, temos as siglas: BC (Bonde da Candelária) e DP (Demônios do Planalto) e, na parte, inferior, também em vermelho, a menção ao bairro da Zona Norte Planalto, seguido do nome da *grife* Os Piores de Belô. Na parte central da bandeira, percebemos dois cachorros da raça Pitbull e, ao fundo, a representação de um bairro periférico. Ademais, em menor destaque, no miolo da bandeira, em preto, temos as siglas: VMP (Vários Malucos do Planalto), MH e RBF, que também compõem a *grife* anteriormente mencionada. De um modo geral, a bandeira central nos permite perceber e corroborar algumas análises que já foram percebidas em outras seções, pois esta representa as alianças estabelecidas pelas *galeras*, que compõem a *grife* Os Piores de Belô. Também as menções aos bairros, os nomes das *galeras*, e a representação de um bairro periférico ao centro da bandeira deixam entrever a assunção, por parte dos pixadores, dos valores periféricos, bem como de suas próprias noções de territorialidade.

Conforme destaca Erwin Goffman, a categoria estigma deve ser usada em referência a um atributo tido, no senso comum, como depreciativo. Mas nessa perspectiva, destaca Goffman o que se deve ter em mente é toda uma linguagem de relações e não de atributos, desloca-se, assim, a atenção dos termos para as relações. Nesta empreitada, Goffman salienta que “um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso”. (GOFFMAN, 1988: p. 6) A partir dos escritos de Goffman, podemos inferir que, no caso dos pixadores, ocorre uma “manipulação do estigma de classe” a seu favor, através de determinados símbolos e por meio daquilo que poderíamos chamar de valores periféricos. Deste modo, valores, práticas, símbolos e vestimentas que poderiam ser tidos como desabonadores contribuem para a afirmação da pessoa do pixador, como por exemplo, a própria representação do bairro periférico na bandeira destacada na imagem anterior. Por fim, os desenhos dos pitbulls ao centro da bandeira simbolizam a bravura e a coragem. Tal assertiva se corrobora pelo fato, por exemplo, de que a própria sigla BC antes mesmo de representar uma galera de pixação era conhecida como um Bonde (*Galera*) de Porrada.⁷³

Falando da festa como um todo, na mesma pude perceber os hábitos mais comuns praticados pelos pixadores em seus espaços de socialidades mais usuais. Desse modo, à medida que os pixadores iam bebendo, fumando e usando drogas inalantes⁷⁴, observei inúmeros pixadores trocando assinaturas em folhinhas e registrando fotografias com seus parceiros e aliados de *rolê*. Tal como nas noites de sexta, o *Rap Nacional* era a trilha sonora mais tocada, revezando com os hits do Funk Nacional. Em espaços como estes é que se percebe o quanto a prática da pixação é importante para estes jovens. Os

⁷³ Nas décadas de 80 e 90 os bondes (galeras) de porrada, eram mais comuns em Belo Horizonte. As galeras de porrada eram grupos de bairros que se reuniam para brigar e resolver conflitos que envolviam rivalidades entre bairros. Ademais, é importante destacar que a imagem da raça de cães Pitbull é, exaustivamente, associada com roupas e acessórios voltados para o mundo das artes marciais. Defino tais agrupamentos com base no relato dos próprios pixadores interlocutores desta pesquisa.

⁷⁴ O uso de entorpecentes configura outra forma de desvio social, outro elemento de desafio às regras praticado pelos pixadores.

pixadores, ininterruptamente, conversavam sobre suas ações pela cidade, sobre suas técnicas e materiais utilizados.

Em uma das inúmeras rodas de conversa que rolavam durante a festa, aprendi outra estratégia de escapar de um flagrante e do enquadro policial. A partir do relato de SABRE, aprendi como funciona a tática de “pagar de bêbado”, ou de “pagar de doidão”. Resumidamente, SABRE, comentou que ao ver uma viatura se aproximando em sua direção, em certa oportunidade, na Avenida do Contorno, nas imediações do bairro Prado, se afastou de sua *preza* e abandonou a lata fingindo que estava bêbado ao ser abordado pelos Policiais. De acordo com o pixador, a estratégia já o livrou de *assinar* inúmeras vezes.

Aprendi também, com COISA e com ERROR, que quando se aproximam as datas das audiências correntes de suas ações os pixadores “dão um tempo”, pois uma recorrência nos dias que antecedem o julgamento tem por efeito, muito provavelmente, um endurecimento do julgamento e, conseqüentemente, da pena. Por causa disso, como COISA estava prestes a ser julgado, o pixador demonstrou preocupação com a sigla de sua *galera* – pois, neste momento, o restante dos integrantes estavam parados -, ressaltando que precisava ficar recluso por uns tempos, e chamando a atenção para o fato de que “agora que eu tô parado, o resto da galera tem que representar”.

Ao longo da festança interagi com inúmeros pixadores, além dos citados anteriormente, como poderíamos citar: ZOCK, GUST, SADOK, CRIPTA (SP), GOMA, dentre outros. A cada conversa um novo aprendizado, e ao conversar com MOLIN BN, aprendi com este mais uma estratégia utilizada na busca por não deixar vestígios de suas atividades como pixadores nas redes sociais. Ciente do estigma e da ilegalidade inerente a esta prática, os pixadores inventam inúmeras estratégias para esconderem seus atos diante daqueles que não compartilham dos códigos da pixação. Para alcançar tal objetivo,

MOLIM me contou que, com a decadência do Orkut⁷⁵, “agora o lance é ter dois Facebooks diferentes”, para não ser descoberto pelos colegas de trabalho e pelo seu patrão em seu emprego.

Nessa ocasião observei um grande número de pixadores usando camisetas de distintas *galeras*. Grande parte dos pixadores presentes vestiam e exibiam as siglas de suas *galeras* e *grifes* em suas camisetas. A festa da BN, assim, agregou uma diversidade de bairros, atraindo uma diversidade de *áreas*, reunindo inúmeras *quebradas*.

Em suma, para definir a festa em poucas palavras, a frase de um dos pixadores com que eu mais interagi durante a ocasião me parece relevante. Assim, ERROR, em apenas uma frase, também chamou a atenção para o poder agregador da pixação: “todos reunidos pelo xarpi”. No próximo tópico trataremos de um outro espaço de socialidades que complementa o circuito da pixação mineira, qual seja, os encontros ocorridos em torno dos lançamentos de DVD's de pixação.

3.2 – Luz, Câmera e (pix)ação⁷⁶

Outra prática que complementa as formas de relações praticadas pelos pixadores são os eventos de lançamento de DVDs. Frequentar estes encontros contribuiu muito para a complementação da presente etnografia, pois quando os pixadores se reuniam para assistir a exibição de lançamento dos filmes, os mesmos comentavam livremente – sem que eu os indagasse - sobre suas práticas, técnicas e percepções e usos da cidade.

Durante os anos de 2011 e 2012 tive a oportunidade de participar de três eventos deste tipo. O primeiro deles ocorreu no dia 24 de junho, durante as programações corriqueiras do Duelo de MC's, em uma noite de sexta feira no

⁷⁵ No início da pesquisa, como destaquei em uma sessão anterior, até fins de 2011, os pixadores costumavam utilizar o Facebook apenas como sua identidade pessoal, reservando o uso do Orkut para os fins da pixação. Atualmente, com a decadência da rede social Orkut, alguns pixadores passaram a ter dois Facebooks, cada um voltado para uma finalidade. Todavia, a despeito das investigações policiais efetivadas nas redes sociais, muitos pixadores utilizam apenas de um página no Facebook, utilizando a mesma para ambas as finalidades.

⁷⁶ O título deste tópico faz menção ao nome do DVD de pixação que retrata a *cena carioca*. A única alteração é a grafia da palavra pixação, haja vista que no título do DVD a palavra aparece com “ch”.

viaduto Santa Tereza. A programação cotidiana de *Hip Hop* deu lugar, em um determinado momento da noite, à exibição do filme “Marcas das Ruas”, produzido pelo (ex)pixador CRIPTA de São Paulo. Nesta noite conheci o pixador paulista, que me explicou alguns detalhes de como filmar as ações dos pixadores, e ainda me forneceu algumas dicas sobre alguns modelos e marcas de filmadoras boas para vencer as limitações da baixa visibilidade noturna.

Fato relevante que ocorreu nessa foi, em função da mudança da dinâmica do evento, que os pixadores mudaram o seu hábito normal, que consiste em ficar posicionados em determinado ponto perto do Palco do Duelo de MC’s. Assim, como estes naquele momento, tinham a oportunidade de presenciar, na tela improvisada, um pouco de sua prática fundante – prática esta que os leva da condição de observador a protagonista –, os pixadores se deslocaram de seu local convencional.



Figura 46 - Cartaz de divulgação da festa de lançamento do DVD Marcas das Ruas, demonstrando uma das técnicas utilizada pelos pixadores.

Após a exibição do documentário, e da programação do Duelo de MC's, alguns pixadores adentraram em um espaço, que para eles até então, era um "não-lugar", ou seja, no Bar Nelson Bordello, localizado na Rua Aarão Reis, bem em frente ao viaduto Santa Tereza, para participar da festa de lançamento do DVD. O "não-lugar" se tornou um "lugar" para os pixadores no momento em que a banda Coletivo Dynamite tocou a sua mistura de Soul, Funk e Rap, por conta de suas letras que retratam, mormente, as aventuras cotidianas de pixadores e grafiteiros pelas ruas da capital mineira.

Para os pixadores mineiros, era muito importante assistir e participar daquele momento, pois vários deles estavam sendo os atores principais de parte daquele filme, como por exemplo, GAGO, GOMA, ARKE, SED, DAN, GINK, COISA, SADOK, dentre outros. De todo modo, é importante destacar que mesmo aqueles que não protagonizaram tais cenas também tinham grande interesse em assisti-lo, pois, durante as filmagens do cenário urbano belo-horizontino, estes torciam para que as suas *prezas* tivessem sido filmadas e, automaticamente, transmitidas para os pixadores do Brasil inteiro.

A segunda oportunidade que tive já fora mencionada em uma sessão anterior. No dia 20 de abril de 2012, no segundo piso do Edifício Maleta, na loja especializada Real Vandal, ocorreu o lançamento do tão esperado DVD 100 Comédia Brasil – Versão Sul-Sudeste. Este DVD reúne cenas da pixação da capital paulista, mineira, carioca, paranaense e gaúcha.



Figura 47 - Cartaz de lançamento do DVD 100 Comédia Brasil, com o cartão postal da pixação mineira ao fundo.

Cheguei ao edifício Maleta para acompanhar a exibição do vídeo por volta das 20 horas. Ao chegar ao local me deparei com alguns pixadores da MF - COISA e TOD. Antes do filme ser exibido, tive a oportunidade de interagir com vários pixadores como SOLD, PAVOR, PIMP, ZOCK, CRAC, KENSOU e MOLIM. Tal como em outras oportunidades, observei os pixadores, instigados pelas cenas do vídeo, comentando sobre suas ações, em específico, sobretudo, sobre suas estratégias e técnicas. Ouvi de CRAC e de PIMP uma prática de fuga, que, pelo que pude observar ao longo desta etnografia, é muito recorrente entre os pixadores. A estratégia consiste em tentar vencer os Policiais Militares no cansaço. Assim, ouvi inúmeros relatos de pixadores que passaram a noite inteira escondidos em marquises e, principalmente, em terraços de prédios. No DVD que estava sendo lançado, na parte que retrata a

pixação de Belo Horizonte, há uma cena em que os pixadores avistam do alto do prédio a chegada de algumas viaturas – provavelmente, contatadas por algum morador que observou alguma movimentação diferente. Nesta *cena* os pixadores que estavam na rua, de acordo com o relato de PIMP, por um momento de distração na *escolta*, *rodaram* para os PM's, ao contrário dos que efetivaram a ação no topo do prédio. Pude, também, aprender com o mesmo os detalhes da descida de corda feita por COSSI, do prédio de mais de 15 andares, pois foi PIMP que manteve suspenso o destemido pixador, descendo o mesmo gradualmente nesta cena do DVD.

Ademais, descobri alguns detalhes dos bastidores de algumas cenas protagonizadas pelos pixadores no DVD que escaparam das lentes das câmeras. Em uma determinada ação, em que PAVOR e SLIM objetivavam marcar suas *prezas* no topo de uma das laterais de um prédio abandonado, os pixadores entraram em desavença, quase chegando às vias de fato, em função da escolha de quem iria marcar a preza mais perto da extremidade que compõe a esquina com a fachada frontal do prédio – o que renderia mais visibilidade e, conseqüentemente, mais *ibope*. A discussão chegou ao ponto de SLIM ameaçar a jogar o vasilhame que continha a tinta fora. Todavia, os pixadores entraram em um acordo e marcaram as suas inscrições como pode ser observado no vídeo. Tais detalhes somente puderam ser apreendidos através das minhas conversas com os pixadores, pois como destaquei anteriormente, tal desavença não foi registrada pelas câmeras que gravaram a ação da própria rua, em uma tomada de baixo para cima.

Outro detalhe que “passa batido” para aquele que somente assiste ao vídeo mais não interage com os pixadores para saber dos detalhes de fundo – invisíveis às lentes e aos desavisados – diz respeito à *cena* protagonizada por COISA e SLIM em uma ação em que os dois pixadores escalam as grades de proteção e marcam as suas *prezas* no alto da parede frontal de uma loja comercial. Na ocasião, COISA, que havia acabado de sair de uma festa, foi direto da mesma para encontrar com os pixadores para a gravação do DVD. Assim, o pixador, mesmo vestindo roupa social, efetuou a escalada, representando a sua preza no alto com o *alfabeto paulista*. Tal fato, a meu ver

demonstra o quanto é relevante a prática da pixação para estes jovens, pois o pixador citado, apesar das limitações proporcionadas pela vestimenta não deixou o ensejo de pixar e, conseqüentemente, de sair em branco no DVD.

A terceira, e última oportunidade de fazer trabalho de campo neste tipo de evento, ocorreu no dia 29 de setembro de 2012, em uma tarde de sábado, no mesmo local do lançamento do filme anterior. Neste dia foi lançado em Belo Horizonte o DVD que retrata a cena da pixação da capital gaúcha, intitulado “FODA-SE”. Ao contrário das outras oportunidades, a presença do público foi bastante reduzida, talvez pelo fato do DVD não estrear pixadores mineiros. Ao chegar ao local, enquanto o DVD não era exibido tive a oportunidade de interagir por bastante tempo com o pixador ZOCK e com o grafiteiro AFRO. A conversa, de um modo geral, girou em torno da questão da ilegalidade da prática da pixação e, principalmente, das investigações efetivadas pelos Policiais Cíveis e Militares, por conta do fato do grafiteiro já ter trabalhado no Programa Fica Vivo.



Figura 48 - Cartaz de divulgação do lançamento do DVD FODA-SE.

À medida que os pixadores mineiros iam chegando, se formavam rodas de conversa. Não sem dificuldades, na medida possível, buscava interagir com

os pixadores mineiros e gaúchos que vieram à Belo Horizonte para lançar o documentário. Nestas rodas de conversa ouvi ZOCK comentando sobre suas percepções e estratégias de usos da *urbe*. Os pixadores gaúchos comentavam, e pressupunham, em suas falas sobre as enormes dificuldades que os pixadores mineiros devem encontrar em seus *rolês*, devido ao considerável número de câmeras espalhadas pela cidade, sobretudo, na região central. Assim, ZOCK explicou para os mesmos que muitas das câmeras do programa “Olho Vivo” possuem muitos pontos cegos e, que muitas delas não conseguem captar a ação dos mesmos, desde que este saiba localizar os seus pontos falhos. Ainda, presenciei o pixador mineiro relatar sobre a suas preferências atuais na busca pela visibilidade de suas ações no centro da cidade de Belo Horizonte, pois ZOCK afirmou que, ultimamente, está preferindo marcar suas *prezas* somente em locais que possibilitarão que estas se tornem *reliquias*, tendo em vista que no centro as pixações são muito apagadas.

Falando dos vídeos de um modo mais geral, é importante destacar que estes são produzidos pelos próprios pixadores. No caso dos primeiros vídeos aqui descritos, a saber, Marcas das Ruas e o 100 Comédia Brasil – Versão Sul/Sudeste, a grande maioria das imagens foram captadas por CRIPTA. A parte de edição é feita por uma outra pessoa que domina tal prática. Diferentemente do DVD FODA-SE que teve todo o seu processo efetivado pelos próprios pixadores gaúchos.

A trilha sonora dos DVD's, em sua grande maioria, é embalada por vários raps nacionais bastante conhecidos pelos pixadores. Tal constatação sinaliza mais uma vez o quão importante é o Rap para os pixadores. No mais, os vídeos reproduzem e representam outras dimensões da pixação que ultrapassam a prática da pixação em si, tais como, o hábito de se assinar e trocar folhinhas, o costume dos próprios pixadores entrevistarem outros pixadores “das antigas”, bem como o registro de seus modos mais comuns de socialidades, isto é, a filmagem de seus points e de suas festas. Dessa maneira, as cenas exibidas nos DVDs, em sua grande maioria, são divididas por modalidades de intervenção, tais como: *topo de prédio, escalada, janela, descida de corda, marquise* dentre outras. E dentro destas categorias, fica

evidente o privilégio de cenas audaciosas, cenas que geram ibope para aquele que a protagoniza, e, conseqüentemente para o próprio DVD em si – haja vista que os pixadores, antes mesmo do lançamento dos DVDs criam expectativa para assistir às aguerridas ações que compõem o documentário.⁷⁷

Em poucas palavras, este tópico objetivou trazer a tona mais um espaço de relações do complexo universo dos pixadores mineiros. No próximo tópico buscaremos complementar uma discussão que já foi iniciada na seção 2.4, ou seja, iremos trabalhar outros materiais específicos voltados para a pixação, muita das vezes, produzidos pelos próprios pixadores.

3.3 – A pixação como consumo cultural

Complementando uma discussão tratada anteriormente, apresentaremos aqui mais alguns materiais e objetos produzidos para/pelos próprios pixadores. Neste sentido, veremos que os pixadores portam suas próprias camisetas, bonés e moletons. Do mesmo modo, assistem seus próprios DVD's, leem revistas e sites especializados, têm seus próprios meios de comunicação e produzem músicas que tratam do seu próprio universo.⁷⁸

Um dos objetos mais produzidos e presentes no universo dos pixadores são as camisetas que fazem menção às suas respectivas *galeras* e *grifes* de pixação – sejam elas de Belo Horizonte ou de outras cidades. Algumas *galeras* se dedicam, anualmente, a produzir as suas próprias camisetas, o que, além de ter um caráter identitário, também contribui para o *ibope* da *galera* à qual a camiseta faz menção.

⁷⁷ Geralmente, ao término das ações registradas e representadas nos DVDs, os cinegrafistas costumam gravar pequenos relatos dos pixadores em ação, principalmente quando ocorrem intervenções policiais ou, de repente, algum flagrante por parte de algum morador.

⁷⁸ Não temos por objetivo aqui discutir exaustivamente a bibliografia que trata das questões relativas àquilo que Theodor Adorno chama de “indústria cultural”. Nosso objetivo nesta seção é bem mais modesto, buscaremos etnografar e analisar mais uma dimensão do universo dos pixadores, desvelando mais algumas minúcias da nossa pesquisa etnográfica, de modo que o leitor possa apreender um maior número de detalhes possíveis acerca deste fenômeno.



Figura 49 - Camiseta da BN (Banca Nervosa). “Os 01 de Minas”.

Nestor Garcia Canclini discute a problemática do que é ser cidadão na contemporaneidade relacionando-a com a questão do “consumo cultural”. Sendo assim, Canclini argumenta que, atualmente, para

muitos homens e mulheres, sobretudo jovens, as perguntas próprias a cidadãos, sobre como obtermos informação e quem representa nossos interesses, são respondidas antes pelo consumo privado de bens e meios de comunicação do que pelas regras abstratas da democracia ou pela participação em organizações políticas desacreditadas. (CANCLINI, 1997: p. 14)

No mesmo sentido, Stuart Hall assinala a importância de se pensar no consumo como um aspecto importante na constituição das identidades no mundo contemporâneo. Portanto, Hall aponta para o fato de que, atualmente, somos

confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de ‘supermercado cultural’. (Hall, 2002: p. 75)

Tais apontamentos nos permitem compreender a relação existente entre o consumo cultural e as práticas identitárias existentes em meio à pixação, e também às outras diferentes formas de inscrições urbanas. Diante deste quadro, acreditamos que estes jovens, muitas das vezes, se sentem mais atendidos diante do consumo de diversos bens e práticas, tais como, revistas, roupas, estilos musicais e materiais próprios, do que pelos modos usuais – “regras abstratas” - de se praticar a cidadania. Assim, podemos inferir que estes jovens pensam e exercem novas formas de apropriação da *urbe* e, conseqüentemente, novos modos de “ser” cidadão.

José Valenzuela Arce aponta para o fato de que a grafiteagem

foi apropriada por parte do mercado comercial, que a integrou a diferentes produtos audiovisuais, aos desenhos de peças de vestuário (camisetas, bonés), à decoração e à publicidade comercial (ARCE, 1999: p.140).

Atualmente, não só o grafite está sendo incorporado pelas marcas multinacionais, mas também a pixação. Hermano Vianna, a este respeito, ressalta que o uso das roupas *x-large*, muito comum entre grafiteiros, pixadores e no meio do *hip hop* como um todo, inicialmente ganhou as ruas como “contestação indumentária”, mas que com o passar do tempo rapidamente foi absorvida pelas indústrias multinacionais. Para Vianna, há, nos dias de hoje, uma dificuldade de se precisar as fronteiras entre “o *underground* e o *establishment*, entre o *street* e o corporativo, entre a subcultura e a cultura dominante” (VIANNA, 1997: p. 9). Dessa maneira, cada vez mais podemos observar bonés, camisetas e moletons que se utilizam das caligrafias criadas pelos pixadores – sobretudo, observamos a apropriação do alfabeto *paulista*. Além dos produtos ligados ao ramo têxtil, encontramos também cadernos, agendas, pastas, mochilas, dentre muitos outros, que vem se utilizando desta estética. Todavia, os próprios pixadores, a despeito das grandes marcas, estão produzindo suas próprias roupas, por meio de processos artesanais, em pequena escala – se comparados com o alto desenvolvimento tecnológico das grandes indústrias do ramo têxtil.



Figura 50 - GAGO exhibe seu boné da Banca Nervosa.

Refletindo acerca da problemática que tangencia as relações existentes entre a utilidade prática e a lógica simbólica dos objetos, Marshall Sahlins aponta que é crucial

que se note que o significado social de um objeto, o que o faz útil a uma certa categoria de pessoas é menos visível por suas propriedades físicas que pelo valor que pode ter na troca. O valor de uso não é menos simbólico ou menos arbitrário que o valor-mercadoria. Porque a “utilidade” não é uma qualidade do objeto, mas uma significação das qualidades objetivas. (SAHLINS, 2003: p. 167)

As reflexões de Sahlins nos auxiliam, na medida em que sugerem que nenhum “objeto, nenhuma coisa é ou tem movimento na sociedade humana, exceto pela significação que os homens lhe atribuem”. (SAHLINS, 2003: p. 168) Em linhas gerais, as camisetas, bonés e moletons reproduzem a ação, os utensílios, práticas e técnicas comuns ao universo dos pixadores. Na imagem destaca anteriormente, vemos a representação de um pixador utilizando-se do *cabão* – conhecido no ramo da pintura como extensor. Além disso, é mais

comum ainda, a presença das letras estilizadas utilizadas e criadas pelos próprios pixadores. Ainda a respeito do uso de camisetas, é importante destacar que pude observar, ao longo da pesquisa, que os pixadores mineiros portam camisas de *grifes* de outras capitais. Dessa maneira, as vestimentas produzidas e, posteriormente, portadas pelos pixadores podem ser vistas como sinais diacríticos, pois, ao mesmo tempo em que os identifica, de um modo geral, como pixadores, são também constituidoras de marcas distintivas em seus espaços de socialidades, haja vista que cada camiseta, por exemplo, identifica o pixador com a galera que este faz parte, ou, então, com outra galera/grife que este estabelece aliança.

Outro tipo de produção crescente, não só em Belo Horizonte, mas também no Rio de Janeiro e São Paulo, são as músicas de *Rap* que possuem conteúdo que trata dos temas cotidianos à prática da pixação. É fácil encontrar vídeos de pixadores mineiros que lançam mão destas músicas como pano de fundo.⁷⁹ O carioca MC Leonel, dentre os MC's que cantam a temática da pixação em suas letras de *Rap*, aparece como um dos preferidos pelos pixadores mineiros. Poderíamos citar também outros exemplos como os paulistas Rodrigo OGI e Nocivo Shomon, assim como o carioca MC Funkeiro.

Resumidamente, as letras tratam das dificuldades encontradas pelos agentes da pixação, bem como o gosto dos mesmos pelo risco e pela adrenalina, além dos dilemas e paradoxos inerentes à vida citadina das grandes metrópoles. O Funk nacional também representa uma das preferências dos pixadores, sejam os seus hits nacionais mais conhecidos, seja nas apropriações que os pixadores fazem das suas batidas para encaixar as suas letras que fazem apologia às suas respectivas *galeras*. Neste sentido, destaco a letra do *Funk* do Comando Hell, uma das *galeras* mais atuantes em Belo Horizonte.

História igual da CH não existe meu irmão
Um grupo de detonadores preparados para a missão
Nasceu em 99 e até hoje em ação
RONCO, FUDS, SADOK e TODIN sempre na contenção
Vista Alegre era o ponto de encontro de antigamente

⁷⁹ Uma breve busca não sistemática permitirá ao leitor encontrar no sítio eletrônico *Youtube* inúmeros vídeos de pixação com letras de *Rap*, que tratam desta prática em específico, assim como os próprios clipes das mesmas músicas.

Tala⁸⁰ na mão, e sangue no olho e as ideias na mente
Um *detono* aqui e ali e o bairro todo pixado
Quando eu parei e vi Comando Hell pra todo lado

Refrão

Comando Hell já tem *ibope*, não precisa falar mal
Temos um milhão de *detonas*, já saímos em jornal

Nós somos reconhecidos em toda a Belo Horizonte
Preza do Comando Hell espalhada tem aos montes
Fazemos parte de um grupo de pixo que é um terror
é claro que eu tô falando d'Os Piores de Belô
Pirulito da Praça Sete o SADOK detonou
Hora do *rolê*, spray ou rolinho, então demorô
SADOK SDK e RONCO RNC,
Tá na hora do *rolê*, "vamo" lança o proceder
FUDS é FDS e TODIN TND
4:20⁸¹ é a hora de sair pra dar *rolê*
SADOK teve a casa invadida por vermes de fardas
Procurando Os Piores de Belô e não encontraram nada
Santa Efigênia e Paraíso e Centro da cidade
Vários *detonas*, todos feitos na sagacidade
Muro virgem e prédio alto a gente não deixa de lado
Mas se os "home" aparecer pega a motoca e sai vazado!!

Podemos apreender, a partir da letra em destaque, inúmeros pontos que são importantes e usuais no meio da pixação. Muitos deles já foram devidamente abordados em sessões anteriores, principalmente, na seção 1.1. No início da letra já percebemos a importância que os pixadores dão para o bairro de origem e para a data de criação da *galera* e, conseqüentemente, o destaque para o fato de que esta se encontra *na ativa* até os dias hoje. Contudo, o que aparece com mais frequência na letra em questão são as categorias relativas ao prestígio do grupo entre os pixadores, expresso pela categoria nativa *ibope*, no refrão da letra e por categorias comuns que expressam reconhecimento, além da clara menção da divulgação das ações da galera na mídia.

Boa parte da letra se dedica a dar ênfase às ações da galera CH, destacando seus feitos pela cidade, tais como a oportunidade em que o pixador SADOK inscreveu sua *preza* no Pirulito da Praça Sete. Ademais, a letra do *funk*

⁸⁰ Utilizar a palavra tala, é o mesmo que dizer lata. Na letra da música, o compositor fez uso da linguagem do TTK. Abordada em uma seção anterior. Além disso, na sequência da letra percebemos a expressão "os home" que é uma referência aos Policiais Militares.

⁸¹ A indicação do horário 4:20 na letra, e nos muros da cidade, faz referência àquilo que é tido como o horário mundial do consumo da maconha.

faz questão de mencionar, também, a aliança e vinculação da CH com outras galeras, dentro da *grife* Os Piores de Belô.

Abaixo destacamos outra letra, intitulada Hora do *Rolé*, produzida recentemente, pelo belo-horizontino MC CABES.

Como o *bomb*⁸² do Fumiga em três portas de aço eu tô vendo
vou riscando o topo do prédio como os pixos do alvo do centro
Ágeis em avenidas, pontes e transversais
sobreviver mais de uma década como o pixo do JIRAIA e SKILO os maiores
graffiti do ZACK, SURTO, FIGO ou ZEN
se eu contar quantos eu já vi aposto que é mais de cem
O trem amanhece, foi pintado o vagão principal
o ataque é tão normal quanto o corre do Municipal
nenhum segurança aguenta a dança dos sprays
essa eu fiz pros camaradas que são foras da lei
desde os Piores até os Melhores, as *tag* se repete
gringo se impressiona e pede foto na internet
Vai pergunta pros Loucos da Noroeste, qual é a dose
se é de tinta da lata do spray ou rap a overdose
virose, tem mosca e o SUJÔ⁸³ que Deus o tenha
cabo de vassoura, galão de 18 litros e a polícia não venha
tá no terceiro andar do Jeguerê, e é pra você vê
se a rua tá no osso não tem pra onde correr
tem a cara do GOMA que lambe na cara do político
rolo de lã de carneiro, de longe fica mais nítido
na madrugada tu foge e vai trombá os mais insanos
PAVOR, MOC, GUST só mano que vive apavorando
desde os tempos mais antigos homens riscavam cavernas
o amigo assobiou, sujou, hora de sebo nas canelas...

Diferentemente do conteúdo do *funk* apresentado anteriormente, a letra do MC Cabes não fala de uma galera em específico, mas sim aborda a *cena*, tanto da pixação como do grafite, como um todo. Entre *bombers* e pixadores, a letra inicia retratando um pouco da pixação de Belo Horizonte quando fala da sobrevivência das pixações feitas pelos pixadores históricos JIRAIA e SKILO. De uma forma mais substancial, o *rap*, cantado por MC Cabes, trata das dificuldades cotidianas destes agentes, por conta da ilegalidade inerente a estas atividades, passando, ainda, pelas técnicas e materiais empregados em suas ações.

⁸² A palavra *bomb* designa aquele tipo de grafite que é feito sem autorização, portanto, ilegal. Geralmente, os *bombs* são aqueles grafites feitos com letras arredondadas em duas, ou no máximo 3 cores. Sendo assim, o *bomber* é aquele agente que *marca bombs* cidade afora.

⁸³ O pixador SUJÔ, integrante da galera Banca Nervosa, faleceu pouco tempo depois da festa de aniversário da mesma, por motivos por nós desconhecidos. De todo modo, são comuns as homenagens prestadas aos pixadores falecidos, seja em letras de músicas, sejam nas redes sociais ou nos próprios muros da cidade.

Além das músicas aqui apresentadas, poderíamos citar inúmeras outras letras como, por exemplo, o funk cantado pelo pixador e MC SELA, integrante do grupo MPC; também mapeamos uma letra que faz apologia à galera BN, cantada pelo igualmente pixador e MC GAGO; ou, ainda, poderíamos mencionar uma letra entoada pelo grupo Coletivo Dynamite, que também retrata a *cena* da pixação e do grafite da capital mineira.

Em resumo, percebemos que não é somente o ato de grafar que constitui a identidade do pixador. Pelo contrário, esta se constitui e se consolida a partir da efetivação de distintos hábitos. A partir da aquisição e uso de determinados “bens culturais”, em conjunto com a participação e frequência em determinados espaços, isto é, no ato de se compartilhar determinadas experiências, vocabulários e códigos simbólicos é que se complementa o que é “ser” pixador *em* Belo Horizonte. Assim, ainda que os pixadores não estejam negando o consumo de produtos que são valorizados pelos grandes meios de comunicação, interpreto que o fato de estarem produzindo os seus próprios bens de consumo é, mais uma vez, ser “marginal” ou “alternativo”, pois estes estão criando formas que atendem às suas próprias demandas. De qualquer forma, a abordagem da pixação a partir da ótica daquilo que Canclini nomeou como “consumo cultural” nos parece propositiva, pois por meio desta podemos perceber características e questões que são próprias à vida cidadina, ultrapassando os limites da prática da pixação.

No próximo e derradeiro tópico, trataremos das relações ambíguas estabelecidas entre os pixadores e a mídia, mostrando como esta, ao mesmo tempo em que lança um estigma social bem demarcado por sobre os pixadores, também contribui para o fenômeno da pixação, uma vez que corrobora e divulga a ação daqueles.

3. 4 - Pixação e Mídia: tensões, apropriações e desvio

social

No ano de 2010, em específico, no mês de novembro, um acontecimento colocou o fenômeno da pixação em foco em Belo Horizonte. O

flagrante de cinco jovens em um prédio da região central, seguido de prisão e enquadramento dos mesmos no crime de Formação de Quadrilha colocou a prática da pixação em voga na capital mineira. Tal acontecimento teve grande repercussão na mídia, especialmente, na mídia eletrônica.

Ao investigar as opiniões referentes à prisão dos pixadores percebemos uma gama diversificada de juízos, se estes deveriam ou não ser enquadrados como formação de quadrilha, ou se estes deveriam ser punidos apenas pela prática da pixação. De todo modo, quando o assunto é pixação, predominantemente, nos deparamos com apreciações que relegam os pixadores às categorias de vândalos e criminosos. Antes de partirmos para a problematização do conteúdo das entrevistas, nos debruçaremos sobre a questão das rotulações, conforme a discute Howard Becker. Conforme este autor, “todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las”. As regras sociais “definem situações e tipos de comportamento a elas apropriados, especificando algumas ações como ‘certas’ e proibindo outras como ‘erradas’ ” (BECKER, 2008: p. 15).

Vale lembrar, ainda, que Becker distingue dois tipos distintos de regras: as formais, formalmente promulgadas na forma de lei; das regras que se baseiam em acordos, impostas por sanções informais de diversos tipos. Neste sentido, a prática da pixação, perante a lei, configura uma atividade ilegal, uma vez que o pixador se apropria de locais públicos ou privados para efetivar suas intervenções em meio à paisagem urbana. Sendo assim, as pixações, geralmente, ocorrem durante a madrugada de forma sorrateira. Deste modo, podemos inferir que a subversão pode ser vista como uma de suas características principais, pois a pixação não é uma prática aceita ou normatizada pela sociedade. O pixador pego em flagrante pode ser detido conforme a lei ambiental nº 9.605 de 1998, que assinala que “pichar, grafitar ou, por outro meio, conspurcar edificação ou monumento urbano é crime passível de detenção de três meses a um ano e multa”. Ainda cabe lembrar que o ato de pixar também pode ser enquadrado no artigo 163, de acordo com o Código Penal, o qual prevê que “causar dano, destruir, inutilizar ou deteriorar coisa alheia constitui crime” (SOUZA, 2008: p. 81).

Como já chamamos atenção anteriormente, a *pixação* é um fenômeno que provoca muita polêmica em meio à sociedade. Com efeito, Canclini aponta que o grafite [e, também, a *pixação*] pode ser caracterizado [a] como um “modo marginal, desinstitucionalizado, efêmero, de assumir as novas relações entre o privado e o público, entre a vida cotidiana e a política” (CANCLINI, 1999: p. 339, grifo nosso). Dessa maneira, Canclini nos leva a pensar a importância de se pesquisar também como se dão as relações externas mantidas pela prática da *pixação*, no intuito de se compreender como figuram estes jovens interventores em meio à metrópole. Portanto, ainda no que tange às relações externas, muitas vezes, a sociedade civil e os agentes envolvidos no universo da arte, questionam o valor estético da *pixação*, na medida em que esta prática é comparada, constantemente, com sujeira e deterioração do espaço urbano. Contudo, é importante destacar que, de acordo com James Clifford, que no “mundo del arte, la obra es reconocida como ‘importante’ por conoedores y coleccionistas de acuerdo con critérios que son más que simplemente estéticos”. (véase BECKER, 1982) (CLIFFORD: 1995, p. 266).

Dito isto, vimos que a *pixação*, em linhas gerais, de forma ilegal, toma como suporte a paisagem da cidade, uma vez que o pixador se apropria de forma inoportuna dos sustentáculos urbanos. Assim, de modo similar, Geertz, contra a perspectiva funcionalista, para qual as “obras de arte são mecanismos elaborados para definir as relações sociais, manter as regras sociais e fortalecer os valores sociais” (GEERTZ: 1994, p. 150), a *pixação*, juntamente com as outras modalidades de inscrições urbanas, na maioria das vezes, coloca frente à frente diferentes grupos sociais, na medida em que coloca em discussão a questão paradigmática da propriedade privada, bem como a liberdade de expressão. Nesse sentido, ao invés de corroborar para com as regras e valores sociais, estas práticas “apenas materializam uma forma de viver, e trazem um modelo específico de pensar para o mundo dos objetos, tornando-o visível”. (GEERTZ: 1994, p. 150)

Percebemos que esta forma de intervenção coloca em discussão, dentre outras problemáticas, sobretudo, o estatuto da propriedade privada, uma vez que o pixador se apropria da propriedade alheia para efetuar suas ações. Com o intuito de combater a *pixação*, a Prefeitura de Belo Horizonte, na atual gestão

do Prefeito Marcio Lacerda, declarou guerra às ações dos pixadores, através de inúmeras ações. Juntamente com a PBH, o Poder Judiciário, a partir do cumprimento de inúmeros mandatos de busca e apreensão, também vem atuando de forma bastante incisiva contra os pixadores mais atuantes de Belo Horizonte.⁸⁴

Além disso, a PBH também combate a pichação estabelecendo uma guerra de tinta contra os pixadores, através do fomento de Programas como o Movimento Respeito por BH, que tem por objetivo cobrir todas as pichações encontradas pelos agentes da prefeitura e por voluntários nas ruas de Belo Horizonte.⁸⁵ Resumidamente, os objetivos do Programa supracitado são definidos da seguinte maneira:

O Movimento Respeito por BH visa garantir o ordenamento e a correta utilização do espaço urbano pelo cumprimento e efetiva aplicação da legislação vigente, e é parte integrante do Projeto Cidade Sustentável e compõe o programa de governo da atual gestão, o BH Metas e Resultados. Visando intervir de forma efetiva, pautada pela legislação vigente e preservando os códigos de convivência urbana, foram traçadas três estratégias integradas para combater a pichação e que podem ser executadas de forma independente: REPRESSÃO QUALIFICADA, SENSIBILIZAÇÃO e DESPICHE.⁸⁶

⁸⁴ A este respeito, destaco um trecho da fala do Prefeito de Belo Horizonte, um dia após o resultado da sua reeleição: "Uma cidade da qualidade de Belo Horizonte não pode conviver com tanta pichação que nós temos nos imóveis pela cidade toda. Nós precisamos dar um basta, encontrar uma forma de resolver isso, que um desrespeito que acaba gerando outros tipos, digamos, de desrespeito às leis. Às vezes, a pichação é uma porta de entrada para uma gangue organizada. Depois vai para um pequeno furto, vai para um assalto, vai para as drogas e assim por diante. Nós temos um crescimento da criminalidade na cidade, e isso é inaceitável." A matéria com a entrevista completa pode ser acessada na íntegra no endereço eletrônico: <http://g1.globo.com/minas-gerais/eleicoes/2012/noticia/2012/10/prefeito-de-bh-diz-que-e-cedo-para-relacionar-vitoria-e-eleicoes-de-2014.html>

⁸⁵ Cabe lembrar que grande parte das capitais brasileiras, incluindo Belo Horizonte, conta com um sistema de disque denúncia para que a população, através do número 181, ajude a polícia no intento de prender pixadores em flagrante.

⁸⁶ O documento completo pode ser acessado no sítio: <http://www.cidadedemocratica.org.br/topico/1847-movimento-respeito-por-bh-combate-a-pichacao>



Figura 51 - Cartaz do projeto Movimento Respeito por BH.

A prefeitura da metrópole mineira investe muitos recursos financeiros e materiais para monitorar a cidade, por meio de programas e sistemas de segurança. Do mesmo modo que o Poder Judiciário, a Polícia Militar, por meio do Programa de Monitoramento conhecido como “Olho Vivo” intenta inibir a ação dos pixadores nas principais vias da cidade. Além disso, mapeamos um esforço conjunto entre a iniciativa privada e a iniciativa pública, que através de três diretrizes de ação, planejadas pelo programa Movimento Respeito por BH, visa, igualmente combater a pichação na capital mineira.

Neste ponto, nos interessa abordar a segunda diretriz de ação do programa citado, a saber, a esfera de atuação intitulada por seus idealizadores como “sensibilização”. Nesse sentido, a SMED – Secretária Municipal de Educação de Belo Horizonte – intenta redirecionar o foco e a “energia dos jovens da pichação para atividades de caráter cultural e de responsabilidade socioambiental.” Para tanto, muitas das vezes, o grafite é acionado como um

vetor de combate à pixação. Tal estratégia fica patente em uma matéria divulgada no site da emissora Alterosa, que começa com a seguinte análise: “Uma matemática vergonhosa. Trezentas novas pichações aparecem todos os meses em Belo Horizonte, segundo a Polícia Militar”. Mas o que mais nos interessa na referida matéria é a alternativa encontrada pelos moradores do Bairro Horto.

Eles deram lugar nos muros à arte. A frente da serralheria de Geraldo Galinari ficou mais bonita com o grafite. “Aqui é pintar uma parede nova e eles picham mesmo, com o grafite eles respeitam”, conta.⁸⁷

Investigando outras pesquisas que tratam desta questão, percebemos que esta estratégia é largamente utilizada. Em São Paulo, Alexandre Pereira aponta que

ocorre, então, um fenômeno interessante: a pichação, indiretamente, impulsiona a proliferação de um agente de sua própria coerção, ou seja, o grafite. No entanto, é preciso problematizar essa oposição entre pichação e grafite e entre pichadores e grafiteiros. (PEREIRA, 2007: p. 226)

Retomando a gênese histórica apresentada no segundo capítulo desta etnografia, vimos que as histórias de ambas as práticas remetem a um início comum. Todavia, visando combater a pixação, podemos perceber que o Poder Público, juntamente com a esfera privada, coloca e trata estas práticas de forma dicotômica. Contudo, a partir dos dados da pesquisa é possível afirmar que os limites entre estas práticas são muito fluidos. Em determinados momentos, os pixadores, devido às dinâmicas das circunstâncias encontradas em suas práticas cotidianas, acionam diferentes categorias identitárias para, por exemplo, dialogarem com as autoridades responsáveis pelo combate à prática da pixação, assim como com outros agentes de um modo geral. Sendo assim, me deparei com inúmeros pixadores que fazem grafites e, também, com grafiteiros que fazem pichações. Se abordarmos as relações entre a pixação e o grapixo, veremos que as relações são ainda mais fluidas entre estes agentes e práticas.

⁸⁷ A matéria completa pode ser acessada no sítio eletrônico: <http://eusr.wordpress.com/2011/11/25/bh-gasta-r-2-milhoes-por-ano-para-limpar-a-cidade-da-sujeira-dos-pichadores/>

Por outro lado, é importante destacar que, mesmo sendo fluidos os limites entre tais práticas, existem conflitos entre os agentes destas manifestações, principalmente, por conta dos *atropelos*. Corriqueiramente, ocorrem *atropelos* de grafites que acabam por sobrepor pichações, ou, até mesmo, outros grafites. Com o

o grafite tornando-se uma das estratégias oficiais de combate à pichação, muitos grafiteiros começaram a “atropelar” pichações, o que provocou a indignação de muitos pichadores. (PEREIRA, 2007: p. 229)



Figura 52 - GOMA *atropela* painel feito pelo grafiteiro IRON na Avenida Amazonas.

A este respeito PAVOR PVL aponta que “grafite é bacana, são uns caras bem talentosos. Mas muitos deles são unidos com o sistema. E quem é unido com o sistema, nós tamo contra”. Conscientes das estratégias de cooptação por parte do Poder Público, que tem por objetivo arrebanhar grafiteiros em prol de uma guerra de tinta tácita que ocorre pela cidade, onde o grafiteiro é eleito como um vetor de combate à pichação, é que, então, os pichadores começaram a devolver os *atropelos* sofridos nesta tentativa de higienização da capital

mineira. Além do Programa de combate à pixação citado anteriormente, em especial, temos em Belo Horizonte também o Projeto Guernica.

Tal projeto, grosso modo, é um programa da Prefeitura de Belo Horizonte, em parceria com o Centro Cultural UFMG e a FUNDEP, que desde o ano 2000 constitui um espaço de estudo e pesquisa, mas que também tem por intuito implementar uma proposta de política pública para a pixação e para o grafite na cidade. Nessa proposta, leva-se em consideração as noções do patrimônio, do urbanismo e da história. Neste ínterim, o Projeto Guernica trabalha com oficinas de formação de grafiteiros, debates em torno do Patrimônio Público, da História da Cidade e de práticas de cidadania.⁸⁸

Todavia, nem sempre as relações entre pixações e grafiteiros, na busca pela visibilidade e demarcação do espaço urbano, são conflituosas. Há exemplos interessantes a respeito desta assertiva. Percebi, em alguns casos, que quando *bombers* atropelam *prezas* pela cidade, em respeito e em consideração para com aquele que foi atropelado, *manda um salve* para o pixador que teve sua inscrição sobreposta. Na Avenida Santos Dumont, observei que um *bomb* de KC (Kamikaze Crew) justapôs parte das *prezas* de FAMA e RANEX. Por conta disso, o grafiteiro compôs sua inscrição e à frente marcou as *prezas* dos pixadores. Entre o seu *bomb* e as *prezas* dos pixadores mencionados, KC inscreveu uma seta que indica a dedicação deste para aqueles.

⁸⁸ Não temos por objetivo, de modo algum, esgotar uma discussão sobre tal Projeto. Com esta curta explanação objetivo demonstrar, ainda que de forma breve, como o Poder Público agencia outros atores à seu favor e, conseqüentemente, contra a pixação. Para uma apreensão detalhada de tal Projeto consultar a Tese de Doutorado de LODI, Maria Inês. (2003)



Figura 53 - Na parte superior, um atropelo parcial de KC. Abaixo, na parte frontal da varanda, em azul: “KC → RANEX-FAMA!”

Um ponto interessante que observei em alguns muros da cidade, que diz respeito às relações estabelecidas pelos pixadores com a cidade como um todo e as tentativas de combate à pixação, se refere à prática dos moradores colocarem placas com dizeres que buscam negociar e apresentar razões para os pixadores não pixarem seus muros. Neste sentido, buscando alternativas para a ineficaz repressão e combate estabelecido pelos órgãos públicos, moradores e construtoras se comunicam, através dos próprios muros.

Atenção Sr. Pixador, a cada mês que esse muro permanecer limpo, a MRV e a Magis doarão uma cesta básica para uma creche ou uma instituição de caridade da sua cidade.

No entanto, a despeito da estratégia salientada anteriormente, os pixadores pixam os muros destes locais e, ainda, zombam dos mesmos. Assim, o pixador DATE GSD (Geração Só Doidão) marcou sua alcunha e deixou a seguinte frase em letras legíveis: “esse mês a cesta é por minha conta”.



Figura 54 – DATE: Esse mês a cesta é por minha conta.

Outro exemplo interessante de tentativa de controle das ações praticadas pelos pixadores é o ato, por parte do proprietário do suporte, de se delimitar uma determinada parte do muro e destinar o mesmo para que os pixadores se apropriem somente daquela parcela do suporte, por meio de frases como: “Espaço reservado para grafiteiros/pichadores”. É importante salientar que, diferentemente do Poder Público, no senso comum, muitas das vezes, grafiteiros e pixadores são vistos sem maiores distinções. O simples fato de se utilizar do instrumento mais comum, por ambos agentes, qual seja, o spray, os coloca mediante a população em par de igualdade. Contudo, os resultados impressos nos muros são vistos pela população de forma diferenciada, haja vista que o grafite, a cada dia, vem passando por um processo de aceitação e reconhecimento crescente.



Figura 55 – “Espaço reservado para grafiteiros” nos muros de uma empresa – ARC – na Av. Antônio Carlos.

A este respeito, Andrei Isnardis aponta que “tendo em vista a importância que a desobediência (transgressão, rebeldia) e o risco têm no ato de pichar, seria de se esperar que os pichadores não obedecessem esse espaço reservado”. (ISNARDIS, 1995: 71) Todavia, a obediência à solicitação dos proprietários foi majoritária. De todo modo, neste caso, parece que o prazer pela transgressão é superado pelo ato de grafar, tão intenso na vida dos pixadores. Em todas as oportunidades que estive junto com os pixadores, pude observar o quanto lhes é agradável o ato de inscrever, pois os mesmos sempre solicitavam meus cadernos de campo para *marcar* suas alcunhas, inúmeras vezes, de diversas formas distintas.

Segundo a perspectiva dos próprios pixadores, a pixação é uma atividade ilícita, podendo ser caracterizada, portanto, como uma forma de delito criminal. Conforme a fala de COISA, que argumenta que “a partir do momento que você está pixando um patrimônio que não é seu, subindo em casas e prédios, está fazendo uma coisa errada”. No mesmo sentido, transcendendo os

limites da capital mineira, o pixador paulistano CRIPTA reconhece a ilegalidade e o caráter de vandalismo presentes nas práticas exercidas pelos pixadores ao afirmar que a “pixação é ilegal mesmo, e a essência tá nisso cara. Se fosse autorizada, ninguém tava fazendo. A essência tá aí, na anarquia, tá ligado? Um bagulho proibido”.⁸⁹ Dessa maneira, notamos que os próprios agentes da pixação admitem que a pixação seja uma intervenção subversiva, e que suas atividades, se julgadas perante as regras normativas da sociedade, são práticas ilegais, na medida em que os próprios reconhecem que se apropriam da propriedade alheia.

Entretanto, embora reconheçam o caráter desviante de suas ações mediante as regras da sociedade, sabemos que, de acordo com Howard Becker, a “sociedade em geral tem muitos grupos, cada qual com seu próprio conjunto de regras, e as pessoas pertencem a muitos grupos ao mesmo tempo” (BECKER, 2008: p. 21). Assim, podemos inferir que o pixador, como qualquer indivíduo, por participar de diversos grupos, acaba por “infringir as regras de um grupo pelo próprio fato de se ater às regras de outro” (BECKER, 2008: p. 21), neste caso, as próprias regras da pixação.

No outro pólo da discussão, o Jornal Estado de Minas, em sua versão *on-line*, traz a seguinte matéria: “Mais de 100 pichadores já foram presos desde janeiro em BH”:

Moradores de Belo Horizonte que tiveram fachadas e muros de seus imóveis emporcalhados por pichadores podem comemorar uma estatística levantada pela Guarda Municipal e repassada ao Estado de Minas com exclusividade: de janeiro a novembro, a corporação prendeu 114 deles em flagrante. Alguns são tão audaciosos que foram detidos quando sujavam a sede da prefeitura, na Avenida Afonso Pena, no Centro, e o prédio da própria Guarda Municipal, na Avenida dos Andradas, mas os alvos prediletos dos vândalos são os monumentos erguidos em pontos estratégicos, como o obelisco da Praça Sete.

Em resumo, percebemos que ao classificar a ação dos pixadores como sendo um ato praticado por vândalos, os jornalistas somente levam em conta o conteúdo das regras normativas de nossa sociedade em seus julgamentos

⁸⁹ Entrevista concedida por CRIPTA ao Documentário *Pixo*, produzido pelos diretores João Weimar e Roberto T. Oliveira, lançado no mês de dezembro de 2009. Permito-me utilizar aqui a fala do pixador paulistano, pois CRIPTA é uma figura muito representativa, não só para a pixação mineira, e também pelo fato de que este mantém relações de troca e alianças com pixadores e grupos mineiros.

acerca das ações estabelecidas pelos pixadores, se privando de problematizar a perspectiva dos pixadores. Sendo assim, na medida em que o objetivo é “vender jornal”, os jornalistas, na busca de satisfazer o anseio da grande maioria dos seus leitores, apelam para o desejo de ver os pixadores reprimidos.

Já a matéria do portal de notícias G1, traz a matéria intitulada: “Governo proíbe venda de tinta *spray* para menores de 18 anos”. Assim, o tópico em destaque assinala que na quinta-feira (26/05/2011) no Diário Oficial da União a Lei 12.408 que proíbe a comercialização de tintas em embalagens aerosol a menores de 18 anos. Pela lei, sancionada pela presidente Dilma Rouseff,

a venda de *spray* em tinta só poderá ser feita a maiores de idade, mediante apresentação de documento de identidade. O texto obriga o comerciante a colocar na nota fiscal de venda a identificação do comprador. As embalagens terão que conter, de forma legível e destacada, a seguinte expressão: “Pichação é crime (Art. 65 da Lei nº 9.605/98). Proibida a venda para menores de 18 anos.

No comentário de outra matéria, grosso modo, um determinado leitor exprime sua insatisfação para com as atividades estabelecidas pelos pixadores e também para com as ações punitivas, afirmando que a

polícia não prende por incompetência e com isso gera a impunidade. Emporcalham a cidade e não acontece nada. Os pichadores são uns frustrados, fracassados e sem perspectiva de futuro.

Nota-se na fala do leitor que a pichação, e, também, de um modo geral, é vista a partir da negativa, ou seja, sempre como uma falta, como resultado de uma assimetria de acesso a determinadas oportunidades. No texto intitulado “Somos todos grupelhos”, Felix Guattari aponta que a problemática em torno das gangues possibilita examinar melhor o problema de onde partir para definir uma possível “subcultura”, permitindo colocar em dúvida esse lugar social em relação ao qual fosse sempre necessário medir quaisquer outras manifestações ou estilos. Ademais, Janice Caiafa, inspirada pelos escritos do mesmo, aponta, também, que

quanto às gangues, marginalidade é uma má palavra, pois implica sempre a ideia de uma dependência secreta da sociedade pretensamente normal. A marginalidade

chama o recentramento, a recuperação.” Vê-las não como uma periferia em relação a um centro, momentos dialéticos no discurso imperial, “peripécias no percurso que seguem o Império e sua ideia”. (CAIAFA, 1987: p. 62)

Percebemos o conteúdo estigmatizante lançado sobre os pixadores pelos leitores e agentes da esfera pública – e também pela Sociologia e pela Antropologia que os vê como marginais, conforme Caiafa (1987). Erwin Goffman define estigmatização, como sendo uma “forma de classificação social pela qual um grupo identifica outro de acordo com certos predicados seletivamente reconhecidos pelo indivíduo classificante como pejorativos ou desabonadores” (GOFFMAN, 1988: p. 66-67). Constantemente encontramos na fala dos cidadãos as categorias “vândalos”, “criminosos”, dentre outras - termos que identificam a pixação com a destruição e com a sujeira, como em um determinado trecho anteriormente destacado. Em síntese, o pixador RALADO DC (Distúrbio do Crime) assinala que

Belo horizonte tá sendo motivo de piada no mundo. Cria disque denúncia pra pixadores, registra fotos pra investigação [para] depois condenar e nos dar prisão. Tudo pra deixar a cidade bonita pro estrangeiro. Agora pergunta pro estrangeiro o que vê de feio no Brasil, pra ver a resposta dele. Nunca vai abrir a boca pra falar das pixações da cidade, e se falar pode ter certeza que antes disso ele abriu a boca pra falar de corrupção, descaso com a saúde, miséria e mil e um problemas da cidade. Aí depois ele vai falar sobre a pixação!!! O pixo nunca vai acabar!

De tal modo, a partir da fala do pixador, notamos que este reconhece o estigma projetado pela sociedade sobre os pixadores. No entanto, ao nos reportarmos à sua fala, percebemos também que ele considera outros agentes como desviantes (BECKER, 2008: p. 15). Além disso, a partir da fala de RALADO DC, podemos inferir que os pixadores reconhecem o caráter desviante envolvido na prática da pixação, contudo definem e fundamentam suas condutas, mormente, com base nos atos transgressivos de outros grupos, neste caso, os políticos.

Ao problematizarmos as entrevistas destacadas anteriormente e ao analisarmos a preocupação legal em conjunto com a criação de mecanismos de combate à prática da pixação, percebe-se que a todo o momento entra em voga o debate acerca do *desvio* e, nesse sentido, abre-se um leque ainda mais amplo relativo ao entendimento deste fenômeno (SOUZA, 2008: p. 79).

Segundo Becker, *desvio* pode ser definido como a “infração de alguma regra geralmente aceita”, ou ainda, o termo utilizado para designar “pessoas que são consideradas desviantes por outras, situando-se por isso fora do círculo dos membros “normais do grupo”. (BECKER, 2008: p. 21-27)

Percebemos que não há o *desvio* em si, ou seja, o desviante não possui uma característica que o defina como tal, mas o que se percebe é a existência de um processo de acusação mútua, e o desviante passa a ser aquele que, por diferir das regras aceitas pela maioria da sociedade, acaba sendo qualificado dessa forma. Para Janice Caiafa, a perspectiva defendida por Howard Becker é relevante para estudos deste tipo, pois Becker

soube desinvestir esses lugares sociais (os jovens, as mulheres e demais rebeldes, os “desviantes”) de uma substância que os definiria desde o início. Eis seu esforço de contextualizar esses fenômenos, de enfatizar a situação, o processo pelo qual essas figuras se constituem – no que lhe interessa muito menos um afã classificatório do que o momento que propicia sua aparição. (CAIAFA, 1987: p. 61)

Contudo, a despeito da opinião dos leitores, os pixadores também demonstram muita insatisfação sobre alguns usos e apropriações do espaço urbano por determinados setores da sociedade. No atual momento, em meados de 2012, a pixação de Belo Horizonte se encontra em um contexto diferenciado, mas que teima em se repetir de dois em dois anos. Com o andamento das campanhas políticas, a guerra de tinta – ou nos termos de Antonio Augusto Arantes (ARANTES NETO, 2000), a “guerra dos lugares” – vem ocorrendo de forma bastante intensa. Por conta deste quadro, me deparei com inúmeras falas de pixadores, grapixeiros e grafiteiros demonstrando grande indignação para com as autoridades públicas, bem como para com os próprios candidatos aos pleitos políticos, uma vez que os políticos em suas campanhas estão *atropelando* inúmeras *agendas* dos pixadores e inúmeros *painéis* produzidos por grafiteiros. Como consequência desses *atropelos*, sobretudo, os pixadores estão efetivando inúmeras intervenções em reação aos *atropelos* que estes vêm sofrendo. Assim, observei pela *urbe* uma gama de cartazes, pinturas e cavaletes de campanhas políticas com os seus dizeres subvertidos, *atropelados* e *atravessados* por *sprays*, *rolinhos* e *borrifadores*.

Considerando as opiniões antes destacadas, entendemos que, a partir da perspectiva dos pixadores entrevistados, que estes estão conscientes do estigma projetado sobre eles. Desse modo, podemos caracterizá-los como o que Howard Becker chama de *desviante puro*, pois seu comportamento, de um modo geral, pode ser entendido como “aquele que desobedece à regra e é percebido como tal” (BECKER, 2008: p. 31). Ademais, muitas das vezes, percebe-se nas entrevistas dos indivíduos que fazem parte dos setores que acusam os pixadores como desviantes que a pixação não tem nenhuma serventia e nenhum sentido, ou que ela é apenas uma violência gratuita contra a sociedade, não tendo nenhuma finalidade prática. Entretanto, dentro deste universo multifacetado, que é a pixação, encontramos em nossa pesquisa determinadas *galeras/pixadores* que não encerram a pixação somente dentro de uma intervenção urbana apolítica e identitária. Sendo assim, a atitude de alguns grupos de pixadores em protesto contra casos, como, por exemplo, de violência e descaso da justiça, divide a opinião pública e cria novos conceitos para a pixação.

Quando o assunto se refere aos usos e apropriações da mídia – seja ela televisionada, impressa ou virtual – os pixadores nos dão mostras de sua enorme capacidade criativa. Sobre esta taxativa creio que o melhor exemplo que poderíamos citar seria o caso que gerou um grande problema para os condutores de veículos que precisavam passar no trecho que permite a saída de Belo Horizonte, pela região leste, para o leste do estado mineiro. Em determinado trecho da BR 381 há uma ponte, que permite a passagem sobre o Rio das Velhas, que teve suas estruturas abaladas pelas fortes chuvas no verão de 2011, impedindo o trânsito pelo local. Sabendo do caso e da cobertura da imprensa, por meio até mesmo de imagens aéreas captadas por helicópteros que buscavam manter os condutores e a população informada, os pixadores marcaram suas *prezas* de madrugada em toda extensão do asfalto da ponte. Assim, no outro dia, os helicópteros registraram as imagens do local e, conseqüentemente, divulgaram, em cadeia nacional, as *prezas* dos pixadores que ali grafaram suas alcunhas. Não satisfeitos com a divulgação ao vivo de suas *prezas*, os pixadores registraram uma foto do vídeo, para

posteriormente lançar tal imagem nas redes sociais, o que, automaticamente, também, resguarda a mesma do esquecimento.



Figura 56 - Da esquerda para direita: GAGO, COSSI, ARKE e GOMA.

Do mesmo modo, respectivamente, os pixadores ARKE, GAGO e 100♥, a partir de suas inscrições e de uma adaptação de um trecho de uma letra de *Rap*⁹⁰ do grupo Facção Central no muro do Hospital de Pronto Socorro João XXIII, protestaram contra a greve dos médicos, que teve por consequência a morte de uma pessoa em espera do lado de fora do Hospital. A ação dos pixadores lhes rendeu a matéria intitulada “Revolta no HPS”. O conteúdo da matéria - apesar de reconhecer e ressaltar a revolta e a insatisfação - deixa claro o teor estigmatizante expresso na opinião do jornalista: “mesmo sendo um ato dos vândalos, reflete a indignação de quem não está satisfeito com a greve dos médicos”.

⁹⁰ É muito comum entre os pixadores protestarem utilizando trechos de letras de *Rap* nos muros da cidade. Assim, estes as inscrevem, juntamente ao lado de suas *prezas*, com letras legíveis, de modo que todos que observam o suporte consigam entender a sua mensagem.

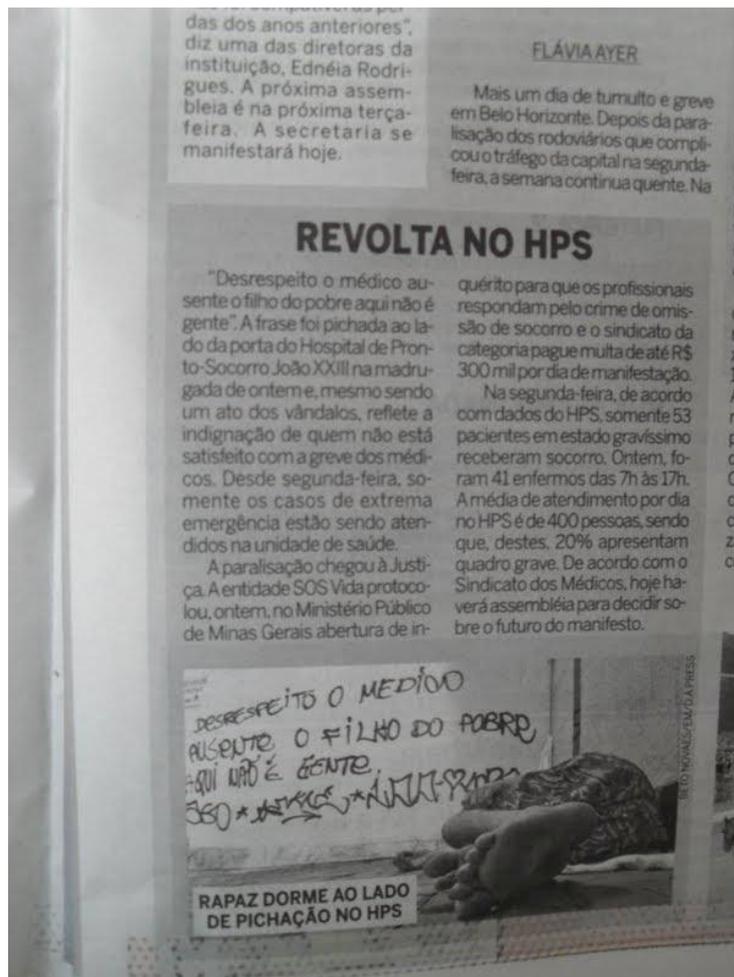


Figura 57- "Desrespeito o médico ausente, o filho do pobre aqui não é gente".

Observamos que os pixadores de determinadas *galeras* e *grifes* se dedicam a protestar contra acontecimentos polêmicos que estão em destaque e em discussão na mídia e na sociedade. No entanto, neste ponto nos deparamos diante da seguinte problemática: tendo em vista que a pichação foi outrora considerada uma comunicação que pode ser vista, parcialmente, como interna e fechada, restrita aos seus integrantes, questionamos a quem estes jovens estão atingindo a partir de suas intervenções. Analisando as imagens das ações desta *galera*, percebemos que estes pixadores, além de inscreverem suas alcunhas, ilegíveis para aqueles que não compartilham dos códigos do *circuito* da pichação, inscrevem frases de protesto cobrando mais eficácia dos órgãos de Estado para casos polêmicos como o caso citado anteriormente, dentre muitos outros exemplos. Ou seja, nestes casos há dois públicos, a mensagem geral vai para todos e as assinaturas para poucos.

Contudo, encontramos as mesmas motivações e justificativas apontadas pelo coletivo em questão na fala de outros pixadores que restringem suas ações à pixação tida como convencional, qual seja, aquela que somente se comunica internamente, que, de um modo geral, busca demarcar o espaço urbano visando a construções e disputas identitárias entre pixadores e *galeras*. De tal modo, concluímos que, quando a pixação não objetiva transmitir uma mensagem de protesto acessível à sociedade, as ações destes jovens talvez possam ser vistas como irrefletidas ou impensadas, pois embora queiram atingir a sociedade de alguma forma, acabam suscitando ainda mais críticas e incompreensão a seu respeito, na medida em que os transeuntes não conseguem compreender suas inscrições – de todo modo, os pixadores não esperam mais que isso. E é com base nessas questões que, muitas das vezes, a pixação é interpretada como uma mera forma de violência gratuita - como pudemos perceber na fala de um entrevistado citado anteriormente - uma vez que constantemente encontramos nas falas destes jovens que a busca pela adrenalina e pela ilegalidade são destacadas como uma das motivações fundantes desta prática.

Assim, retornando as relações da pixação com a mídia, pesquisando as ações de determinadas *galeras* e pixadores, encontramos uma gama de imagens, registradas e, posteriormente, postadas na internet pelos mesmos agentes em seus veículos internos de comunicação – e também por outros veículos de comunicação hegemônicos, pois localizamos as mesmas imagens em ambos os *sites*. Neste sentido, a matéria retirada do portal *Terra* trata desta tendência distinta apresentada pela *galera* Banca Nervosa em meio à pixação, apresentando algumas imagens das ações de protesto da *galera* pela cidade de Belo Horizonte.

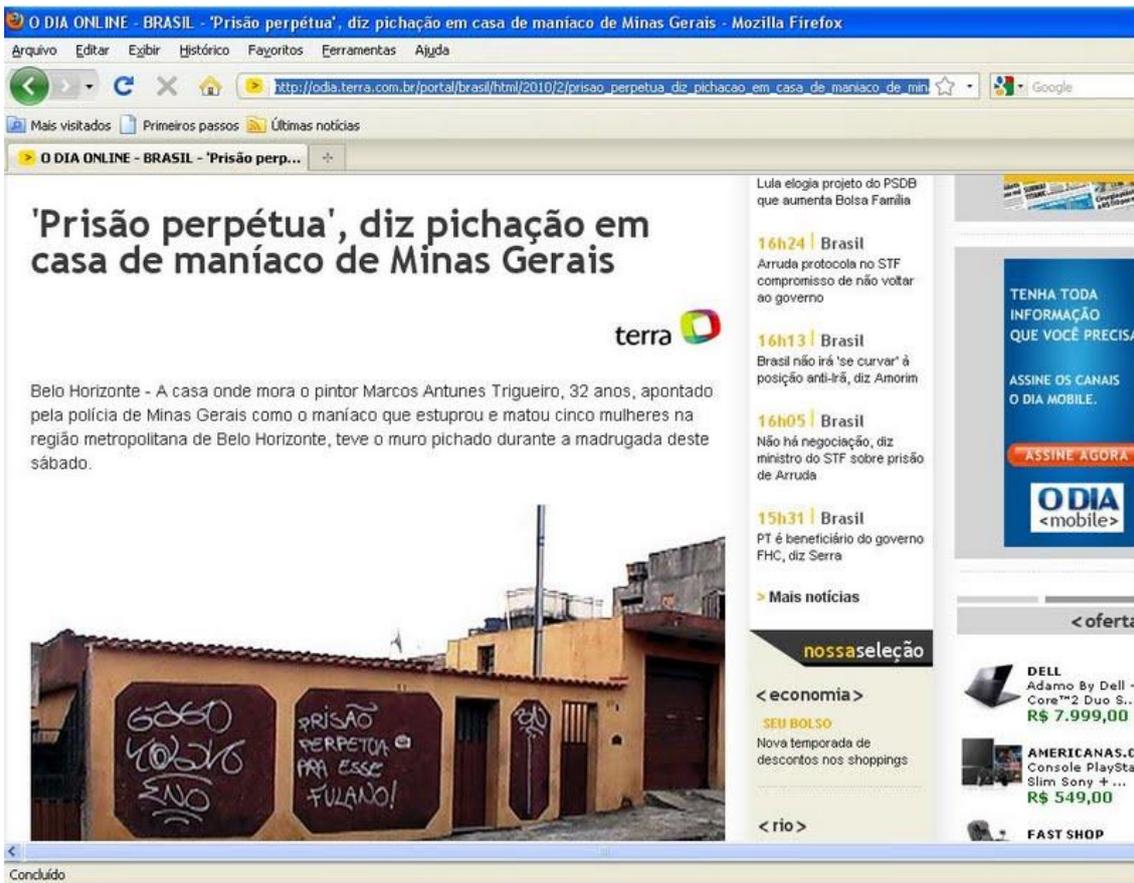


Figura 58 - GAGO, TOSK – ZNO (Zona Noroeste), BN (Banca Nervosa) – “Prisão Perpétua pra esse fulano”.

Deste modo, ao avaliar a ação dos pixadores, do grupo em questão, de coletar todo material a respeito de suas ações na mídia, percebemos que esta ação assume um caráter ambíguo neste jogo de interações e acusações.

Destarte, por um lado, ao mesmo tempo em que a mídia veicula opiniões que relegam os pixadores às categorias estigmatizantes, tais como, as de criminosos e vândalos, também contribui para o fenômeno da pixação, pois os pixadores colecionam todas as matérias que são veiculadas na mídia impressa, na medida em que estar na imprensa ajuda a divulgar a sua alcunha individual e a sigla da sua *galera*, aumentando, conseqüentemente, o *ibope* da *galera* no meio da pixação. Dito de outro modo, o processo da pixação ocorre em distintas etapas: primeiro o pixador *escolta* – escolhe - o suporte durante a semana; depois sai para o *rolê*, sozinho ou acompanhado de outros pixadores; nos dias seguintes à ação, os pixadores saem para fotografar suas ações; em seguida, estes postam as imagens nas redes sociais – ou, então, se a ação for

relevante, como fora explicado anteriormente, sairá na mídia e o pixador se dirigirá à banca de jornais, comprará o exemplar e escaneará a imagem de sua ação, ou, capturará a foto de seu *rolê* a partir da navegação na internet; e, por fim, esperará os comentários de outros pixadores sobre as imagens publicadas. Concluimos também que a imagem de vândalos não os incomoda, e a imprensa em nada os pode prejudicar; pelo contrário, esta por mais que lhes atribua inúmeros qualificativos estigmatizantes, acaba por promover e retroalimentar o fenômeno da pixação.

“RABISCANDO” ALGUMAS CONCLUSÕES

Tomo tiro dos “herói”
e sou enquadrado pelos “porcos”, sabe porque?
Nem se eu escrevesse um livro você iria entender!
Só quem vive tá ligado!
(PLOR GVL)⁹¹

Optei por iniciar a seção final da presente dissertação de mestrado citando a frase do pixador PLOR da *galera* GVL (Geração Vida Loka), pois creio que esta resume um pouco do sentimento de incompletude que pulula a cabeça de qualquer pesquisador de mestrado de Antropologia Social ao término de sua pesquisa etnográfica. No breve intervalo de dois anos de pesquisa me vi diante do desafio de - além de cursar todos os créditos de disciplina, estágio docente, dentre outras obrigações - conseguir estabelecer uma relação de confiança com os agentes de minha pesquisa e, conseqüentemente, desenvolver a observação participante, para que só assim pudesse conseguir redigir e defender a dissertação que por hora apresento.

Por mais que tenha me esforçado por trabalhar com distintas fontes de pesquisa, além da própria observação participante, minha apreensão do fenômeno da pixação passa longe de ser completa – e, também, nem nutrimos este objetivo. De qualquer modo, podemos concluir a partir da epígrafe citada, que mesmo que um pixador escrevesse um livro, ainda assim, a minha/nossa apreensão do fenômeno seria reduzida. Assim sendo, me limito apresentar aqui minha visão parcial de determinadas esferas de tal fenômeno.

Antes de apresentar as considerações mais gerais, possibilitadas pelo exercício antropológico efetivado em cada capítulo, gostaria de salientar um pouco do meu aprendizado junto aos pixadores da grande Belo Horizonte. Com

⁹¹ A frase que tomamos como epígrafe foi coletada por mim de um determinado grupo de pixação da rede social facebook. Além da dificuldade salientada pelo próprio pixador no que diz respeito aos limites de se construir um discurso ou uma síntese sobre a pixação, percebemos a representação negativa de dois adversários dos pixadores, quais sejam, os “heróis” e os “porcos”. Como já destacamos anteriormente, a primeira categoria se refere aos moradores, transeuntes e vigias particulares que assumem o papel do Estado e de alguma forma tentam inibir às ações dos pixadores. Por sua vez a categoria *porcos* se refere pejorativamente aos Policiais Militares, Civis e Guarda Municipais. Além desta categoria, tais agentes do Estado também são tidos como “Vermes”, dentre outros qualificativos.

os pixadores da capital mineira, principalmente, com os Malucos do Floresta, aprendi o quanto a cidade pode ser vivenciada de forma muito mais intensa do que comumente é vivida pelos cidadãos que nela habitam. Em outras palavras, a partir do contato com estes jovens é que percebi como a vida urbana é capaz de possibilitar “outros mundos possíveis” àqueles que nela habitam.

Tal como em qualquer pesquisa antropológica, o próprio campo de pesquisa impôs inúmeras mudanças teórico-metodológicas, bem como alguns recortes. Neste ínterim, ao contrário do planejamento estabelecido em meu projeto de mestrado, me deparei com a necessidade de estabelecer um recorte temático, em detrimento dos inúmeros agentes e práticas que me propunha a trabalhar preliminarmente.

Dito isso, podemos inferir que o estudo da prática da pixação em Belo Horizonte nos permite extrair, dos três capítulos apresentados anteriormente, duas conclusões principais, mas que deixam entrever inúmeras outras constatações etnográficas mais pormenorizadas. Assim, dois temas perpassam todos os capítulos, a saber: podemos perceber um “relacionismo radical” – nos dizeres de Florencia Ferrari – e um modo de conduta que se contrapõe à ordem vigente, seja ela psíquica, legal, moral, social e religiosa, que se efetiva por meio de distintas práticas, para além do simples ato de pixar.

Inicialmente, abordamos algumas das principais categorias nativas da pixação mineira, o que nos permitiu compreender algumas de suas regras e relações internas. Vimos como os pixadores, além de possuírem suas marcas individuais, se inserem em *galeras*. Por sua vez, as *galeras* estabelecem alianças com outras *galeras* formando o que os pixadores chamam de *grifes*. Além disso, um pixador, por vezes, ainda representa mais de uma *grife*, como por exemplo, poderíamos citar o pixador PAVOR – que além da sua *galera*, PVL – representa duas *grifes*, a OP (Os Piores de Sampa) e a JL (Janeleiros Lokos) – ambas de São Paulo.⁹²

⁹² Em outros tempos, o pixador PAVOR representava a grife mineira Os Piores de Belô. Todavia, com a graduação desintegração desta grife, e com a polêmica existente entre pixadores de São Paulo e de Minas Gerais sobre quem poderia marcar o símbolo da grife, bem como sobre a discussão em torno da legitimidade da mesma, haja vista que o símbolo OP

Em linhas gerais, no que tange às relações internas estabelecidas pelos pixadores, creio que as categorias principais que denotam conflito – principalmente, *atropelar* e *quebrar* – demonstram o quão são importantes as relações estabelecidas entre os pixadores, pois estas promovem disjunções que os unem, e relações que os separam. Uma vez que um pixador atravessou a *preza* de outro pixador, o pixador que foi prejudicado, de uma forma simbólica ou, até mesmo, por violência física, buscará de alguma forma saber o motivo do *atropelo*, e assim resolver o conflito. Tal acontecimento desencadeará o acionamento de uma série de alianças entre pixadores e *galeras*, com o intuito de que o *desacerto* seja resolvido, seja por meios pacíficos, seja por agressões simbólicas ou físicas. De modo similar, uma *quebra*, ainda que não seja capaz de gerar um acerto de contas entre pixadores, é capaz de gerar um conflito tácito entre os envolvidos, disparando uma série de comentários entre os pixadores, atualizando, assim, as representações e registros que os pixadores têm e tiveram de determinada porção da paisagem urbana. De todo modo, percebemos, de modo mais intenso, através de distintas abordagens e fontes, como a pixação é capaz de promover novas amizades, novos contatos e relações de troca entre os pixadores. Assim sendo, não queremos polarizar nem a esfera do conflito e nem as relações amistosas inerentes a tal prática.

A meu ver, foi interessante constatar como a prática da pixação questiona valores como, por exemplo, o estatuto da propriedade privada levando ao limite a problemática que tangencia o direito à liberdade de expressão. No entanto, ao mesmo tempo, tal fenômeno reproduz alguns valores caros à sociedade urbana contemporânea, tais como a disputa e a individualidade. Neste sentido, a representação que os pixadores têm do centro da cidade parece ser elucidativa. Como vimos anteriormente, os pixadores dão maior importância para essa região da cidade, pois têm consciência de que ao *marcar* uma inscrição nesta porção da cidade, conseqüentemente, terão mais *ibope* dentre seus pares; assim, acabam por reproduzir algumas das marcas que compõem a paisagem citadina, como por exemplo, a publicidade, que

e a própria grife paulista já existiam, é que o pixador PAVOR dentre outros passou a representar, na capital mineira, a *grife* paulistana em foco.

toma por alvo as regiões mais visualizadas da cidade na busca pela divulgação de suas marcas.

Ainda no que tange às representações e usos do espaço urbano, uma das constatações mais interessantes da nossa pesquisa etnográfica diz respeito ao dado que me permitiu descobrir como os pixadores se orientam no espaço. Em uma das minhas observações participantes, onde tive oportunidade de acompanhar inúmeras ações da galera MF durante uma madrugada, a partir de uma fala de GINK, aprendi que os pixadores se orientam pela cidade tomando as pixações como marcos referenciais em meio aos seus trajetos. Assim, quando um determinado pixador quer explicar um endereço para o outro, mas não consegue lograr êxito, lança mão das próprias pixações grafadas pela cidade para poder conseguir dar conta de situar espacialmente o pixador com que este está mantendo diálogo.

Ademais, vimos ainda como os territórios são importantes para os pixadores, bem como alguns qualificativos que retomam e fazem menção às condições periféricas – tão presentes nos nomes das *galeras*. De qualquer maneira, percebemos como são fluidos e permeáveis os limites entre os territórios representados pelas galeras. Por meio dos contatos e das relações de troca, estabelecidas tanto no principal espaço de socialidade dos pixadores, neste caso no *Rap*, quanto nas redes sociais, é que os pixadores negociam seus *rolês* com outros pixadores, de modo que estes acabam conhecendo e pixando outras *áreas* da cidade.

Na sequência, analisamos como a pixação da grande Belo Horizonte é melhor compreendida se for apreendida em relação com as pixações paulistanas e cariocas. Sobre esta taxativa, as categorias nativas *alfabeto paulista* e *carioca* (*carioquinha*, *emboladinha*) são deveras elucidativas. Neste sentido, em termos estilísticos, podemos afirmar que a construção do *letrero* mineiro se deu a partir das relações estabelecidas entre os pixadores das principais capitais da região sudeste. Contudo, percebemos também que os pixadores mineiros não estabelecem apenas uma permuta estilística com os pixadores de outras regiões. Estes, na exploração dos suportes urbanos, também trocam informações acerca de materiais e técnicas. Portanto,

podemos apreender como as relações dos pixadores ultrapassam os limites da grande Belo Horizonte, pois estes agentes mantêm relações de troca com pixadores de outras cidades, através das alianças e da extensão de grupos de outras cidades, para a metrópole mineira.

No que concerne ainda aos materiais, técnicas, suportes e estilos, tivemos a surpresa, no momento de sistematizar os dados de nossa pesquisa, que estas quatro esferas não podem ser explicadas em separado. Neste sentido, nenhuma dicotomia entre materiais e técnicas ou suportes e estilos seriam cabíveis. Determinados estilos e técnicas só podem ser compreendidos se forem tratados de modo correlato com certos suportes e materiais. Assim, uma *preza carioquinha*, mormente, é *marcada* em uma *pedrinha* com uma lata spray. Por sua vez, só faz sentido marcar uma *preza paulista* em um topo de prédio com o uso de um *rolinho* – ou se for com uma lata de spray lançando mão da técnica do *bicão* - em um muro extenso, em um viaduto ou em um topo de prédio – dentre outros exemplos.

Por conseguinte, aprendemos como são diversificados os espaços onde os pixadores mantêm relações de troca. Nesta empreitada, tivemos a oportunidade de etnografar a prática da pixação em festas e eventos que objetivavam lançar e exibir os DVDs de pixação produzidos pelos próprios pixadores. Ainda no que diz respeito à fabricação de determinados materiais, produtos e utensílios voltados para a prática da pixação, vimos como estes são importantes na constituição da pessoa do pixador.

Como salientamos anteriormente, a ambiguidade parece ser uma característica marcante e inerente ao fenômeno sobre o qual nos debruçamos. Tal fato se mostrou de uma forma bastante nítida quando analisamos as relações ambíguas estabelecidas entre os usos e apropriações que os pixadores estabelecem com a mídia. Tal ambiguidade também se mostra patente quando analisamos as falas dos pixadores que, ao mesmo tempo que criticam os órgãos responsáveis pela inibição de tal fenômeno, advogam e defendem a importância do caráter ilegal da pixação. Inúmeros foram os comentários e as representações negativas, por mim mapeadas, desferidas pelos pixadores contra o “Olho Vivo”, a Polícia Militar, a Guarda Municipal e a

PBH. Todavia, como os mesmos ressaltam constantemente que boa parte da adrenalina proporcionada durante o *rolê* se dá pela ilegalidade, pelo perigo de ser flagrado por um *Gambé*, podemos concluir que a repressão age de modo retroativo, logo, reprimindo, mas também contribuindo para a prática da pixação.

Por meio desta abordagem mais ampla, - em específico no capítulo três - no intuito de se lançar um olhar mais abrangente, é que percebemos, portanto, como este fenômeno deve ser apreendido através das suas mais distintas formas de relação. Isto é, advogamos que para abordar um objeto de pesquisa como este, que pode ser visto como uma forma de *desvio* social, seja importante mapear, senão todas, a maior parte das relações estabelecidas pelos pixadores, tais como podemos observar no esquema abaixo:

pixadores x pixadores
pixadores x pixadores paulistas
pixadores x pixadores cariocas
pixadores x grafiteiros
pixadores x grapixeiros
pixadores x <i>galeras</i>
<i>galeras x galeras</i>
<i>galeras x grifes</i>
<i>grifes x grifes</i>

Além dessas relações, que constituem aquilo que chamam de *cultura de rua*, teríamos outras possíveis, que intitulamos, aqui, como relações externas:

pixadores x policiais militares
pixadores x policiais civis
pixadores x Guarda Municipal
pixadores x PBH
pixadores x publicidade
pixadores x taxistas
pixadores x vigilantes particulares
pixadores x moradores
pixadores x proprietários

Sendo assim, apreendemos o quão é extensa a rede de relações, inexoravelmente, estabelecida, ainda que, por vezes, de forma indireta, pelos pixadores na grande Belo Horizonte. E é justamente por conta desta complexa e heterogênea rede de relações, bem como a partir da fluidez existente entre as *galeras* de pixação mineiras, que podemos inferir a importância de termos trabalhado com a noção de socialidades. Por conta da extensão das relações estabelecidas pelos pixadores mineiros na região da grande Belo Horizonte, é que podemos inferir que na capital mineira existe uma pixação *de / em* Belo Horizonte. Ademais, é importante lembrar que esta pesquisa nos auxiliou a relativizar alguns estereótipos relacionados ao fenômeno, que buscam relacionar a pixação com a pobreza, e ao mesmo tempo, sempre relacionando esta prática com uma atividade exclusivamente masculina e juvenil.

Pensando à luz de um dos contributos da antropóloga britânica Marilyn Strathern, que afirma que as “as pessoas não interagem ‘com’ cultura, elas interagem com pessoas com quem têm relações” (STRATHERN: 2005, p. 132), é que afirmamos que não existe uma cultura da pixação mineira em si, como uma realidade dada, ou como termo independente. Portanto, esta deve ser entendida dentro de um sistema que coloca em relação não só pessoas, mas um conjunto de coisas que possuem um poder de agência. Em suma, em todos os âmbitos que analisamos a pixação mineira, seja nas suas formas de apropriação e usos do espaço, seja na constituição dos nomes das *galeras* e *grifes*, em suas formas de produzir seus próprios produtos, ou ainda nas suas peculiares formas de apropriação da mídia, podemos perceber que há todo um modo de ser marginal, um discurso e uma prática que vão contra a ordem vigente, dentro de um complexo contexto relacional.

Referências Bibliográficas

- ABRAMOVAY, Miriam. *et al. Gangues, Galeras, Chegados e Rappers*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- ALCÂNTARA, Sergio. A. e GUEDES, Rodrigo. B. F. *Pichação: Demarcação Territorial do Hipercentro de Belo Horizonte – 2012* (Iniciação Científica) FAPEMIG. PUC – Minas, 2012.
- ARANTES NETO, Antonio Augusto. (org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Editora Papyrus, 2000.
- _____. *Paisagens paulistanas*. Transformações do espaço público. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.
- ARCE, José Manuel Valenzuela. *Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999. 184p.
- AUGÉ, Marc. *Não lugares*. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Editora Papyrus, 1994.
- BACHELLARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.
- BATAILLE, Georges. *A mutilação sacrificial e a orelha cortada de Van Gogh*. Lisboa: Hiena Edições, 1994.
- BECKER, Howard Saul. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Trad. Maria Luiza X. de Borges; revisão técnica Karina Kuschnir. - 1ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BENJAMIN, Walter. “Paris, Capital do Século XIX”. In: Kothe, Flávio R. (Org.) *Walter Benjamin: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1985.
- BAUDRILLARD, Jean. “Kool Killer ou a insurreição pelos signos”. Tradução Fernando Mesquita. *Revista Cine-Olho*. São Paulo nº 5/6, jun/jul/ago, 1979.
- BITTENCOURT, Luciana Aguiar. “Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela & LEITE, Miriam L. Moreira. (Orgs.) *Desafios da Imagem*. Fotografia, Iconografia e Vídeo nas Ciências Sociais. Editora Papyrus, Campinas, SP, 1998.
- CAIAFA, Janice. *O movimento punk na cidade*. A invasão dos bandos sub. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR, 1987.

_____. *Aventura das cidades: ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CALDEIRA, Teresa P. do Rio. *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4ªed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999. 290p.

_____. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 3ªed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

CANEVACCI, Massimo. *A Cidade Polifônica*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CARVALHO, Rodrigo Amaro de. "Caligrafia Urbana: práticas simbólicas, sociabilidades e criminalização da pichação em São Paulo. Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p. 120-139, agosto. 2011. Semestral. Disponível em: <http://www.habitus.ifcs.ufrj.br>.

CLIFFORD, James. "Sobre la recolección de arte y cultura", *Dilemas de la Cultura*. Antropología, literatura y arte en la perspectiva posmoderna. Barcelona, Espanha: Editorial Gedisa SA, 1995.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas Paisagens Humanas. In: *Paisagem, tempo e cultura*. CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDHAL, Zeny. 2ª Edição. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

COSTA, Jones Vieira da. *A galera do xarpi carioca*. Monografia de Graduação. Comunicação Social – Jornalismo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

DA MATTA, Roberto. *A Casa & a Rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles ; GUATTARI, Félix. Conclusão regras concretas e máquinas abstratas. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, v.5, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, v.1, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Micropolítica e segmentaridade In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, v.3, 1996.

DURHAM, Eunice. "Introdução". In: *Malinowski*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1986.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: 3ª Edição. Editora Martins Fontes, 2002.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FELDMAN-BIANCO, Bela. "Introdução". In: FELDMAN-BIANCO, Bela & LEITE, Miriam L. Moreira. (Orgs.) *Desafios da Imagem. Fotografia, Iconografia e Vídeo nas Ciências Sociais*. Editora Papyrus, Campinas, São Paulo, 1998.

FERRARI, Florencia. Como estudar nômades com um pensamento nômade? Sugestões para definir um campo em Antropologia. Retirado do site NAnSi (Núcleo de Antropologia Simétrica). <https://sites.google.com/a/abaetenet.net/nansi/abaetextos/como-estudar-n%C3%B4mades-com-um-pensamento-n%C3%B4made-sugest%C3%B5es-para-definir-um-campo-em-antropologia-florencia-ferrari>

FÍGOLI, Leonardo H. G. "A paisagem como dimensão simbólica do espaço: o mito e a obra de arte". *Sociedade e Cultura*. V. 10, N. 01, 2007.

FRUGOLI JR, Heitor. *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

GELL, Alfred. "The problem defined: The need for an anthropology of art". In: *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford, Clarendon Press, 1998. Tradução: Paulo Henriques Britto "Definição do problema: a necessidade de uma antropologia da arte". *Revista Poiésis*, Tradução de Paulo Henrique Brito. N. 14, p. 245-261, Dez. de 2009.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GITAHY, Celso. *O que é graffiti*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1988.

GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

- _____. *Caosmose*. Um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. “Subjetividade e história”. In: GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as condições da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- INGOLD, Tim (ed.). *Key Debates in Anthropology*. London: Routledge, 1996.
- ISNARDIS, Andrei. *Pichações e pichadores na cidade de Belo Horizonte*. Monografia de Graduação. Curso de Ciências Sociais da UFMG de Belo Horizonte, 1995.
- _____, “Pinturas Rupestres Urbanas: uma Etnografia das Pichações em Belo Horizonte”, in: *Revista de Arqueologia*, 10: 143-161, 1997.
- ISNARDIS, Andrei & LINKE, Vanessa. Pedras pintadas, paisagens construídas: a integração de elementos culturalmente arquitetados na transformação e manutenção da paisagem. *Revista de Arqueologia*. Volume 23 – N. 1: 42-60 – 2010.
- KNAPP, A. & ASHMORE, W. Archaeological Landscape: constructed, conceptualized, ideational. In: ASHMORE, W. & KNAPP, A. B. (ed.) *Archaeologies of landscape*. Oxford, Blackwell, 1999.
- LAGROU, Els. *A fluidez da forma: Arte, Alteridade, e Agência em uma Sociedade Amazônica (Kaxinawa, Acre)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.
- LAYTON, Robert & UCKO, Peter. “Introduction: gazin on the landscape and encountering the environment”. In: *The archaeology and anthropology of landscape*. London and New York. Routledge, 1999.
- LEITE, Rogério Proença. *Contra-Usos da Cidade*. Lugares e Espaço Público na Experiência Urbana Contemporânea. Campinas: Ed. UNICAMP, 2004.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LODI, Maria Inês. *A escrita das ruas e o poder público no Projeto Guernica de Belo Horizonte*. Núcleo Universitário Coração Eucarístico. 2003. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses>>.

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

_____. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo na sociedade de massas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Rua, símbolo e suporte da experiência urbana*. In: NAU – Núcleo de Antropologia Urbana da USP, São Paulo. Disponível em <http://www.n-a-u.org/ruasimboloesuporte.html>, 2007 a.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Introdução: Circuitos de Jovens”. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor, SOUZA, Bruna Mantese de. (org.) *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. 1ª ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor, TORRES, Lílian de Lucca. (orgs.) *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. *De rolê pela cidade*. Dissertação de Mestrado. PPGAS/FFLCH/USP, São Paulo/SP, 2005.

_____. “Pichando a cidade: apropriações ‘impróprias’ do espaço urbano”. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor, SOUZA, Bruna Mantese de. (org.) *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. 1ª ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

_____. “Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas Ciências Sociais”. *Revista Pontourbe*. Ano 1, 2007. Disponível em <http://www.n-a-u.org/PEREIRA-a-2007.html>

RAMOS, Célia Maria Antonacci. *Grafite, pichação & cia*. São Paulo: Annablume, 1994.

ROCHA, Janaína; DOMENICH, Mirella, CASSEANO, Patrícia. *Hip-hop: a periferia grita*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

- SAHLINS, Marshall. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- SIMMEL, Georg. "A metrópole e a vida mental". Trad. Sérgio Marques dos Reis. In: VELHO, Otávio Guilherme. (org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973.
- _____. *Questões fundamentais de Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- SOUZA, David da Costa Aguiar de. Graffiti, Pichação e outras modalidades de intervenção urbana: caminhos e destinos da arte de rua brasileira. In: ENFOQUES -Revista Eletrônica dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia/IFCS/UFRJ. – V. 7, n. 1 (Março de 2008). Rio de Janeiro: PPGSA, 2008.
- STRATHERN, Marilyn. "The Limits of Auto-Anthropology". In: Anthony Jackson (ed.). *Anthropology at Home*. London: Tavistock, 1987.
- STRATHERN, Marilyn; PEEL, J. D. Y.; TOREN, CHRISTINA & SPENCER, Jonathan. "The concept of society is theoretically obsolete". INGOLD, Tim (Org). *Key Debates in Anthropology*. London: Routledge, 1996.
- _____. 1999. "No Limite de uma Certa Linguagem". *Mana*, 1999.
- _____. *Partial Connections*. Lanham: AltaMira Press, 2005.
- _____. "Losing (out on) Intellectual Resources". In: *Kinship, Law and the Unexpected: Relatives are Always a Surprise*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- VELHO, Gilberto. *Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
- TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas, Editora Autores Associados/ANPOCS, 1996.
- VIANNA, Hermano. "Introdução", in: VIANNA, Hermano. (org.), *Galeras Cariocas*, Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- VIANA, Maria Luiza, BAGNARIOL, Piero. História recente do graffiti. In: *Guia Ilustrado de Graffiti e Quadrinhos*. Belo Horizonte: Fapi, 2004.
- VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. São Paulo: Editora 34, 1993.

WAGNER, Roy. Existem grupos sociais nas terras altas da Nova Guiné?. "Are There Social Groups in the New Guinea Highlands?" In: Murray J. Leaf (ed). *Frontiers of Anthropology: An Introduction to Anthropological Thinking*: 95-122. New York: D. Van Nostrand Company, 1974. Traduzido por DULLEY, Iracema. *Cadernos de Campo*. São Paulo, n. 19, p. 1-384, 2010

WHYTE, William Foot. *A sociedade de esquina*. A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

Referências na internet

http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/06/12/interna_gerais,299709/pichador-que-atacou-estatua-de-cristo-age-por-vinganca-diz-delegada.shtml

http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/09/06/interna_gerais,316019/pichadores-sao-invisiveis-em-belo-horizonte.shtml

<http://www.slideshare.net/prefeituradebh/movimento-respeito-por-bh>

<http://suvacodecobrahiphop.blogspot.com.br/2012/06/preso-o-maior-pichador-de-bh.html>

Vídeos

Marcas das Ruas. DJAN CRIPTA. 2010.

100 Comédia Brasil – Sul, Sudeste. DJAN CRIPTA. 2012.

http://www.youtube.com/watch?v=u6ME_z8t_d0

<http://www.youtube.com/watch?v=RD8r4mWHmkl>

Outras Fontes de Pesquisa

Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, s/d.

Créditos das Imagens

Figura 1 - <http://www.orkut.com.br/Main#fotoscossiopics?cmm=99139066>

Figura 2 – Créditos do autor.

Figura 3

<http://www.orkut.com.br/Main#Album?uid=9084895749101595402&aid=1318324442>

Figura 4 - Créditos do autor.

Figura 5 - Créditos do autor.

Figura 6 - Créditos do autor.

Figura 7 - Créditos do autor.

Figura 8

<http://www.google.com.br/maps?hl=PT-BR&tab=wl>

Figura 9 - Créditos do autor.

Figura 10 - Créditos do autor.

Figura 11

<http://www.orkut.com.br/Main#AlbumZoom?gwt=1&uid=2277515141437301791&aid=1315391785&pid=1315417054392>

Figura 12 - Créditos do autor.

Figura 13 - Créditos do autor.

Figura 14 - Créditos do autor.

Figura 15 - Créditos do autor.

Figura 16 - Créditos do autor.

Figura 17 - Créditos do autor.

Figura 18 - Créditos do autor.

Figura 19

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=418548291546109&set=a.418547491546189.100362.100001728265308&type=3&theater>

Figura 20

https://www.facebook.com/photo.php?fbid=303113453130715&set=pb.100002961876045.-2207520000.1354134381&type=3&src=https%3A%2F%2Ffbcdn-sphotos-e-a.akamaihd.net%2Fhphotos-ak-snc6%2F6219_303113453130715_1722442724_n.jpg&size=960%2C720

Figura 21

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=418548291546109&set=a.418547491546189.100362.100001728265308&type=3&theater>

Figura 22 - Créditos do autor.

Figura 23 - Créditos do autor.

Figura 24

<http://www.flickr.com/photos/criptadjan>

Figura 25

<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.389336227800649.92392.100001728265308&type=3>

Figura 26 - Créditos do autor.

Figura 27 - Créditos do autor.

Figura 28 - Créditos do autor.

Figura 29

https://www.facebook.com/photo.php?fbid=303113453130715&set=pb.100002961876045.-2207520000.1354134381&type=3&src=https%3A%2F%2Ffbcdn-sphotos-e-a.akamaihd.net%2Fhphotos-ak-snc6%2F6219_303113453130715_1722442724_n.jpg&size=960%2C720

Figura 30 - Créditos do autor.

Figura 31 - Créditos do autor.

Figura 32 - Créditos do autor.

Figura 33 - Créditos do autor.

Figura 34

<https://www.facebook.com/xspray?fref=ts>

Figura 35 - Créditos do autor.

Figura 36 - Créditos do autor.

Figura 37 - Créditos do autor.

Figura 38 - Créditos do autor.

Figura 39 - Créditos do autor.

Figura 40 - Créditos do autor.

Figura 41 - Créditos do autor.

Figura 42

<https://www.facebook.com/profile.php?id=100004487345727&ref=ts&fref=ts>

Figura 43 – Créditos do autor.

Figura 44 - Créditos do autor.

Figura 45 –. Créditos do autor.

Figura 46 – Créditos do autor.

Figura 47

<https://www.facebook.com/realvandal.graffiti.7?fref=ts>

Figura 48

<https://www.facebook.com/realvandal.graffiti.7/photos>

Figura49

https://www.facebook.com/photo.php?fbid=228914533884792&set=pb.100002987400866.-2207520000.1354136886&type=3&src=https%3A%2F%2Ffbcdn-sphotos-a-a.akamaihd.net%2Fhphotos-ak-ash4%2F462168_228914533884792_375885933_o.jpg&smallsrc=https%3A%2F%2Ffbcdn-sphotos-a-a.akamaihd.net%2Fhphotos-ak-ash3%2F581942_228914533884792_375885933_n.jpg&size=2048%2C1536

Figura 50 - Créditos do autor.

Figura 51

<http://www.cidadedemocratica.org.br/topico/1847-movimento-respeito-por-bh-combate-a-pichacao>

Figura 52 - Créditos do autor.

Figura 53 - Créditos do autor.

Figura 54 - Créditos do autor.

Figura 55 - Créditos do autor.

Figura 56

https://www.facebook.com/photo.php?fbid=186504004792512&set=pb.100002987400866.-2207520000.1354136912&type=3&src=https%3A%2F%2Ffbcdn-sphotos-a-a.akamaihd.net%2Fhphotos-ak-ash4%2F422943_186504004792512_1037351592_n.jpg&size=800%2C592

Figura 57

https://www.facebook.com/photo.php?fbid=186504004792512&set=pb.100002987400866.-2207520000.1354136912&type=3&src=https%3A%2F%2Ffbcdn-sphotos-a-a.akamaihd.net%2Fhphotos-ak-ash4%2F422943_186504004792512_1037351592_n.jpg&size=800%2C592

Figura 58

https://www.facebook.com/photo.php?fbid=187008434742069&set=pb.100002987400866.-2207520000.1354136912&type=3&src=https%3A%2F%2Ffbcdn-sphotos-f-a.akamaihd.net%2Fhphotos-ak-ash4%2F426404_187008434742069_29581966_n.jpg&size=800%2C625